olimpíada
de Língua Portuguesa

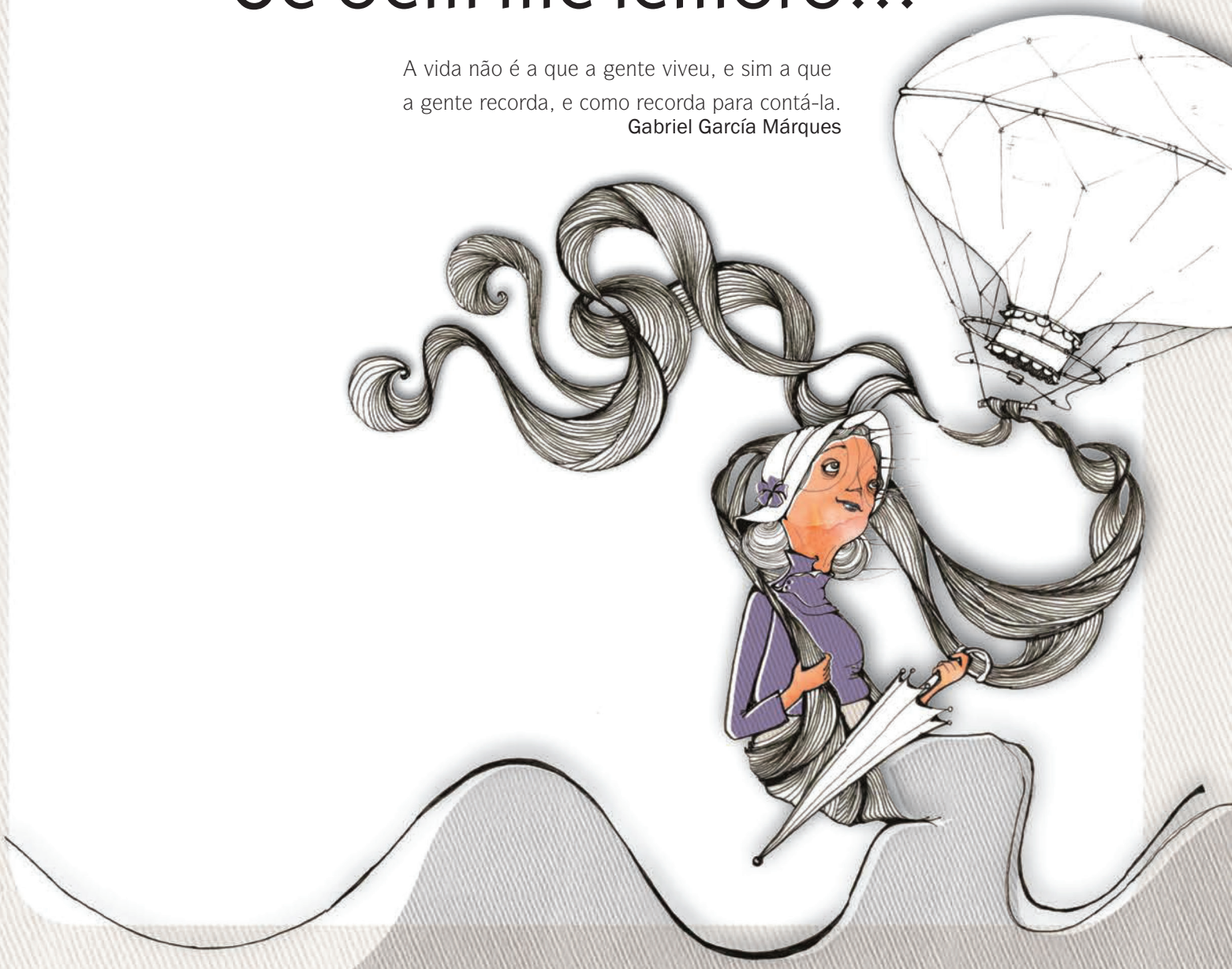
Se bem me lembro...

CADERNO DO DOCENTE

Orientações para produção de textos do gênero memórias literárias

Se bem me lembro...

A vida não é a que a gente viveu, e sim a que
a gente recorda, e como recorda para contá-la.
Gabriel García Márques



Copyright © by Cenpec e Itaú Social

Iniciativa
Itaú Social

Coordenação técnica

CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas
em Educação, Cultura e Ação Comunitária

Créditos da publicação

Coordenação
Maria Aparecida Laginestra

Autores
Anna Helena Altenfelder
Ana Paula Severiano
Neide Almeida
Regina Andrade Clara

Leitura crítica
Carolina Suhet Quintanilha Ferreira
Elizabeth Marcuschi
Zoraide Faustinioni Silva

Colaboração
Antonio Gil Neto
Cristina Zelmanovitz
Neide Almeida

Organização
Carolina Suhet Quintanilha Ferreira
Jéssica Nozaki
Louise Cremonezi Nazareth
Marcela Pasqualucci Ronca
Maria Aparecida Laginestra

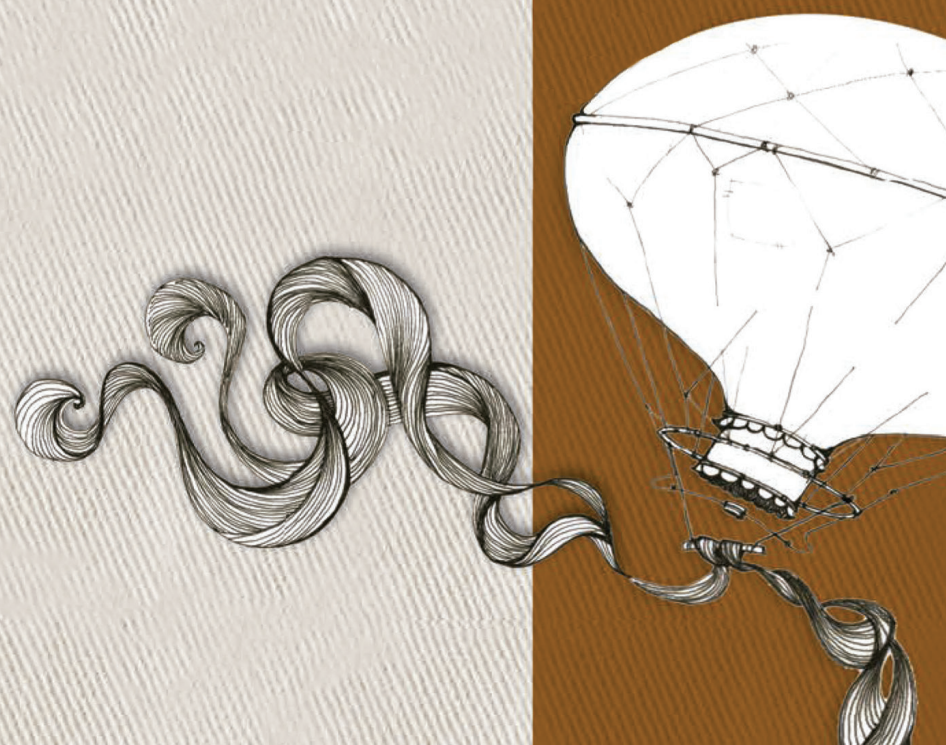
Projeto gráfico e capa
Criss de Paulo e Walter Mazzuchelli

Ilustrações
Criss de Paulo

Editoração
agwm editora e produções editoriais

Contato

Telefone: 0800-7719310
e-mail: escrevendofuturo@cenpec.org.br
www.escrevendoofuturo.org.br



Caro professor, cara professora,

Aqui você encontra uma sequência didática, organizada em oficinas, para o ensino da escrita de um gênero textual. As atividades propostas estão voltadas para o desenvolvimento da competência comunicativa, envolvendo leitura e análise de textos já publicados, linguagem oral, conceitos gramaticais, pesquisas, produção, aprimoramento de texto dos(as) estudantes etc. Consiste em material de apoio para planejamento e realização das aulas.

Para que os(as) estudantes possam ter contato com os textos trabalhados nas oficinas, no final deste Caderno está a **Coletânea de textos**, que os traz sem comentários ou análises.

Desejamos um ótimo trabalho!

Sumário

Apresentação
pág. 7

Introdução ao gênero
pág. 25

1
Naquele tempo...
pág. 31

2
Museu do eu, museu do nós
pág. 39

3
Vamos combinar?
pág. 49

4
Semelhantes, porém diferentes
pág. 57

5
Primeiras linhas
pág. 65

6
Tecendo os fios da memória
pág. 69

7
Lugares que moram na gente
pág. 81

8
Nem sempre foi assim
pág. 89

9
Na memória de todos nós
pág. 97

10
Marcas do passado
pág. 109

11
Ponto a ponto
pág. 119

12
A entrevista
pág. 125

13
Da entrevista ao texto de memórias literárias
pág. 135

14
Como um filme
pág. 145

15
Ensaio geral
pág. 155

16
Agora é a sua vez
pág. 161

17
Últimos retoques
pág. 165

Referências
pág. 174

Coletânea
pág. 179

Apresentação

Ler e escrever: um desafio para todos

Neste Caderno falamos diretamente com você, que está na sala de aula "com a mão na massa". Contudo, para preparar este material conversamos com pessoas que pesquisam, discutem ou discutiram a escrita e seu ensino. Entre pesquisadores e pesquisadoras de diferentes campos do conhecimento que têm se dedicado a elaborar propostas didáticas para o ensino de língua, destacamos o Prof. Dr. Joaquim Dolz, do qual apresentamos, a seguir, uma pequena biodata e um texto, de sua autoria, uma espécie de prefácio, em que esse ilustre professor tece comentários sobre a Olimpíada de Língua Portuguesa.

Juntamente com Jean-Paul Bronckart, Bernard Schneuwly e outros pesquisadores, **Joaquim Dolz** pertence a uma escola de pensamento genebrina que tem influenciado muitas pesquisas, propostas de intervenção e de políticas públicas de educação em vários países. No Brasil, a ação do trabalho desses pesquisadores se faz sentir até mesmo nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Dolz nasceu em 1957, em Morella, na província de Castellón, Espanha. Atualmente, é professor da unidade de didática de línguas da Faculdade de Psicologia e das Ciências da Educação da Universidade de Genebra (Suíça). Em sua trajetória de docência, pesquisa e intervenção, tem se dedicado sobretudo à didática de línguas e à formação de professores. Desde o início dos anos 1990 é colaborador do Departamento de Instrução Pública de Genebra, atuando notadamente na elaboração de planos de ensino, ferramentas didáticas e formação de professores.

A Olimpíada de Língua Portuguesa: uma contribuição para o desenvolvimento da aprendizagem da escrita

Joaquim Dolz

Faculdade de Psicologia e das Ciências da Educação, Universidade de Genebra (Suíça)
[Tradução e adaptação de Anna Rachel Machado]

Os antigos jogos olímpicos eram uma festa cultural, uma competição em que se prestava homenagem aos deuses gregos. Os cidadãos treinavam durante anos para poderem dela participar. Quando o barão de Coubertin, na segunda metade do século XIX, quis restaurar os jogos olímpicos, ele o fez com esses mesmos ideais, mas também com o de igualdade social e democratização da atividade desportiva.

Os organizadores da Olimpíada de Língua Portuguesa, imbuídos desses mesmos ideais desportivos, elaboraram um programa para o enfrentamento do fracasso escolar decorrente das dificuldades do ensino de leitura e de escrita no Brasil. Ao fazer isso, não imaginaram que, alguns anos depois, a cidade do Rio de Janeiro seria eleita sede das Olimpíadas de 2016. Enquanto se espera que os jogos olímpicos impulsionem a prática dos esportes, a Olimpíada de Língua Portuguesa também tem objetivos ambiciosos.

Quais são esses objetivos? Primeiro, busca-se uma democratização dos usos da língua portuguesa, perseguindo reduzir o "iletrismo" e o fracasso escolar. Segundo, procura-se contribuir para melhorar o ensino da leitura e da escrita, fornecendo aos professores material e ferramentas, como a sequência didática – proposta nos Cadernos –, que tenho o prazer de apresentar. Terceiro, deseja-se contribuir direta e indiretamente para a formação docente. Esses são os três grandes objetivos para melhorar o ensino da escrita, em um projeto coletivo, cuja importância buscaremos mostrar a seguir.

Ler e escrever: prioridades da escola

Ler e escrever são duas aprendizagens essenciais de todo o sistema da instrução pública. Um cidadão que não tenha essas duas habilidades está condenado ao fracasso escolar e à exclusão social. Por isso, o desenvolvimento da leitura e da escrita é a preocupação maior dos professores. Alguns pensam, ingenuamente, que o trabalho escolar limita-se a facilitar o acesso ao código alfabético; entretanto, a tarefa do professor é muito mais abrangente. Compreender e produzir textos são atividades humanas que implicam dimensões sociais, culturais e psicológicas e mobilizam todos os tipos de capacidade de linguagem.

Aprender a ler lendo todos os tipos de texto

Trata-se de incentivar a leitura de todos os tipos de texto. Do ponto de vista social, o domínio da leitura é indispensável para democratizar o acesso ao saber e à cultura letrada. Do ponto de vista psicológico, a apropriação de estratégias de leitura diversificadas é um passo enorme para a autonomia do aluno. Essa autonomia é importante para vários tipos de desenvolvimento, como o cognitivo, que permite estudar e aprender sozinho; o afetivo, pois a leitura está ligada também ao sistema emocional do leitor; finalmente, permite desenvolver a capacidade verbal, melhorando o conhecimento da língua e do vocabulário e possibilitando observar como os textos se adaptam às situações de comunicação, como eles se organizam e quais as formas de expressão que os caracterizam.

Dessa forma, o professor deve preparar o aluno para que, ao ler, aprenda a fazer registros pessoais, melhore suas estratégias de compreensão e desenvolva uma relação mais sólida com o saber e com a cultura. Não é suficiente que o aluno seja capaz de decifrar palavras, identificar informações presentes no texto ou lê-lo em voz alta – é necessário verificar seu nível de compreensão e, para tanto, tem de aprender a relacionar, hierarquizar e articular essas informações com a situação de comunicação e com o conhecimento que ele possui, a ler nas entrelinhas o que o texto pressupõe,

sem o dizer explicitamente, e a organizar todas as informações para dar-lhes um sentido geral. Ele precisa aprender a tomar certo distanciamento dos textos para interpretá-los criticamente e ser capaz de identificar suas características e finalidades. Se queremos que descubra as regularidades de um gênero textual qualquer (uma carta, um conto etc.), temos de fornecer- -lhe ferramentas para que possa analisar os textos pertencentes a esse gênero e conscientizar-se de sua situação de produção e das diferentes marcas linguístico-discursivas que lhe são próprias.

Aprender a escrever escrevendo

Entretanto, o que se pretende sobretudo é incentivar a escrita. Por isso, essa Olimpíada acertadamente afirma que estamos em uma "batalha" e para ganhá-la precisamos de armas adequadas, de desenho de estratégias, de objetivos claros e de uma boa formação dos atores envolvidos. Não é suficiente aprender o código e a leitura para aprender a escrever. Escrever se aprende pondo-se em prática a escrita, escrevendo-se em todas as situações possíveis: correspondência escolar, construção de livro de contos, de relatos de aventuras ou de intriga, convite para uma festa, troca de receitas, concurso de poesia, jogos de correspondência administrativa, textos jornalísticos (notícias, editorial, carta ao diretor de um jornal) etc.

Do ponto de vista social, a escrita permite o acesso às formas de socialização mais complexas da vida cidadã. Mesmo que os alunos não almejem ou não se tornem, no futuro, jornalistas, políticos, advogados, professores ou publicitários, é muito importante que saibam escrever diferentes gêneros textuais, adaptando-se às exigências de cada esfera de trabalho. O indivíduo que não sabe escrever será um cidadão que vai sempre depender dos outros e terá muitas limitações em sua vida profissional.

O ensino da escrita continua sendo um espaço fundamental para trabalharmos os usos e as normas dela, bem como sua adaptação às situações de comunicação. Assim, consideramos que ela é uma ferramenta de comunicação e de guia para os alunos compreenderem melhor seu funcionamento todas as vezes que levam em conta as convenções, os usos formais e as exigências das instituições em relação às atividades de linguagem nelas praticadas.

Do ponto de vista psicológico, a escrita mobiliza o pensamento e a memória. Sem conteúdos nem ideias, o texto será vazio e sem consistência. Preparar-se para escrever pressupõe ler, fazer registros pessoais, selecionar informações… atividades cognitivas, todas elas. Mas escrever é também um auxílio para a reflexão, um suporte externo para memorizar e uma forma de regular comportamentos humanos. Assim, quando anotamos uma receita, as notas nos ajudam a realizar passo a passo o prato desejado, sem nos esquecermos dos ingredientes nem das etapas a serem seguidas. Do mesmo modo, quando escrevemos um relato de uma experiência vivida, a escrita nos ajuda a estruturar nossas lembranças.

Do ponto de vista do desenvolvimento da linguagem, escrever implica ser capaz de atuar de modo eficaz, levando em consideração a situação de produção do texto, isto é, quem escreve, qual é seu papel social (jornalista, professor, pai); para quem escreve, qual é o papel social de quem vai ler, em que instituição social o texto vai ser produzido e vai circular (na escola, em esferas jornalísticas, científicas, outras); qual é o efeito que o autor do texto quer produzir sobre seu destinatário (convencê-lo de alguma coisa, fazê-lo ter conhecimento de algum fato atual ou de algum acontecimento passado, diverti-lo, esclarecê-lo sobre algum tema considerado difícil); algum outro objetivo que não especificamos. Deve-se também, para o desenvolvimento da linguagem, planificar a organização do texto e utilizar os mecanismos linguísticos que asseguram a arquitetura textual: a conexão e a segmentação entre suas partes, a coesão das unidades linguísticas que contribuem para que haja uma unidade coerente em função da situação de comunicação.

Esses aspectos de textualização dependem, em grande parte, do gênero de texto. As operações que realizamos quando escrevemos uma receita ou uma carta comercial ou um conto não são as mesmas. Mas, independentemente do texto que escrevemos, o domínio da escrita também implica: escolher um vocabulário adequado, respeitar as estruturas sintáticas e morfológicas da língua e fazer a correção ortográfica. Além disso, se tomarmos a produção escrita como um processo e não só como o produto final, temos de levar em consideração as atividades de revisão, de releitura e de reescrita, que são necessárias para chegarmos ao resultado final desejado.

Escrever: um desafio para todos

Essa Olimpíada lançou um desafio para todos os alunos brasileiros: melhorar as práticas de escrita. Incentivar a participar de um concurso de escrita é uma forma de motivá-los coletivamente. Para que todos possam fazê-lo em igualdade de condições, os materiais disponibilizados pela Olimpíada propõem uma série de situações de comunicação e de temas de redação que antecipam e esclarecem o objetivo a ser alcançado. O papel do professor é indispensável nesse projeto. A apresentação da situação de comunicação, a formulação clara das instruções para a produção e a explicitação das tarefas escolares que terão de ser realizadas, antes de se redigir o texto para a Olimpíada, são condições essenciais para seu êxito. Entretanto, é mais importante ainda o trabalho de preparação para a produção durante a sequência didática. Por meio da realização de uma série de oficinas e de atividades escolares, pretende-se que todos os alunos, ao participar delas, aperfeiçoem o seu aprendizado, colocando em prática o que aprenderão e mostrando suas melhores habilidades como autores.

Só o fato de participar desse projeto já é importante para se tomar consciência do desafio que é a escrita. Entretanto, o real desafio do ensino da produção escrita é bem maior. Assim, o que se pretende com a Olimpíada é iniciar uma dinâmica que vá muito além da atividade pontual proposta neste material. Espera-se que, a partir das atividades da sequência didática, os professores possam começar a desenvolver um processo de ensino de leitura e de escrita muito mais amplo.

Sabemos que a escrita é um instrumento indispensável para todas as aprendizagens e, desse ponto de vista, as situações de produção e os temas tratados nas sequências didáticas são apenas uma primeira aproximação aos gêneros enfocados em cada uma delas, que pode ampliar-se aos poucos, pois escrever textos é uma atividade complexa, que envolve uma longa aprendizagem. Seria ingênuo pensar que os alunos resolverão todas as suas dificuldades com a realização de uma só sequência.

A sequência didática como eixo do ensino da escrita

A sequência didática é a principal ferramenta proposta pela Olimpíada de Língua Portuguesa para se ensinar a escrever. Estando envolvido há muitos anos na elaboração e na experimentação desse tipo de dispositivo, iniciado coletivamente pela equipe de didática das línguas da Universidade de Genebra, é um prazer ver como se adapta à complexa realidade das escolas brasileiras. Uma sequência didática é um conjunto de oficinas e de atividades escolares sobre um gênero textual, organizada de modo a facilitar a progressão na aprendizagem da escrita.

Cinco conselhos me parecem importantes para os professores que utilizam esse dispositivo como modelo e desenvolvem com seus alunos as atividades aqui propostas:

1. **Fazer os alunos escreverem um primeiro texto e avaliar suas capacidades iniciais.** Observar o que eles já sabem e assinalar as lacunas e os erros me parece fundamental para escolher as atividades e para orientar as intervenções do professor. Uma discussão com os alunos com base na primeira versão do texto é de grande eficácia: o aluno descobre as dimensões que vale a pena melhorar, as novas metas para superar, enquanto o professor compreende melhor as necessidades dos alunos e a origem de alguns dos erros deles.
2. **Escolher e adaptar as atividades** de acordo com a situação escolar e com as necessidades dos alunos, pois a sequência didática apresenta uma base de materiais que podem ser completados e transformados em função dessa situação e dessas necessidades.

3. **Trabalhar com outros textos do mesmo gênero,** produzidos por adultos ou por outros alunos. Diversificar as referências e apresentar um conjunto variado de textos pertencentes a um mesmo gênero, propondo sua leitura e comparação, é sempre uma base importante para a realização de outras atividades.
4. **Trabalhar sistematicamente as dimensões verbais e as formas de expressão em língua portuguesa.** Não se conformar apenas com o entusiasmo que a redação de um texto para participar de uma competição provoca e sempre buscar estratégias para desenvolver a linguagem escrita.
5. **Estimular progressivamente a autonomia e a escrita criativa dos alunos.** Os auxílios externos, os suportes para regular as primeiras etapas da escrita são muito importantes, mas, pouco a pouco, os alunos devem aprender a reler, a revisar e a melhorar os próprios textos, introduzindo, no que for possível, um toque pessoal de criatividade.

Uma chama olímpica contra o "iletrismo"

Pouco me resta a dizer. Primeiro, parabenizar os autores das sequências didáticas. Segundo, expressar toda a minha admiração pela organização da Olimpíada de Língua Portuguesa. Terceiro, incentivar professores e alunos a participar desse projeto singular. Que a chama olímpica contra o "iletrismo" percorra esse vasto e magnífico país que é o Brasil. Ensinar a escrever é uma tarefa nobre e complexa que merece o maior dos reconhecimentos sociais.

Nos antigos jogos olímpicos, a chama olímpica se mantinha acesa diante do altar do deus Zeus durante toda a competição. Que a chama da esperança do acesso à leitura e à escrita não se apague. Essa competição todos nós podemos e devemos ganhar!

Por que participar da Olimpíada é dar vida à BNCC

Patrícia Calheta

Mestre em Linguística Aplicada (PUC/SP), especialista em Ensino de Língua mediado pelo computador (UFMG) e em Gestão Escolar (SENAC/SP), colaboradora do Programa Escrevendo o Futuro e coordenadora pedagógica do curso on-line *Sequência Didática: aprendendo por meio de resenhas.*

Afinal, a Olimpíada é um trabalho a mais, para além do currículo que temos de dar conta na escola?

A escolha por iniciar com essa pergunta a conversa que pretendo aqui partilhar com você - professor, professora, gestor e gestora de escolas públicas de todo o país – deve-se ao fato de que ela representa uma das recorrentes indagações formuladas por educadores e educadoras que integram os encontros formativos presenciais e remotos do Programa Escrevendo o Futuro, iniciam a participação em **cursos on-line**, navegam por espaços interativos do Portal, como o "**Pergunte à Olímpia**" e, ainda, por quem se interessa em saber mais ou fazer parte do concurso de textos e documentários do Programa (a Olimpíada de Língua Portuguesa).

Diante desse cenário, responder à questão evidencia-se como o desafio dessa "prosa pela escrita" que, vez ou outra, convidará para um breve passeio, via boxe de cor laranja, visando à retomada de noções da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), nos segmentos do Ensino Fundamental (EF) e do Ensino Médio (EM) (Brasil, 2018), e também para percursos mais longos, quando da indicação de links de acesso a variadas publicações, disponíveis no e além do **Portal Escrevendo o Futuro**.

Em meio ao processo de implementação dos currículos municipais e estaduais, atualizados pela inspiração dos dizeres da **BNCC** (Brasil, 2018), redes de ensino e instituições escolares foram convidadas a se debruçarem sobre realidades locais, considerando os contextos e as características dos(as) estudantes.

Nesse sentido, é desejável que decisões acerca do currículo de cada escola também tenham resultado do envolvimento e da participação das famílias e da comunidade, de forma a assegurar a aderência entre o documento e as singularidades locais, tornando o currículo um retrato do que cada instituição, na voz de todos esses integrantes, pensa, defende, necessita e propõe para promover a efetiva e integral formação de seus alunos e alunas.

No intuito de fomentar esse exercício de ajuste do olhar do geral ao local, o Programa Escrevendo o Futuro tem se revelado como constante porta aberta à construção de conhecimentos, figurando como política pública de larga abrangência nacional (incluído, desde 2008, como uma ação do Plano de Desenvolvimento da Educação do MEC) pela oferta plural de experiências formativas para a melhoria do ensino e da aprendizagem da leitura e da escrita, otimizando, assim, a condição reflexiva e propositiva no acolhimento às demandas relativas à composição de currículos e às práticas pedagógicas em cada instituição escolar.

Neste texto, não será realizado o movimento de buscar articulações entre dizeres da BNCC e do Portal Escrevendo o Futuro que possam inspirar e alimentar desenhos curriculares, já que essa leitura mais ampla, apontando noções-chave e materiais e recursos produzidos e disponibilizados pelo Programa, recebeu destaque, em 2018, por meio do texto intitulado "**Escrevendo o Futuro e BNCC: sobre pontos de encontro**". Agora, será a vez de lançarmos a lupa na direção de um recurso específico do Portal, os Cadernos Docentes, que se apresentam como o material de referência para o trabalho com sequências didáticas (SD) na Olimpíada.

A atuação docente mobilizada pelas vivências de uma SD tem sido defendida como ferramenta para o ensino da produção escrita de quatro gêneros discursivos da Olimpíada, a saber, poemas (5o ano do EF), memórias literárias (6o e 7o anos do EF), crônicas (8o e 9o anos do EF) e artigo de opinião (3o ano do EM), com exceção do gênero documentário (1o e 2o anos do EM) que, apesar da organização do Caderno em blocos e oficinas, não segue a mesma orientação defendida por Dolz e Schneuwly (2004), a seguir apresentada:

Na concepção dos autores, a sequência didática revela-se como "um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito" (2004, p. 97). No Portal, especialmente no diagrama interativo **Percursos Formativos**, estão disponíveis diferentes publicações vinculadas ao eixo da produção escrita e ao ensino das SDs, sendo também oferecido o curso on-line mediado "**Sequência Didática: aprendendo por meio de resenhas**" para a vivência docente do passo a passo das oficinas, promovendo o encontro de saberes teórico-metodológicos e experiências diversificadas de discussão e reflexão sobre a prática pedagógica.

Centrado na noção de SD e na perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem a ela coligada, cada Caderno convida à apreciação de oficinas, envolvendo atividades desde a contextualização da proposta até a produção escrita final do texto, visando à publicização, o que corrobora o fundamental processo de seleção de oficinas que possam dialogar com as necessidades de aprendizado de todos os alunos e alunas de cada turma, a partir do levantamento de conhecimentos prévios e cuidadosa análise do(a) professor(a) da primeira versão escrita do texto, produzida por esses(as) estudantes.

É exatamente do lugar de reflexão desse movimento metodológico da SD que algumas das numerosas articulações entre os Cadernos Docentes e a BNCC serão a seguir explicitadas.

Sequências Didáticas da Olimpíada e BNCC

Vamos iniciar com a questão das inspirações teóricas que cercam o trabalho pedagógico com as SDs e que encontram, na BNCC, lugar de destaque, especialmente referentes à perspectiva de linguagem enunciativo-discursiva e à centralidade do texto como unidade de trabalho, assumidas na BNCC e contempladas durante o planejamento, a organização e o desenvolvimento das atividades presentes nas oficinas das SDs dos Cadernos Docentes, uma vez que todas as propostas guiam-se pela presença e pela análise de textos diversos, pertencentes a cada um dos gêneros do discurso eleitos como foco da produção escrita, que são analisados em suas diferentes dimensões (discursiva, textual e linguística), a partir da reflexão acerca das condições de produção textual.

> Na perspectiva de linguagem enunciativo-discursiva, já assumida em outros documentos, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a linguagem é "uma forma de ação interindividual orientada para uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes numa sociedade, nos distintos momentos de sua história" (Brasil, 1998, p. 20 *apud* Brasil, 2018, p. 67).

> O texto é sempre abordado pela relação aos seus contextos de produção, e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses (Brasil, 2018, p. 67).

A relação entre competências e habilidades da área de linguagens no EF e da área de linguagens e suas tecnologias no EM é um segundo ponto de contato entre os Cadernos Docentes e a BNCC. Para entender tal articulação, seguem alguns exemplos, já que a totalidade das relações implicaria uma publicação muito mais densa, extensa e mais bem vinculada à exploração das especificidades dos quatro "gêneros olímpicos escritos".

> Competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. (Brasil, 2018, p. 8).

> Habilidades expressam as aprendizagens essenciais que devem ser asseguradas aos alunos nos diferentes contextos escolares (Brasil, 2018, p. 29). No EF, essas habilidades estão relacionadas a diferentes práticas de linguagem/eixos e objetos de conhecimento, considerando distintos campos de atuação. No EM, cada competência relaciona-se a um conjunto de habilidades, vinculadas a práticas de linguagem e campos de atuação social.

No EF, do conjunto das competências específicas de linguagens (Brasil, 2018, p. 65), vale ressaltar a particular aderência das competências 1, 2 e 3 às experiências postas em cena no desenvolvimento das oficinas dos Cadernos "Poetas da Escola" (poema), "Se bem me lembro…" (memórias literárias) e "A ocasião faz o escritor" (crônica), já que retratam:

1. *Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais;*
2. *Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva;*
3. *Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como libras e escrita), corporal, visual, sonora e digital – para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.*

No EM, aqui vinculado ao Caderno "Pontos de Vista", no trabalho com o gênero artigo de opinião, as competências específicas de linguagens e suas tecnologias (Brasil, 2018, p. 490) revelam vínculos com a BNCC, especialmente quanto aos textos apresentados em 1, 2 e 3:

1. *Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo;*
2. *Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza;*

3. *Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.*

A partir desses exemplos de competências do EF e do EM, evidenciam-se variados pontos de convergência, uma vez que se tomarmos a proposta de produção escrita dos gêneros poema, memórias literárias, crônica e artigo de opinião, que é dimensionada por diferentes focos de reflexão, considerando as práticas de linguagem e, ainda, todo o trabalho com a alimentação temática (em destaque na publicação "**O lugar da alimentação temática no ensino de gêneros discursivos**") mobilizado pelo tema da Olimpíada - O lugar onde vivo –, seguramente afirmaremos que as oficinas que compõem as SDs dos Cadernos Docentes revelam-se como vigorosas oportunidades para o exercício de reconhecimento e de valorização das linguagens como formas de significação da realidade, expressão de subjetividades e de distintas realidades, partilha de experiências pautadas no respeito à diversidade e à pluralidade de ideias e de pontos de vista, assentadas na democracia, na ética, na cooperação e na empatia, capazes de fomentar práticas nas quais os(as) estudantes exercitem o protagonismo e a autoria.

As propostas vivenciadas nas oficinas convidam a um fazer amplo e diversificado envolvendo a observação, a análise e a apreciação de textos, muitos deles marcados pela multimodalidade, com vistas a uma produção escrita que otimiza a condição de os(as) estudantes compreenderem mazelas e potencialidades do lugar onde vivem, o que os torna participativos, conscientes e propositivos diante da realidade. Assim, seja na composição de textos em versos que resgatam cenas, paisagens ou problemas do lugar pelo alcance da lente de um poeta-aprendiz que brinca com as palavras (como nos poemas), seja na organização de textos em prosa que possam retratar reminiscências do passado de um lugar para melhor compreender transformações, fruto do decorrer do tempo, pelo olhar de um morador que empresta sua voz para a releitura literária (como nas memórias), contemplar facetas do cotidiano pela lupa de um aluno(a)-cronista (como nas crônicas) e mesmo problematizar questões locais de relevância social, a partir da argumentação em defesa de um ponto de vista (como nos artigos de opinião), as SDs da Olimpíada convocam professores(as), alunos(as) e a comunidade ao exercício reflexivo e investigativo de explicação e interpretação crítica da realidade do lugar onde vivem.

No que se refere às habilidades anunciadas na BNCC nos segmentos do EF e EM, cabe aqui uma parada reflexiva para ilustrar o vínculo com as propostas de ensino de SDs dos Cadernos Docentes. Para tanto, vale salientar que a explicitação das habilidades orienta-se por práticas de linguagem realizadas em diferentes campos de atuação, o que assegura um trabalho contextualizado e significativo.

No EF (Brasil, 2018, p. 84), a organização das De acordo com a BNCC (Brasil, 2018, p. 71), as práticas de linguagem são oralidade, leitura/escuta, produção (escrita e multissemiótica) e análise linguística/semiótica (que envolve conhecimentos linguísticos, textuais discursivos e sobre os modos de organização e os elementos de outras semioses).

No EF (Brasil, 2018, p. 84), a organização das práticas de linguagem por campos de atuação aponta para a importância da contextualização do conhecimento escolar, para a ideia de que essas práticas derivam de situações da vida social e, ao mesmo tempo, precisam ser situadas em contextos significativos para os estudantes. Os campos de atuação orientam a seleção de gêneros, práticas, atividades e procedimentos em cada um deles. As fronteiras são tênues (o que explica, por exemplo, o fato de o gênero crônica circular nos campos de atuação artístico-literário e jornalístico-midiático). No EM (Brasil, 2018, p. 485), a área das linguagens propõe que os estudantes possam vivenciar experiências significativas com práticas de linguagem em diferentes mídias (impressa, digital, analógica), situadas em campos de atuação social diversos, vinculados com o enriquecimento cultural próprio, as práticas cidadãs, o trabalho e a continuação dos estudos.

Os campos de atuação, contemplados nos segmentos do EF e EM, estão assim organizados na BNCC (Brasil, 2018, p. 501):

ENSINO FUNDAMENTAL		ENSINO MÉDIO
ANOS INICIAIS	ANOS FINAIS	
Campo da vida cotidiana		Campo da vida pessoal
Campo artístico-literário	Campo artístico-literário	Campo artístico-literário
Campo das práticas de estudo e pesquisa	Campo das práticas de estudo e pesquisa	Campo das práticas de estudo e pesquisa
Campo da vida pública	Campo jornalístico-midiático	Campo jornalístico-midiático
	Campo de atuação na vida pública	Campo de atuação na vida pública

Quando pensamos nos gêneros discursivos que são foco das SDs na Olimpíada, percebemos ser possível destacar: nos anos iniciais do EF, a relação entre o gênero poema e o campo de atuação artístico-literário, assim como o gênero memórias literárias, nos anos finais do EF; ainda nos anos finais do EF, o gênero crônica, que pode transitar por diferentes campos de atuação, tais como o artístico-literário e o jornalístico-midiático e, finalmente, o gênero artigo de opinião no EM, que pode circular por campos variados, como jornalístico-midiático, campo de atuação na vida pública e das práticas de estudo e pesquisa.

Campos de atuação e habilidades nas SDs

Em meio ao percurso aqui trilhado a partir de alguns exemplos (que não esgotam a discussão, mas iluminam reflexões) e, ainda, considerando ênfases no trabalho com os gêneros discursivos propostos nos Cadernos Docentes, é possível conferir a existência de imbricadas relações entre habilidades anunciadas na BNCC e dois campos de atuação, a saber, artístico-literário (no caso do EF, anos iniciais e finais, para os gêneros poema, memórias literárias e crônica) e jornalístico-midiático (no caso do EM, para o gênero artigo de opinião).

Campo de atuação artístico-literário: nos anos iniciais do EF (Brasil, 2018, p.132), é definido como campo relativo à participação em situações de leitura, fruição e produção de textos literários e artísticos, representativos da diversidade cultural e linguística, que favoreçam experiências estéticas. Já nos anos finais do EF (Brasil, 2018, p.156), o campo ganha em complexidade, ao anunciar que o que está em jogo neste campo é possibilitar às crianças, adolescentes e jovens dos anos finais do Ensino Fundamental o contato com as manifestações artísticas e produções culturais em geral, e com a arte literária em especial, e oferecer as condições para que eles possam compreendê-las e frui-las de maneira significativa e, gradativamente, crítica. Trata-se, assim, de ampliar e diversificar as práticas relativas à leitura, à compreensão, à fruição e ao compartilhamento das manifestações artístico-literárias, representativas da diversidade cultural, linguística e semiótica (...).

Campo de atuação jornalístico-midiático: no EM (Brasil, 2018, p.489), este campo caracteriza-se pela circulação dos discursos/textos da mídia informativa (impressa, televisiva, radiofônica e digital) e pelo discurso publicitário. Sua exploração permite construir uma consciência crítica e seletiva em relação à produção e circulação de informações, posicionamentos e induções ao consumo.

No trabalho com a SD do Caderno "Poetas da Escola", encontramos propostas norteadas por diferentes objetivos, explorando práticas de linguagem atreladas a habilidades que encontram morada na BNCC, de modo a retratar: na prática de leitura/escuta, a habilidade envolvida *é apreciar poemas e outros textos versificados, observando rimas, aliterações e diferentes modos de divisão dos versos, estrofes e refrões e seu efeito de sentido*; na prática de produção de textos, a habilidade (escrita autônoma) *é ler e compreender, com certa autonomia, textos em versos, explorando rimas, sons e jogos de palavras, imagens poéticas (sentidos figurados) e recursos visuais e sonoros* e, na prática de oralidade, a habilidade em jogo é *declamar poemas com entonação, postura e interpretação adequadas* (Brasil, 2018, p. 132-133).

No que diz respeito às propostas apresentadas nos Cadernos "Se bem me lembro..." (memórias literárias) e "A ocasião faz o escritor" (crônica), a análise dos objetivos de diferentes oficinas torna evidente a aderência a práticas de linguagem diretamente vinculadas a habilidades da BNCC, dentre elas: no eixo da leitura (reconstrução das condições de produção, circulação e recepção), *inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção; no eixo da produção de textos, engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/edição e reescrita, tendo em vista as restrições temáticas, composicionais e estilísticas dos textos pretendidos e as configurações da situação de produção – o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades etc – e considerando a imaginação, a estesia e a verossimilhança próprias ao texto literário; no eixo da análise linguística/semiótica, (...) analisar os efeitos de sentido decorrentes do emprego de figuras de linguagem, tais como comparação, metáfora, personificação, metonímia, hipérbole, eufemismo, ironia, paradoxo e antítese e os efeitos de sentido decorrentes do emprego de palavras e expressões denotativas e conotativas (adjetivos, locuções adjetivas, orações subordinadas adjetivas etc), que funcionam como modificadores, percebendo sua função na caracterização dos espaços, tempos, personagens e ações próprios de cada gênero narrativo* (Brasil, 2018, p. 156-161).

Agora, em relação ao EM, no campo jornalístico-midiático - aqui tomado em função do gênero artigo de opinião, no Caderno "Pontos de Vista" -, variadas oficinas anunciam objetivos ligados ao trabalho com práticas de linguagem. Para exemplificar, faremos referência à competência específica 2 (Brasil, 2018, p. 492), a saber, *compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza*.

Tal competência vincula-se, entre outras habilidades, a: *conhecer e analisar diferentes projetos editoriais – institucionais, privados, públicos, financiados, independentes etc -, de forma a ampliar o repertório de escolhas possíveis de fontes de informação e opinião, reconhecendo o papel da mídia plural para a consolidação da democracia; analisar os diferentes graus de parcialidade/imparcialidade (no limite, a não neutralidade) em textos noticiosos, comparando relatos de diferentes fontes e analisando o recorte feito de fatos/dados e os efeitos de sentido provocados pelas escolhas realizadas pelo autor do texto, de forma a manter uma atitude crítica diante dos textos jornalísticos e tornar-se consciente das escolhas feitas pelo produtor* (Brasil, 2018, p. 521), sendo exploradas em várias oficinas no estudo de textos do gênero artigo de opinião.

Como palavras finais, cabe retomar o questionamento inicial - *Afinal, a Olimpíada é um trabalho a mais, para além do currículo que temos de dar conta na escola?* -, para, finalmente, afirmar que, dada a íntima conexão e o amplo alcance em relação aos dizeres da BNCC, a Olimpíada de Língua Portuguesa é o trabalho curricular do(a) docente, é o currículo vivo e em ação. Em síntese, a Olimpíada corrobora o processo de (re)significação de experiências de estudantes, professores(as) e comunidade com a palavra, gerando efeitos (trans)formadores na trajetória escolar de "nossos" meninos e meninas, adolescentes e jovens e, portanto, uma potente aliada ao objetivo, expresso na BNCC, de *assegurar os direitos de aprendizagem e desenvolvimento a todos e a todas*.

Introdução ao gênero

Toda memória tem uma história

— Vô, quem foi Getúlio Vargas?
— O que foi o Dia D?
— Conta aquela vez que você era pequeno e foram de fordinho para São Paulo, e aquela outra vez que pegou fogo na máquina de café.

E os olhos embaçados do avô se iluminam. Ele endireita as costas e como se inflasse o peito cheio de histórias prontas para ganhar vida conta para os mais novos suas lembranças de outros tempos. Seus conhecimentos não vão morrer com ele, há pessoas interessadas em suas vivências, em conhecer como foi sua vida.

— Vô, por que você não escreve essas histórias? Assim todo mundo pode saber o que aconteceu. Na escola li um livro em que a Ilka fez isso…

"A minha história começa muitos e muitos anos atrás.

Atrás de onde?, podem perguntar vocês. E eu responderei: atrás de hoje. Ontem. Antes de anteontem. Longe, na minha memória: lá é o tempo e o espaço da minha infância.

Eu vou morrer um dia, porque tudo o que nasce também morre: bicho, planta, mulher, homem. Mas as histórias podem durar depois de nós. Basta que sejam postas em folhas de papel e que suas letras mortas sejam ressuscitadas por olhos que saibam ler."

Ilka Brunhilde Laurito. *A menina que fez a América.*
São Paulo: FTD, 2002.

Há situações em que a memória se apresenta por meio de perguntas que fazemos ou que fazem para nós; em outras, a memória é despertada por uma imagem, um cheiro, um som.

De onde vem nossa necessidade de lembrar? Ou: por que a lembrança se impõe até mesmo quando não temos intenção de recordar? A aceitação dessa ideia nos leva a encarar a poética sugestão de Walter Benjamin (2004):

"A memória não é um instrumento para a exploração do passado; é, antes, o meio. É o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio sutil no qual as antigas cidades estão soterradas. **Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como o homem que escava."**

Aproximar-se dos ausentes, compreender o que se passou, conhecer outros modos de viver, outros jeitos de falar, outras formas de se comportar representam possibilidades de entrelaçar novas vidas com as heranças deixadas pelas gerações anteriores.

As histórias passadas por meio de palavras, gestos, sentimentos, podem unir moradores de um mesmo lugar e fazer que cada um sinta-se parte de uma mesma comunidade. Isso porque a história de cada indivíduo traz em si a memória do grupo social ao qual pertence. Esse encontro, como afirma Ecléa Bosi (2005), é uma experiência humanizadora.

As histórias têm memórias

Os registros escritos são uma possibilidade de perpetuar nossas memórias. Em seu livro *Memórias inventadas*: a terceira infância, Manoel de Barros nos mostra como o processo de escavação proposto por Benjamin pode ser feito por meio da literatura:

Três personagens me ajudaram a compor estas memórias. Quero dar ciência delas. Uma, a criança; dois, os passarinhos; três, os andarilhos. A criança me deu a semente da palavra. Os passarinhos me deram desprendimento das coisas da terra. E os andarilhos, a pré-ciência da natureza de Deus. Quero falar primeiro dos andarilhos, do uso em primeiro lugar que eles faziam da ignorância. Sempre eles sabiam tudo sobre o nada. E ainda multiplicavam o nada por zero – o que lhes dava uma linguagem de chão. Para nunca saber onde chegavam. E para chegar sempre de surpresa. Eles não afundam estradas, mas inventavam caminhos. Essa a pré-ciência que sempre vi nos andarilhos. Eles me ensinaram a amar a natureza. Bem que eu pude prever que os que fogem da natureza um dia voltam para ela. Aprendi com os passarinhos a liberdade. Eles dominam o mais leve sem precisar ter motor nas costas. E são livres para pousar em qualquer tempo nos lírios ou nas pedras – sem se machucarem. E aprendi com eles ser disponível para sonhar. O outro parceiro de sempre foi a criança que me escreve. Os pássaros, os andarilhos e a criança em mim, são meus colaboradores destas memórias inventadas e doadores de suas fontes.

Manoel de Barros. *Memórias inventadas: a terceira infância.*
São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.

Memórias literárias geralmente são textos produzidos por escritores ou escritoras que, ao rememorar o passado, integram ao vivido o imaginado. Para tanto, recorrem a figuras de linguagem, escolhem cuidadosamente as palavras que vão utilizar, orientados por critérios estéticos que atribuem ao texto ritmo e conduzem o leitor por cenários e situações reais ou imaginárias.

As narrativas, que têm como ponto de partida experiências vividas pelo autor no passado, são contadas da forma como são lembradas no presente. No caso das oficinas, os(as) alunos(as), por serem ainda muito jovens, irão recorrer, no desenvolvimento do tema, às memórias de pessoas mais velhas da comunidade. É importante, portanto, enfatizar, que os alunos e as alunas não irão escrever suas próprias memórias, elas e eles precisarão aprender a escrever como se fossem o(a) próprio(a) entrevistado(a).

O gênero memórias literárias

O trabalho com as oficinas tem como propósito fazer que os e as jovens conheçam a história do lugar onde vivem por meio do olhar de antigos(as) moradores(as) – pessoas comuns que construíram e constroem a história – e valorizem as experiências dos mais velhos, descobrindo-as como parte da sua identidade. Por outro lado, ouvintes atentos podem significar, para os(as) idosos(as), reconhecimento e admiração de seus saberes.

A proposta deste Caderno é fazer que os e as estudantes aprendam a ler e a produzir textos tendo como ponto de partida o gênero "memórias literárias", ampliando assim seus conhecimentos de linguagem e suas possibilidades de participação social.

Ao mesmo tempo, as jovens e os jovens estudantes vão se aproximar de pessoas mais velhas do lugar onde vivem, pois as lembranças desses moradores serão a matéria-prima para a escrita do texto. Esse trabalho os e as ajudará a relacionar seu tempo e seu ambiente com o tempo e o ambiente de pessoas de gerações anteriores.

Para que as e os estudantes se familiarizem com "memórias literárias" é necessário que aprendam a identificar as características e peculiaridades desse gênero textual. Faz parte desse processo entrevistar pessoas mais velhas da comunidade que tenham histórias interessantes para contar. Por fim, incentive-os(as) a produzir um texto que encante o leitor ou a leitora.

Se bem me lembro...

O título deste Caderno, *Se bem me lembro...*, foi emprestado da obra de mesmo nome da escritora e educadora Alaíde Lisboa de Oliveira, mineira de Lambari, que nasceu no dia 22 de abril de 1904. Ela publicou cerca de trinta livros, entre literários, didáticos e ensaios na área de educação. No livro *Se bem me lembro...* Alaíde narra suas lembranças em prosa e verso.

O tempo das oficinas

Cada oficina foi organizada para tratar de um tema, de um assunto. Algumas poderão ser realizadas em uma ou duas aulas; outras levarão três ou quatro. Por isso, é essencial que você, professor(a), leia todas as atividades antecipadamente. Antes de começar a trabalhar com os(as) estudantes, é preciso ter uma visão do conjunto, de cada etapa e do que se espera que eles produzam ao final.

Aproprie-se dos objetivos e das estratégias de ensino, providencie o material e estime o tempo necessário para que sua turma faça o que foi proposto.

Enfim, é preciso planejar cada passo, pois só você, que conhece seus alunos e alunas, conseguirá determinar qual a forma mais eficiente de trabalhar com eles. Comece o quanto antes; assim, você terá mais tempo para desenvolver as propostas.

oficina

31
se bem me lembro...

Naquele tempo...

objetivos

- Valorizar a experiência das pessoas mais velhas.
- Compreender o que é memória.
- Perceber como objetos e imagens podem trazer lembranças de um tempo passado.
- Observar que as memórias podem ser registradas oralmente e por escrito

prepare-se!

Nesta oficina você deverá ajudar os alunos e alunas a localizar pessoas que tenham objetos antigos para organizar uma exposição. Ouça as gravações dos textos *Transplante de menina*, do livro de mesmo nome, de Tatiana Belinky e *Parecida mas diferente*, esse é um trecho extraído da obra *Anarquistas, graças a Deus*, de Zélia Gattai, antes de apresentá-los à turma e iniciar essa conversa.

1ª etapa

Início de conversa

Certamente, há várias maneiras de iniciar os alunos e as alunas no estudo e na produção de um gênero textual. Nesta oficina, propomos a você que ouça com eles e elas dois trechos de livros de memórias literárias, que estão disponíveis no **menu Coletânea da versão virtual deste Caderno (https://cutt.ly/Xj39sIE)** do livro de mesmo nome, *Transplante de menina*, de Tatiana Belinky; e *Parecida mas diferente*, de Zélia Gattai.

atividades

Após a audição, algumas questões podem nortear a conversa:

- **Quais temas são tratados nos trechos?**
- **Quem vivenciou e está narrando os acontecimentos na primeira história? E na segunda?**
- **Elas se parecem com alguma situação que vocês já vivenciaram?**
- **Há acontecimentos marcantes na vida de vocês, que mereçam ficar registrados para sempre na memória?**

Segundo o *Dicionário Houaiss (https://cutt.ly/7j3970n) da língua portuguesa*, memória é "aquilo que ocorre ao espírito como resultado de experiências já vividas; lembrança, reminiscência".

No mesmo dicionário, encontramos para memórias: "relato que alguém faz, muitas vezes na forma de obra literária, a partir de acontecimentos históricos dos quais participou ou foi testemunha, ou que estão fundamentados em sua vida particular".

- Converse com a turma sobre o significado das palavras “memória” e “memórias”, depois, leia as definições presentes no dicionário e anote-as na lousa.
- Explique-lhes que todos nós temos episódios da vida para lembrar: uma festa, uma travessura, um passeio, uma viagem, um costume. Alguns deles são tão importantes e marcantes que merecem ser registrados.
- Leia para a classe o seguinte trecho do livro *Velhos amigos*, de Ecléa Bosi:

> De onde vêm as histórias? Elas não estão escondidas como um tesouro na gruta de Aladim ou num baú que permanece no fundo do mar. Estão perto, ao alcance de sua mão. Você vai descobrir que as pessoas mais simples têm algo surpreendente a nos contar.
>
> Quando um avô fica quietinho, com o olhar perdido no passado, não perca a ocasião. Tal como Aladim da lâmpada maravilhosa, você descobrirá os tesouros da memória. Se ter um velho amigo é bom, ter um amigo velho é ainda melhor.
>
> Ecléa Bosi. *Velhos amigos.*
> São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Para saber mais

Conversa com os idosos

Ecléa Bosi, em seu livro *Memória e sociedade – Lembranças de velhos* (São Paulo: Companhia das Letras, 1994), escreve memórias de pessoas mais velhas que moram na cidade de São Paulo. Ecléa nos ensina que não devemos perder a oportunidade de conversar com os idosos, pois com certeza eles têm muito que nos contar.

- Proponha à turma que se organize individualmente ou em pequenos grupos para conversar com pessoas mais velhas. Podem ser pessoas da própria escola ou de casa – um vizinho, um parente…

- Faça com a classe uma lista dessas pessoas. Elas devem ter disponibilidade para receber os alunos e as alunas. Pais, avós e outros membros da comunidade também podem ajudar nessa tarefa de identificar os moradores escolhidos. Pessoas comuns podem narrar fatos engraçados ou tristes, expressando o modo como sentiram e viveram esses acontecimentos. O que interessa é que as lembranças sejam fortes e significativas para quem as conta.

> Em razão do risco de contágio pelo novo coronavírus, tais atividades podem ser realizadas pela internet ou por telefone para evitar aglomerações com pessoas idosas. Uma sugestão, se a atividade for realizada na escola, é projetar a imagem do entrevistado ou entrevistada em um telão para que a turma interaja com ele ou ela ao vivo.

- Os alunos e as alunas podem iniciar o contato perguntando a essas pessoas se teriam disponibilidade para conversar, emprestar objetos e fotos antigas, contar as lembranças que têm do lugar. Para isso, podem fazer-lhes perguntas como:

  - **O(a) senhor(a) se lembra de alguma passagem marcante da sua vida nesta cidade? Que fato é esse? Por que ele foi marcante?**
  - **O(a) senhor(a) tem algum objeto antigo ou foto que lembre essa passagem de sua vida?**

- Converse com a turma a respeito da importância do registro; dê sugestões e dicas para que eles e elas anotem o maior número possível de informações durante a conversa com a pessoa escolhida.

- Em classe, reunidos em pequenos grupos, peça aos alunos e às alunas que contem o que ouviram e organizem um quadro com os seguintes dados:

Nome e idade do entrevistado	Fato lembrado	Temas mencionados	O que mais chamou a atenção

- Peça a alguns alunos que recontem brevemente o que ouviram. Pergunte-lhes também o que mais chamou a atenção do grupo nesse relato. Essa é uma boa oportunidade para que você explore a percepção da turma em relação aos fatos narrados pelos entrevistados e também à forma como essas lembranças foram contadas. Para facilitar a conversa, pode-se questionar: Compreenderam o que o(a) entrevistado(a) disse? O que sentiram ao ouvi-lo(la)? Ficaram surpresos em conhecer as histórias antigas do lugar? Que lembranças mostram como os tempos passados são diferentes dos de hoje?

- Os alunos e alunas podem destacar o que consideraram mais interessante na forma como o depoimento foi dado. Oriente-os(as) para que guardem os registros, pois serão usados nas próximas oficinas.

A importância de participar

Lembre-se de que as atividades deste Caderno foram planejadas para abordar alguns dos conteúdos de ensino de língua portuguesa. Todos os e as estudantes devem participar das oficinas, pois poderão alcançar uma escrita mais aprimorada.

2ª etapa
Vestígios do passado

atividades

- Lembre à turma que fotografias antigas ajudam a recuperar lembranças do passado. Peça-lhes que façam uma pesquisa na comunidade para localizar e pegar emprestado antigas imagens. Converse com a turma a esse respeito, incentivando as alunas e os alunos a participar da coleta, fazer contato com parentes e vizinhos. Tal recurso será importante para que eles e elas possam ampliar o repertório em relação a costumes, hábitos, paisagens, formas de agir e de vestir, características de outros momentos da história do lugar onde vivem. Muitas vezes é possível encontrar fotos antigas, não só da cidade como de seus moradores, em espaços públicos como prefeitura, museu, casa da cultura, igreja e em estabelecimentos comerciais. Se optar por fazer essa atividade por meio de uma busca na internet, não se esqueça de recomendar que busquem *sites* que disponibilizam fotografias antigas ao público. Para isso, você pode indicar endereços como:

  - **Coleção de fotos do Instituto Moreira Salles (https://ims.com.br/acervos/fotografia/)**
  - **Brasiliana fotográfica (http://brasilianafotografica.bn.br/)**
  - **Arquivo Público do Estado de São Paulo (https://bit.ly/3p7PKWL)**
  - **Europeana - em inglês - (https://www.europeana.eu/en/collections)**
  - **Marina Amaral - colorista de fotografias antigas. Em inglês - (https://marinamaral.com/portfolio/)**
  - **Exposição Vidas Negras do Museu da Pessoa (https://museudapessoa.org/exposicoes/vidas-negras/)**
  - **George Eastman House - mais antigo museu de fotografia do mundo. Em inglês - (https://bit.ly/3sTkz43)**

- Pergunte à classe se eles têm em casa objetos antigos guardados pela família e peça-lhes que se preparem para levar tais objetos à escola. Podem selecionar e trazer cartas, utensílios domésticos, ferramentas, máquinas antigas, roupas, discos ou outro objeto mencionado pelo entrevistado que eles escolheram e com quem conversaram nas etapas anteriores. Também é possível fotografar esses objetos e as fotografias antigas com o celular caso não seja possível trazê-los.

- Explique-lhes que as fotos e os objetos são elementos importantes para promover a aproximação com o passado, mas as pessoas são as principais fontes de memória; na verdade, a mais rica delas. Reforce que os relatos orais e escritos serão o foco do trabalho durante as oficinas.

2 oficina

Museu do eu, museu do nós

objetivos

- Compreender o que é um museu e articulá-lo aos conceitos de memória, narrativa e identidade.
- Estabelecer relações entre a memória individual e a memória coletiva.
- Perceber como objetos e imagens podem trazer lembranças de um tempo passado.
- Refletir sobre a ressignificação da memória por meio da transmissão oral, da arte e da escrita.

prepare-se!

Nesta oficina, o grupo deve visitar um museu ou outro espaço dedicado à memória. Se não houver museu em sua cidade, procure aqueles que oferecem visitas virtuais e podem até ser acessados pelo celular. A instrução também vale para evitar aglomerações.

1ª etapa

Objetos que contam história

Em setembro de 2018, o Museu Nacional do Rio de Janeiro foi consumido pelas chamas. As imagens do fogo - além de funcionários e pesquisadores que tentavam salvar parte das coleções - comoveram a opinião pública. Inaugurado há mais de 200 anos, quando o Brasil ainda era Império, e detentor de um dos cinco maiores acervos do mundo, o museu tratava-se de um símbolo da história nacional. Abrigava o crânio de Luzia, fóssil humano mais antigo encontrado no Brasil e nas Américas, nos anos 1970 em Minas Gerais. Guardava ainda o esqueleto do maior dinossauro que habitou o Brasil, documentos da Independência do país e coleções de pedras da Imperatriz Leopoldina, mulher de Dom Pedro I.

Por que o incêndio gerou tanta repercussão? Entre as respostas recorrentes, diz-se que o Brasil perdeu parte de seu passado, de sua memória. Se o Brasil perdeu, perderam também os brasileiros. Santiago Castroviejo-Fisher, professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em um artigo publicado no jornal El País, aponta a importância dos museus para a relação de um povo com seu passado e vai além: "Um museu atua em três frentes. Oferece um olhar para o passado, ou seja, um parâmetro para medir mudanças, uma escala de tempo. Também educa, no presente, sobre o mundo que nos rodeia, tanto o físico como o das ideias. E, principalmente, cria oportunidades para resolver problemas que ainda não somos capazes nem de imaginar. Ou seja: abre portas para o futuro desconhecido".

Um museu é, além desse lugar que conjuga passado, presente e futuro, um espaço para a construção de narrativas sobre espaços, tempos e pessoas. Criamos museus onde abrigamos objetos que foram selecionados por alguém, em uma determinada época, a fim de valorizar - intencionalmente ou não - determinados aspectos da cultura. Um museu, portanto, é responsável por contar uma história, difundir uma narrativa, em geral, construída por alguns grupos e não por toda a população.

Museu com outros olhos

- Organize com seus alunos a visita a um museu ou espaço de memória da sua cidade. Se não houver, você também pode fazer visitas virtuais a museus que oferecem essa possibilidade. No link http://bit.ly/2Y3OMPE, por exemplo, é possível fazer um tour pelo Museu Nacional antes do incêndio de 2018.

  Durante a visita (se ela for presencial), peça ao grupo para ficar atento ao acervo e também ao modo como ele é organizado, se há textos complementares, sinalizações ou placas explicativas perto das obras, por exemplo. No caso das visitas pela internet, peça aos alunos que comparem a experiência da visita virtual com eventuais visitas presenciais que eles e elas já tenham feito a espaços de memória..

- Depois da visita, organize uma roda de conversa. Você pode orientá-la com as seguintes questões:

  - **Quando o museu foi construído? Quem o construiu?**
  - **Que objetos (ou outros elementos, como gravações de línguas ou de histórias de vida) fazem parte do acervo?**
  - **Como esses objetos estão distribuídos?**
  - **Parece que algumas peças do acervo são mais valorizadas do que outras?**
  - **Que história (sobre um lugar, uma pessoa, um movimento artístico etc.) este museu conta?**
  - **Você gostaria de incluir outras peças neste museu? Por quê?**
  - **O que você aprendeu nessa visita ao museu? Ampliou seus conhecimentos? Como?**

- Finalize a atividade pedindo que os alunos pensem em como poderiam definir a palavra museu.

Para saber mais

Os museus devem os seus nomes aos antigos templos das musas, que os gregos em sua mitologia consideravam "filhas da memória". Isso nos leva a pensar a criação dessas instituições - voltadas para a conservação de acervos históricos, culturais, científicos e artísticos, e para a organização de exposições públicas - como parte de um processo histórico de expansão da memória escrita e iconográfica.

Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural.
Disponível em: http://bit.ly/392GhKW.

De acordo com o texto, os museus são "filhos da memória". Depois do passeio e das reflexões, provoque os alunos e alunas com essa expressão. Eles concordam com essa definição? É possível pensar em outras? Sugira que eles anotem as suas próprias definições em pequenos papéis individualmente e depois compartilhem, em roda, com o grupo.

2ª etapa

Museu do eu, museu de nós

Vimos que o museu é um espaço de preservação da memória. Ao mesmo tempo, suas exposições constroem uma narrativa e influenciam o modo como nos entendemos, ou seja, contribuem para formar nossa identidade, como povo e como indivíduos. Não é difícil perceber isso: basta pensar na frustração diante da possibilidade de perder o fóssil de Luzia no incêndio do Museu Nacional. Luzia é a "primeira brasileira", é a primeira de nós e, por isso, há algo que nos conecta a essa mulher que viveu mais de 10.000 anos atrás.

É possível pensar em museus e espaços de memória que concentram as narrativas de pequenas comunidades, como é o caso do bairro, de uma escola, da sala de aula. Iniciativas assim contribuem para dar voz àqueles que nem sempre são contemplados nas narrativas oficiais, de modo a valorizar e fortalecer as identidades locais. Vamos lá?

- Faça uma roda e peça à turma para responderem à pergunta: *O que você salvaria de um incêndio?* Pense em objetos e lugares que ajudam a contar quem você é.
- Se eles tiverem dificuldade para começar, você pode dar um exemplo (ou responder você à pergunta para incentivá-los): *"Eu salvaria de um incêndio o jogo de copos de vidro que minha mãe guarda no armário da cozinha. Ela herdou esses copos da minha avó, que nasceu e morreu na Paraíba e a quem não conheci. Minha avó morreu antes de eu nascer e como eles eram de uma família pobre, não tiravam fotos. Isso quer dizer que as imagens que tenho da aparência da minha avó são imaginadas e foram sendo construídas pelas descrições que ouvi em casa. Esses copos são uma espécie de elo com a minha origem. Quando eu os toco é como se me conectasse com minha avó".*

- Após ouvir as histórias, aponte a importância de compartilhar essas histórias para conectar o grupo e para que se possa respeitar mais ao outro. Mostre também que a escolha do objeto ou do lugar exigiu, tal como no museu visitado, um processo de escolha que levou em consideração determinados critérios.
- Explique que o próximo passo é criar um espaço na escola para expor esses objetos. Por isso, é preciso combinar uma data para que eles tragam as peças escolhidas ou ainda fotos e desenhos delas. É possível também que eles pensem em ressignificar o objeto escolhido por meio de linguagens artísticas em uma parceria com os(as) professores(as) de artes.

Para saber mais

Pontes entre arte e memória

Há artistas visuais que se valem dos objetos de memória para criar suas obras. Você pode mostrar aos alunos alguns exemplos da artista brasileira contemporânea Rosana Paulino. Em algumas de suas obras, ela faz intervenções com linha e agulha em fotos de mulheres da sua família para evidenciar o silenciamento da mulher negra, muitas vezes em razão da violência doméstica.

Imagem da obra Parede da memória, 1994-2015

Imagem da série Bastidores, de 1997

Do mesmo modo, há escritores que usam a própria biografia como ponto de partida para a escrita literária. No Brasil, esse estilo é bem representado por Julián Fuks, que ganhou o Prêmio Jabuti de romance em 2016 com o livro *A Resistência*, no qual sua relação com o irmão adotivo é o material para a escrita. Cristóvão Tezza, autor de *O filho eterno*, e Bernardo Kucinski, de K. - *Relato de uma busca*, são outros exemplos do uso da biografia na ficção. As leituras são recomendadas para os professores e professoras que quiserem ampliar seu repertório sobre o assunto.

3ª etapa

A exposição

- Quando o grupo trouxer os objetos, vocês podem pensar juntos em como organizar a exposição: em que espaço ela acontecerá? Pode ser na escola, na igreja ou em outro lugar da comunidade.
- Vocês precisarão de mesas para expor os objetos? Outros materiais - como fios de náilon ou fitas para pendurar objetos do teto, fitas adesivas, porta-retratos - são necessários?
- Que nome será dado ao Museu? Ele será permanente ou temporário?
- Que textos acompanharão os objetos? Cada objeto será identificado com o nome de quem o escolheu?
- Exposições costumam ter um texto curatorial que apresenta o acervo em questão ao público, trata-se de uma espécie de carta de boas-vindas. O que a turma gostaria de dizer neste texto? Escreva, em conjunto com os alunos e alunas, uma proposta e depois transcreva o texto final para um cartaz que deve ficar na entrada na exposição.
- Com a exposição montada, é hora de convidar o público e compartilhar com ele as memórias que os objetos carregam. A turma pode se planejar para elaborar convites e também para fazer visitas guiadas, em diferentes horários.
- Outra possibilidade é que eles reproduzam com pais, professores e amigos a dinâmica que vivenciaram. A inauguração da exposição é um momento pertinente para que os convidados também respondam à pergunta: O que você salvaria de um incêndio?

A importância do registro

Procure registrar seu trabalho ao longo da realização das oficinas. Sair da prática para a escrita é o primeiro passo para uma reflexão acerca do significado das atividades feitas com a turma, do aproveitamento do processo de ensino e aprendizagem e também da sua relação com eles em sentido mais amplo.

Registrar é o primeiro passo e voltar a esses escritos é também fundamental para repensar as próximas etapas e também - já que conversamos tanto sobre isso neste capítulo - para tecer memórias a respeito da carreira e da profissão. O que você conta hoje pode ser valioso para que gerações adiante compreendam nosso tempo e ofício.

oficina 3

Vamos combinar?

objetivos

- Conhecer a situação de comunicação de textos de memórias literárias.

prepare-se!

É muito importante que você leia com antecedência o texto *Nas ruas do Brás,* de Drauzio Varella. Assim, ao lê-lo em voz alta para a turma, conseguirá transmitir os fortes sentimentos do avô do autor que são relembrados nessa passagem.

1ª etapa

A situação de produção

Memórias podem ser escritas e conhecidas por outras pessoas, não apenas por quem as viveu. É exatamente isso que sua turma será estimulada a fazer: aproximar-se de antigos moradores da comunidade, ouvir os relatos de lembranças deles e delas e, escrevê-los para que sejam lidos por muitos.

atividades

- Converse com os alunos e alunas sobre o registro desses relatos. Diga-lhes que podem optar por se colocar **no lugar do entrevistado (o que significa escrever o texto em primeira pessoa)**; podem apresentar o entrevistado ou a entrevistada, que passa então a narrar os acontecimentos (neste caso, a narrativa também é em primeira pessoa, mas precisa ficar bem claro quem está falando no texto: primeiro aparece o narrador-observador e depois o narrador-personagem); ou ainda podem reportar-se à narrativa do entrevistado ou entrevistada, o que significa escrever o texto em terceira pessoa.

- Lembre aos seus alunos e alunas que, na oficina anterior, eles e elas discutiram o que são memórias e perceberam como fotos e objetos antigos podem ajudar a revivê-las. Aprenderam também como uma pessoa mais velha pode ter muitas coisas para contar.

- Lembre-se que os textos não devem ficar guardados na gaveta. Eles podem ser organizados em um blog ou em livro (entregue à biblioteca da escola e à da cidade). Essa publicação poderá ser ilustrada com fotografias e desenhos produzidos pelos próprios alunos.

2ª etapa

Viver para contar

atividades

- Leia para a classe um fragmento do livro *Nas ruas do Brás*, de Drauzio Varella. Avise que a leitura será de um texto de memórias.
- Antes, apresente o autor, dê algumas informações sobre ele utilizando o quadro "Sobre Drauzio Varella".

Sobre Dráuzio Varela

Drauzio Varella é um médico e escritor brasileiro, neto de um imigrante espanhol. Ele é bastante conhecido pelo seu trabalho, no rádio e na televisão, para esclarecer a população sobre prevenção à AIDS, ao câncer, combate ao tabagismo, primeiros socorros, atendimento à população carcerária e outras áreas da saúde humana. Dentre os vários livros que publicou, destinou um deles ao público infantil, para contar episódios de sua infância nas ruas do Brás, um bairro paulista, assim como para relembrar as memórias de familiares mais velhos. Conheça mais sobre Drauzio Varella acessando o site: (https://drauziovarella.uol.com.br/biografia/).

Para saber mais

Em busca de sentido

Para ler um texto, não basta identificar letras, sílabas e palavras; é preciso buscar o sentido, compreender, interpretar, relacionar e reter o que for mais relevante.

Quando lemos algo, temos sempre um objetivo: buscar informação, ampliar conhecimento, meditar, entreter-nos. O objetivo da leitura é que vai mobilizar as estratégias que o leitor utilizará. Sendo assim, ler um artigo de jornal é diferente de ler um romance, uma história em quadrinhos ou um poema.

Ler textos traz desafios para os e as estudantes. Para vencê-los é fundamental a mediação de um professor, que deve ajudá-los a compreender, gradativamente, diferentes gêneros textuais por meio da leitura individual e autônoma. Algumas estratégias podem facilitar essa conquista: uma delas é o professor ler de forma cativante, emocionada, enfática; outra, ouvir com a turma as leituras que fazem parte deste Caderno Docente.

Contudo, ouvir textos lidos em voz alta não pode substituir a leitura dos alunos, pois são jeitos diferentes de conhecer um mesmo texto. Além disso, é papel da escola desenvolver habilidades de leitura.

Memórias literárias

Trecho de *Nas ruas do Brás*

O pai do meu pai era pastor de ovelhas numa aldeia bem pequena, nas montanhas da Galícia, ao norte da Espanha. Antes de o dia clarear, ele abria o estábulo e saía com as ovelhas para o campo. Junto, seu amigo inseparável: um cachorrinho ensinado.

Numa noite de neve na aldeia, depois que os irmãos menores dormiram, meu avô sentou ao lado da mãe na luz quente do fogão a lenha:

– Mãe, eu quero ir para o Brasil, quero ser um homem de respeito, trabalhar e mandar dinheiro para a senhora criar os irmãos.

Ela fez o que pôde para convencê-lo a ficar. Pediu que esperasse um pouco mais, era ainda um menino, mas ele estava determinado:

– Não vou pastorear ovelhas até morrer, como fez o pai.

Mais tarde, como em outras noites de frio, a mãe foi pôr uma garrafa de água quente entre as cobertas para esquentar a cama dele:

– Doze anos, meu filho, quase um homem. Você tem razão, a Espanha pouco pode nos dar. Vá para o Brasil, terra nova, cheia de oportunidades. E trabalhe duro, siga o exemplo do seu pai.

Meu avô viu os olhos de sua mãe brilharem como líquido. Desde a morte do marido, era a primeira vez que chorava diante de um filho.

Drauzio VARELLA. *Nas ruas do Brás.*
São Paulo: Companhia das letrinhas, 2000, p. 5. Coleção Memória e História.

- Conte à turma que o Brás é um bairro da cidade de São Paulo e abrigou muitos imigrantes espanhóis, italianos etc. que vieram tentar a vida no Brasil. Foi nesse bairro bem popular que nosso autor cresceu e viveu as aventuras que registrou nesse livro destinado às crianças. Entre suas próprias lembranças, ele conta também as histórias de juventude de seu avô.

- Informe-os(as) que nesse trecho do livro, ele reconstitui a conversa do avô com a mãe, quando tinha 12 anos, no momento em que ele decide deixar seu país e vir para o Brasil.

- Após a leitura do texto, organize uma rodada de opiniões e comentários. As questões sugeridas abaixo podem orientar a conversa, mas não devem ser transformadas em um questionário. A ideia é que a atividade tenha a forma de um bate-papo.
  - **O que imaginaram e sentiram enquanto ouviam o texto?**
  - **Alguma parte chamou mais a atenção? Qual? Por quê?**
  - **O que o autor conta nesse trecho: um fato que viveu, uma situação, suas lembranças pessoais ou as de outra pessoa?**

- Releia o texto para os alunos e alunas, e peça-lhes que desenhem, no computador ou no papel, uma cena que tenha lhes chamado a atenção. Se optar pela realização da atividade no computador, você pode utilizar não somente programas como o *Paint*, disponível em computador com sistema operacional Windows, mas também ferramentas on-line de criação e compartilhamento de desenhos, como o Sketchpad (https://galactic.ink/sketchpad/).

- Lembre à turma que esse livro foi publicado quando Drauzio tinha 57 anos e que nesse trecho ele conta uma história que deve ter ouvido do avô (ou de seu pai) quando era criança. Continue a conversa perguntando se o autor escreveu exatamente o que ouviu naquela época. Comente as diferenças entre registrar exatamente o que se ouviu e a lembrança da história que se escutou.

3ª etapa

Plano de trabalho

atividades

- Faça com a classe um plano de trabalho. Prepare um cartaz com a lista das atividades das próximas aulas. Você também pode usar recursos virtuais para esse planejamento, projetando a lista de atividades produzida em *Word* ou *PowerPoint.*

- Depois de pronto, leia o cartaz em voz alta e coloque-o num lugar de destaque da classe. Se a lista de atividades foi produzida em ambiente digital, você pode imprimir o documento e fixá-lo ou distribuí-lo. Assim, a turma poderá acompanhar cada etapa e marcar as tarefas já realizadas.

Plano de trabalho

- **Ler e analisar textos de memórias literárias.**
- **Identificar e aprender a usar marcas linguísticas próprias do gênero Memórias Literárias.**
- **Preparar e fazer as entrevistas.**
- **Selecionar e organizar as informações coletadas.**
- **Produzir um texto coletivo que servirá como ensaio para a produção final.**
- **Produzir o texto individual.**
- **Aprimorar o texto.**
- **Preparar os textos que farão parte do livro organizado pelos alunos e alunas.**
- **Elaborar as ilustrações, a capa e a contracapa deste livro.**

oficina

Semelhantes, porém diferentes

objetivos

- Conhecer gêneros que se assemelham por terem como principal ponto de partida experiências vividas pelo autor ou pela autora.
- Orientar a turma a identificar as principais características do texto que ele deverá escrever.

prepare-se!

Os textos apresentados têm semelhanças e diferenças. Leia-os e conheça essas características. Tal estudo pode facilitar a organização do quadro que você produzirá com a classe no final desta oficina. Para tanto, vá lendo e registrando as informações mais importantes.

1ª etapa

Gêneros textuais diferentes

Embora com objetivos e características de produção diferentes, alguns gêneros tratam de temas muito semelhantes entre si e podem confundir o leitor. Nesta oficina, apresentamos alguns textos que, apesar de pertencerem a gêneros diferentes, podem parecer aos alunos memórias literárias.

atividades

- Organize os alunos e alunas em grupos e peça-lhes que leiam *20 de julho de 1955*, *Minha primeira infância*, *A casa de guerra* e *Memórias de livros*. Antes da leitura, lembre-lhes que observem o nome dos autores e a data em que os textos foram publicados. Pergunte se já tinham ouvido falar deles, se já haviam lido algum livro ou texto escrito por eles.

20 de julho de 1955, Carolina Maria de Jesus: Quarto de despejo

20 de julho de 1955

Deixei o leito as 4 horas para escrever. Abri a porta e contemplei o céu estrelado. Quando o astro-rei começou despontar eu fui buscar água. Tive sorte! As mulheres não estavam na torneira. Enchi minha lata e zarpei. (...) Fui no Arnaldo buscar o leite e o pão. (...) Preparei a refeição matinal. Cada filho prefere uma coisa. A Vera, mingau de farinha de trigo torrada. O João José, café puro. O José Carlos, leite branco. E eu, mingau de aveia.

Já que não posso dar aos meus filhos uma casa decente para residir, procuro lhe dar uma refeição condigna.

Terminaram a refeição. Lavei os utensílios. Depois fui lavar roupas. Eu não tenho homem em casa. É só eu e meus filhos. Mas eu não pretendo relaxar. O meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável, mas não é possivel. Eu não estou descontente com a profissão que exerço. Já habituei-me andar suja. Já faz oito anos que cato papel. O desgosto que tenho é residir em favela. (...)

Fui no rio lavar as roupas e encontrei D. Mariana. Uma mulher agradavel e decente. Tem 9 filhos e um lar modelo. Ela e o espôso tratam-se com iducação. Visam apenas viver em paz. E criar filhos. Ela tambem ia lavar roupas.

Carolina Maria de Jesus (1914-1917) nasceu no interior de Minas Gerais e, ainda jovem, mudou-se para São Paulo, onde viveu na favela do Canindé, trabalhando como catadora de papel e ferro velho. Frequentou a escola por apenas dois anos, mas ficou conhecida por relatar o cotidiano da comunidade e seus sentimentos em diários, publicados pela primeira vez em livro em 1960 e ainda hoje muito conhecidos. No trecho destacado, Carolina combina o lirismo de sua escrita - "contemplei o céu estrelado" - à percepção da marginalização, pois não pode dar aos filhos uma "casa decente para morar". O texto em primeira pessoa, que narra eventos cotidianos, caracteriza o diário. Para saber mais sobre Carolina Maria de Jesus, você pode acessar o site da *Enciclopédia do Itaú Cultural (http://bit.ly/3paRH4X.)*

Minha primeira infância

Minha primeira infância foi muito agitada. Ainda no ventre de minha mãe, viajei da Itália para a África, isso porque meu pai havia feito as Guerras de Conquista, conhecidas como Coloniais. A primeira vez foi convocado; a segunda, como voluntário. Apaixonou-se pela África e quis ficar. Pediu transferência das Confederações Industriais para lá.

Primeiro, ficou sediado em Asmara, uma colônia italiana, naquela época Abissínia. Ficamos na cidade, não sei exatamente quanto tempo, porque minha família não costumava registrar essas coisas.

Deve ter sido um ano e meio. Mudamos para Trípoli, na Líbia, também colônia italiana. Ficamos lá até pouco depois de estourar a guerra. A Itália declarou guerra em 1939, nasci em 1937.

Imagino que no final de 1939, início dos anos 1940, tenhamos regressado à Itália, minha mãe e as duas crianças. Meu pai ainda manteve a casa em Trípoli toda montada durante certo tempo, até ficar muito perigoso. Quando voltou para a Itália, perdeu tudo o que havia na casa, naturalmente.

Na Itália, moramos um tempo em Roma, onde nasceu meu terceiro irmão, depois viajamos durante os cinco anos da guerra, em parte porque meu pai era transferido e, eventualmente, tínhamos que mudar de cidade porque a guerra vinha avançando na Sicília, chegando chegando pelo sul, com a presença dos aliados. Íamos nos mudando para o norte. (...) Em 1948, viemos para o Brasil.

A casa de guerra

A guerra, quando se está nela, não é nada parecida com o que se pensa. Tem até uma conferência que fiz sobre isso que se chama "Lendo na casa da guerra". Quando se está nela, envolvido nela, é uma normalidade, sobretudo se a pessoa nasceu no período de

guerra. Nasci praticamente na guerra, a partir do momento que tenho memória do final de Trípoli, antes dos quatro anos. Lembro-me do avião no qual a gente saiu de Trípoli. Viemos de avião, sempre modernos... Mas a minha memória verdadeira começa quando já é guerra. Ela não é caótica, simplesmente muda, altera os códigos, estabelecem-se outros.

Na guerra, as janelas devem ter cortinas, algumas pintadas de azul-marinho; depois das oito horas tem que fechar todas as janelas porque não pode passar luz; tem comida, não tem, comida falta, enfim... Mas a guerra cria os seus próprios códigos e estruturas.

ACERVO MUSEU DA PESSOA/
Disponível em: http://bit.ly/3iDLGv4 acessado em 15/11/2020

A perspectiva das pessoas comuns diante de um marco histórico é o que se observa no relato da escritora Marina Colasanti, conhecida por títulos como *A moça tecelã, Uma ideia toda azul* e *Contos de amor rasgados.* A autora, cuja família se fixou no Rio de Janeiro em razão da crise por que passou a Itália após a Segunda Guerra Mundial, trabalhou como jornalista em grandes veículos de comunicação do país enquanto publicava seus livros. No trecho, em primeira pessoa, ela oferece seu olhar a respeito da guerra na Europa, sem os recursos linguísticos que se associam ao exercício da literatura. Aqui, o que temos, portanto, é um relato histórico, que oferece alternativa à visão das fontes oficiais. Marina Colasanti tem um site dedicado à sua trajetória e obra (https://cutt.ly/hj387iX).

Memória de livros

Não sei bem dizer como aprendi a ler. A circulação entre os livros era livre (tinha que ser, pensando bem, porque eles estavam pela casa toda, inclusive na cozinha e no banheiro), de maneira que eu convivia com eles todas as horas do dia, a ponto de passar tempos enormes com um deles aberto no colo, fingindo que estava lendo e, na verdade, se não me trai a vã memória, de certa forma lendo, porque quando havia figuras, eu inventava as histórias que elas ilustravam e, ao olhar para as letras, tinha a sensação de que entendia nelas o que inventara. Segundo a crônica familiar, meu pai interpretava aquilo como uma grande sede de saber cruelmente insatisfeita e queria que eu aprendesse a ler já aos quatro anos, sendo demovido a muito custo, por uma pedagoga amiga nossa. Mas, depois que completei seis anos, ele não aguentou, fez um discurso dizendo que eu já conhecia todas as letras e agora era só uma questão de juntá-las e, além de tudo, ele não suportava mais ter um filho analfabeto. Em seguida, mandou que eu vestisse uma roupa de sair, foi comigo a uma livraria, comprou uma cartilha, uma tabuada e um caderno e me levou à casa de D. Gilete.

João Ubaldo Ribeiro. *Um brasileiro em Berlim*.
Rio de Janeiro: Objetiva, 2011, pp. 106-107.

João Ubaldo Ribeiro, em "Memória de livros", faz o registro literário de suas recordações de menino: o casarão onde morava em Aracaju (SE), os avós, os pais, a primeira professora, os livros e as revistas que lia, os cheiros dos impressos antigos, os gestos de leitura mesmo antes de ser alfabetizado. Trata-se, portanto, de um texto de **memórias literárias**. Ao se colocar como narrador-personagem – recurso muito utilizado em textos desse gênero – o autor recria o passado e procura transportar o leitor para o tempo e o espaço onde ocorreram os acontecimentos narrados.

- Após a leitura desses trechos, apresente aos alunos e alunas as palavras: **diário, relato histórico, memórias literárias**. Explique que cada um dos textos lidos refere-se a um desses gêneros. Peça aos grupos que releiam os textos, tentando identificar a que gênero pertence cada um deles.

- Ajude a turma a perceber que há semelhanças entre os textos: todos são escritos em primeira pessoa; o autor é também o narrador ou o relator dos fatos. Além disso, os autores relatam acontecimentos que marcaram experiências de vida. Mas é importante ressaltar que também há diferenças entre eles.

  - **Diário:** costuma ser elaborado como um registro íntimo; em sua origem, não se dirige a outra pessoa, o seu destinatário primeiro é o(a) próprio(a) autor(a). Nele, são registradas as experiências vividas no presente. Quando os diários são publicados, tempos depois de terem sido escritos, temos acesso à visão pessoal a respeito da época a que eles se referem.

  - **Relato histórico:** pode ser definido como uma narrativa que estabelece relações entre sujeitos, fatos e tempos históricos. O(A) autor(a) de um relato histórico não se atém à narrativa de uma história. O texto que assinalamos é um exemplo de como o registro da história das pessoas pode ser também uma fonte histórica. Marina foi entrevistada por uma organização não-governamental que se dedica à história oral. Sua fala foi transcrita e registrada em livro para que ficasse ao mesmo tempo preservada e acessível para outras pessoas.

  - **Memórias literárias:** geralmente são narrativas que têm como ponto de partida experiências vividas pelo(a) autor(a) em épocas passadas, mas contadas da forma como são vistas no presente. Comente com a turma que ao longo das oficinas eles e elas aperfeiçoarão o conhecimento sobre textos de memórias literárias.

- Para finalizar, organize com a classe um resumo com as principais características de cada texto (intenção do(a) autor(a), a quem o texto se destina, tema, recursos utilizados).

oficina

Primeiras linhas

objetivos

- Produzir o primeiro texto de memórias literárias.

prepare-se!

Seus alunos e alunas irão escrever os primeiros textos de memórias literárias. Leia todas as produções e procure identificar as informações que eles já têm sobre o gênero e as que precisam apreender.

1ª etapa

Início da produção

Talvez você esteja pensando: por que pedir uma produção escrita logo nas primeiras oficinas? Não vai ser difícil? Pode ser, mas a ideia é saber o que os alunos e alunas podem produzir nesse momento e o que precisam aprender, para que você possa planejar as intervenções necessárias.

atividades

- Explique à turma que esse primeiro texto será guardado para ser comparado com aquele que será produzido nas últimas oficinas. Isso deixará evidente tanto para você quanto para seus alunos e alunas o que foi aprendido.
- O primeiro texto será feito com base na pesquisa sugerida na Oficina 1, quando os alunas e alunos conversaram com pessoas mais velhas da comunidade, e na Oficina 3, quando realizaram leituras e reflexões com base em alguns fragmentos de textos. Analise com elas e eles o que foi feito, retomando os resumos organizados pelos grupos, e peça-lhes que escolham um dos entrevistados.
- Em seguida, explique-lhes que deverão se colocar no lugar de uma pessoa mais velha para escrever as memórias dela, em primeira pessoa; ou apresentar inicialmente o entrevistado, que passa a narrar os acontecimentos, também em primeira pessoa; ou ainda remeter ao relato do entrevistado, o que significa escrever o texto em terceira pessoa. Dê um exemplo de cada uma dessas possibilidades. Chegue a um acordo com a turma, de forma que todos adotem o mesmo encaminhamento.
- Finalmente, enfatize que o texto será produzido com base nos fatos que conheceram durante a conversa com as pessoas que foram contatadas para emprestar os objetos antigos, mas cada aluno poderá imaginar como os fatos ocorreram e como aquela pessoa viveu o(s) episódio(s) narrado(s), pois um pouco de imaginação pode ajudar a seduzir o leitor.

Lembretes

Primeira escrita

Analise cuidadosamente a primeira produção: ela mostra o que a turma já sabe sobre o gênero memórias e dá pistas para que o professor possa melhor intervir no processo de aprendizagem, tentando solucionar os problemas enfrentados pela maioria do grupo.

Esse primeiro texto também é importante para que os alunos e alunas avaliem a própria escrita. Com sua ajuda, eles e elas podem comprometer-se, tendo mais chances de melhorar a linguagem. Em várias oficinas propomos atividades que visam não apenas ensinar a produzir um texto no gênero memórias literárias, mas também aperfeiçoar a escrita em seus aspectos gramaticais e ortográficos.

Além disso, será possível comparar essa produção com o texto final e verificar os avanços, o que constitui um processo de avaliação continuada. Os alunos e alunas que têm dificuldades vão precisar de mais atenção. É provável que você tenha que acrescentar atividades para atender as necessidades próprias do seu grupo.

Para ajudar os estudantes, indique a eles o site do Museu da Pessoa (https://acervo.museudapessoa.org/pt/home), organização destinada ao registro, preservação e difusão de histórias de vida. Lá é possível conhecer o acervo de memórias de estrangeiros e brasileiros de todo o país.

oficina

Tecendo os fios da memória

objetivos

- Explorar o planejamento do texto de memórias literárias.
- Observar o foco narrativo presente em boa parte desses textos.

prepare-se!

- Antes de trabalhar com a turma, você precisa dominar o planejamento de um texto de memórias literárias.
- Vale ressaltar que nem todos os textos da Coletânea de memórias literárias representam uma obra completa.
- Fique atento para ajudar seus alunos a identificar os trechos e as obras completas.

1ª etapa

Início, meio e fim

A importância de planejar

Para explorar o "desenho" de um texto de memórias literárias é necessário que os alunos e alunas tenham contato com livros desse gênero. Este Caderno contém trechos de livros; as exceções são: *Como num filme e Doces memórias*, que não fazem parte de livros.

atividades

- Imprima cópias do texto *Doces memórias* para a turma. Recorte as cópias seguindo as linhas pontilhadas, distribua os trechos recortados entre os grupos de alunos. Explique-lhes que se trata de um texto de memórias literárias escrito pela aluna Adrielle Vieira de Oliveira, participante da Olimpíada de Língua Portuguesa. Peça que leiam os trechos e procurem organizar o texto, colocando os parágrafos em uma ordem com início, meio e fim.

- Converse com eles, comparando a forma como o texto foi organizado pela estudante com o modo que cada grupo o ordenou.

- Solicite aos estudantes que, nos grupos, encontrem o trecho do texto que situa o(a) leitor(a) no tempo e no espaço em que as lembranças se desenrolam. Veja se conseguem distinguir os parágrafos em que a autora descreve a cidadezinha de outrora e também a zona rural em que vivia. Para ajudá-los no reconhecimento dos trechos, um bom recurso é fazer grifos, utilizando o *projetor.*

- Peça-lhes que escrevam, com palavras deles, quais são os principais fatos lembrados pela entrevistada de Adrielle.

- Coloque em evidência os trechos em que a narradora se coloca criticamente em relação ao passado: O que ela fala da vida na lavoura? Como se sente em relação à vida religiosa da época? Quais eram as carências daquele período e do que ela gostava? Como isso aparece materialmente no texto?

- Atente-se também às expressões hoje pouco usuais que aparecem no texto - como “de arracar picapau do oco” - e também a metáforas como “cartão de crédito era a palavra do freguês”.

Doces memórias

Percorro em sonhos a cidadezinha de minha infância. Um largo e caudaloso rio serpenteando a várzea fértil. A ponte de ferro da charqueada já se encontrava lá toda imponente. A luz elétrica ali produzida iluminava o centro da cidade. Poucos casarões de pau a pique ao longo da pacata rua Belo Horizonte, hoje a movimentada avenida Abílio Machado. Impossível esquecer-me da igrejinha do Rosário com sua torre norte sineira. Às quinze horas, começava um movimento pelas vielas. Lá se iam as senhoras atraídas pelo tocar do sino. Hora do terço, muito me admirava a fé daquelas pessoas! Mamãe, com apenas um olhar, recomendava-me silêncio e puxava a turma de carolas com cantos e orações. Rezávamos até para chover se a seca ameaçasse a plantação. Mas o que mais me encantava nesta igreja eram as missas das manhãs de domingo. Depois de uma longa homilia, saíamos a apreciar os poucos carros tipo "Ford Bigode" que circulavam em torno da praça. Ora, assentávamos nos banquinhos para uma boa prosa. Havia umas prosas de "arrancar picapau do oco". Enquanto isso, exalava dos casarões um cheirinho de macarronada com galinha caipira que dava água na boca. Só mesmo atraídos por estes aromas e pelo apito do trem das onze, assinalando o horário do almoço, é que deixávamos a pracinha do chafariz.

Quando o inverno chegava, minhas tristezas e alegrias contrastavam. Cortava-me o coração ver meu pai e mais seis irmãos saírem debaixo de um frio congelante para irem trabalhar arduamente na lavoura. Eu ficava em casa ajudando mamãe com os afazeres domésticos. Carregar pote de água na cabeça não era nada divertido. Pelo caminho, sonhava mesmo era carregar minha cartilha e ir para

o Grupo Escolar. Como foi dolorido sair no segundo ano! Mas já sabia ler e isto bastava para as famílias pobres. Para esvair minha dor, só mesmo o canto e os mexericos das lavadeiras na mina. Sábias, ludibriavam bem quando eu estava por perto. Jamais envolviam crianças em assuntos de adultos.

Já as alegrias, vinham com as festas de São João. Fogueira gigante, noite estrelada e não poderia faltar aquelas broas de fubá com canela, de sabor jamais degustado igual, como aquelas que só vovó Conceição sabia fazer. Dezembro era pura magia! As chuvas e nossas brincadeiras no lamaçal. Quanta farra e criatividade! Os meninos abandonavam os carrinhos de lobeira - pequeno arbusto - e eu as minhas bonecas de retalhos. Como a rua era bem mais atrativa! Tudo ali se tornava fantástico. Construíamos castelos de barro e imaginávamos uma fábrica de chocolates. Ah chocolate! Só na imaginação mesmo, pois no empório da dona Gilda, onde se vendia do urinol ao chocolate, tudo era caríssimo. Comerciante boa era ela! Cartão de crédito era a palavra do freguês.

Inesquecíveis foram os saraus de fim de ano do Sr. Abner, ali a cultura, a arte e o romance se misturavam. Quantos poemas ouvi, quanto me emocionei! Muitos casamentos saíram dali. Hoje, recordo-me de tudo com lágrimas quentes descendo dos meus olhos e salgando a boca. Porém o que permanece em minha memória adocica essa solitária velhice.

Memória nas estantes

A visita a uma biblioteca pode ampliar ainda mais o repertório de seus alunos. Se na cidade em que você mora ou na escola em que você leciona há uma biblioteca, leve sua turma para descobrir textos de memórias.

Aproveite a oportunidade para ensiná-los(las) a localizar e fazer consultas na biblioteca por: título, autor, assunto, gênero.

Você pode incentivá-los(las) a se cadastrarem e retirar alguns livros para leitura em casa.

2ª etapa

Início, meio e fim

atividades

- Mostre aos alunos como é o planejamento de um texto de memórias literárias. Para auxiliá-la(lo) nessa tarefa separamos trechos iniciais e finais dos livros *Um brasileiro em Berlim,* de João Ubaldo Ribeiro e *O menino no espelho*, de Fernando Sabino.

- Diga à turma que, em geral, o início de um livro, ou mesmo de um capítulo de memórias literárias, é dedicado a situar o leitor no tempo e, principalmente, no espaço em que se passam as lembranças do narrador.

Quando chovia, no meu tempo de menino, a casa virava um festival de goteiras. Eram pingos do teto ensopando o soalho de todas as salas e quartos. Seguia-se um corre-corre dos diabos, todo mundo levando e trazendo baldes, bacias, panelas, penicos e o que mais houvesse para aparar a água que caía e para que os vazamentos não se transformassem numa inundação. Os mais velhos ficavam aborrecidos, eu não entendia a razão: aquilo era uma distração das mais excitantes.

Fernando Sabino. *O menino no espelho,* Rio de Janeiro: Record, 1992.

Aracaju, a cidade onde nós morávamos no fim da década de 40, começo da de 50, era a orgulhosa capital de Sergipe, o menor estado brasileiro (mais ou menos do tamanho da Suíça). Essa distinção, contudo, não lhe tirava o caráter de cidade pequena, provinciana e calma, à boca de um rio e a pouca distância de praias muito bonitas.

João Ubaldo Ribeiro. *Memória de livros, in: Um brasileiro em Berlim.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2011, p. 105.

▷ Após a leitura dos trechos de contextualização das memórias, explique aos alunos e alunas que cada autor escolhe, de suas lembranças, fatos que foram marcantes. Ao longo do texto (ou capítulo), ele relata o acontecido e revela (ou sugere) para o leitor ou a leitora os motivos que tornam significativos os fatos contados. Fernando Sabino conta vários episódios de sua vida de menino: a galinha de estimação que ele tentava proteger da cozinheira; o passeio ao campo de aviação; a casa abandonada;

o amigo valentão; o primeiro amor… João Ubaldo fala sobre o período em que viveu em Aracaju: como aprendeu a ler, o cheiro dos livros, o empenho de seu pai para que começasse logo a ler, o contato com a professora Gilete, as leituras oferecidas pela avó durante as férias escolares.

- É importante destacar que um texto de memórias literárias pode ser concluído com alguns questionamentos do narrador-personagem sobre seu passado, como em *Memória de livros*:

> Fico pensando nisso e me pergunto: não estou imaginando coisas, tudo isso poderia ter realmente acontecido? Terei tido uma infância normal? Acho que sim, também joguei bola, tomei banho nu no rio, subi em árvores e acreditei em Papai Noel. Os livros eram uma brincadeira como outra qualquer, embora certamente a melhor de todas. Quando tenho saudades da infância, as saudades são daquele universo que nunca volta, dos meus olhos de criança vendo tanto que entonteciam, dos cheiros dos livros velhos, da navegação infinita pela palavra, de meu pai, de meus avós, do velho casarão mágico de Aracaju.
>
> João Ubaldo Ribeiro. *Memória de livros, in: Um brasileiro em Berlim.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2011, p. 112

- Ou ainda com o deslocamento desse autor-narrador-personagem para o presente, como faz Fernando Sabino em *O menino no espelho*. Após mergulhar nas lembranças de sua infância, o autor conclui assim sua obra:

Depois me despeço e refaço todo o caminho de volta até meu quarto. Vou à janela, olho para fora. O que vejo agora é a paisagem de sempre, o fundo dos edifícios voltados para mim, iluminados pelas luzes do entardecer em Ipanema. Ouço o relógio soando a última pancada das cinco horas. Viro-me e me vejo de novo no meu apartamento.

Caminho até a mesa, debruço-me sobre a máquina que abandonei há instantes. Leio as últimas palavras escritas no papel:

… até desaparecer em direção ao infinito.

Sento-me e escrevo a única que falta: FIM.

Fernando Sabino. *O menino no espelho,* Rio de Janeiro: Record, 1992.

O trabalho com os livros de memórias literárias pode ser feito de diferentes maneiras, conforme a quantidade de livros de que você dispuser. Se houver apenas um título, leia a parte inicial ou o primeiro capítulo para os alunos e alunas e incentive-os(as) a ler o restante, organizando empréstimo na biblioteca em esquema de rodízio. Havendo mais obras, o trabalho pode ser feito em grupos, sempre tendo como foco principal observar como o autor ou a autora iniciou e concluiu a obra e os fatos narrados.

Professora, professor, na **seção Coletânea**, você vai encontrar um trecho de *Galinha ao molho pardo,* do livro *O menino no espelho*; e uma compilação de *Memória de livros*, do livro *Um brasileiro em Berlim*.

3ª etapa

O narrador

O narrador em primeira pessoa é o narrador-personagem ou narrador-testemunha. No caso de memórias literárias teremos, geralmente, o narrador-personagem, que tem por característica se apresentar e se manifestar como eu e fala a respeito daquilo que viveu. O narrador em primeira pessoa conta a história dele sempre de forma parcial, considerando um único ponto de vista: o dele.

atividades

- Peça à classe que identifiquem marcas da presença do narrador em primeira pessoa nos textos lidos na 2ª etapa. Você pode projetar o Caderno, usando o *projetor* e fazer os grifos coletivamente.

- Explique à turma que o texto em primeira pessoa revela que o narrador é também personagem da história que conta. Lembre-lhes que, muitas vezes, nesses textos, serão encontradas também ocorrências do uso da primeira pessoa do plural, o que normalmente indicará uma ação ou um sentimento compartilhado pelo narrador com outras personagens da história. Os pronomes de primeira pessoa ("eu, nosso...") são encontrados em vários textos deste Caderno do Docente. Ressalte que essa presença explícita do narrador é uma marca linguística dos textos que se organizam com base em relatos de experiência vivida, como os diários, as memórias (literárias ou não), entre outros gêneros.

Para saber mais

Promones

Pronomes pessoais – Indicam a pessoa gramatical (eu, ele, me, nos etc.), substituem um substantivo.
Pronomes possessivos – Acompanham um substantivo para determinar seu sentido (meu, sua, minha, nosso etc.).

▷ Copie na lousa o trecho a seguir ou projete-o. Peça à classe que o transcrevam, modificando o foco narrativo de terceira para primeira pessoa.

A principal diversão deles era jogar futebol. Usavam "bolas de meias", que eles mesmos faziam com papel jornal compactado e colocado dentro de uma meia de mulher. As tardes se prolongavam até a noitinha, eles paravam de jogar apenas quando não havia mais sol e quando não podiam ignorar os gritos que chegavam de suas casas, para tomar banho e ir jantar.

Texto adaptado do livro *Antes que o tempo apague*, de Rostand Paraíso. 2ª ed. Recife: Comunicarte, 1996.
Saiba mais sobre o autor na entrevista à Revista Brasileiros (https://cutt.ly/ij36qYo).

▷ Durante a atividade chame a atenção da turma para a flexão verbal; ao trocar os pronomes de terceira para primeira pessoa o verbo também será flexionado, sendo conjugado na primeira pessoa.

oficina

Lugares que moram na gente

objetivos

- Perceber as diferentes características da descrição em textos de memórias literárias.
- Observar o efeito provocado pela forma como autores descrevem fatos, sentimentos e sensações nesse gênero de texto.

prepare-se!

Seus alunos irão descrever um local (praça, coreto, casa, museu, praia...) do lugar onde vocês vivem. Na próxima oficina, o mesmo local será descrito num tempo passado. Considere isso ao escolher o espaço que irão descrever.

1ª etapa

Primeiro carnaval no Brasil

atividades

Projete o trecho do livro *Transplante de menina*, de Tatiana Belinky, disponível também na **seção Coletânea**. Na versão virtual deste Caderno (https://cutt.ly/eznUCFJ), por meio do qual é possível ouvir a leitura.

Para saber mais

Sobre Tatiana Belinky

Tatiana Belinky nasceu na Rússia. Aos 10 anos, emigrou para o Brasil, onde viveu até sua morte, em 2013. É considerada uma das maiores escritoras de nossa literatura infantil e juvenil. Em seu livro *Transplante de menina*, ela narra memórias da terra natal, sua infância e juventude, a viagem para o Brasil, as primeiras impressões sobre o novo país. Para conhecer mais sobre a autora, assista ao vídeo em homenagem à autora, produzido pela TV Cultura (https://cutt.ly/kj8rcJe).

Transplante de menina

[...] Na Avenida Rio Branco, reta, larga e imponente, embicando no cais do porto [...] tivemos a nossa primeira impressão – e que impressão! – do carnaval brasileiro. [...] O que nós vimos, no Rio de Janeiro, não se parecia com nada que eu pudesse sequer imaginar nos meus sonhos mais desvairados.

Aquelas multidões enchendo toda a avenida, aquele "corso" – desfile interminável e lento de carros, para-choque com para-choque, capotas arriadas, apinhados de gente fantasiada e animadíssima. Todo aquele mundaréu de homens, mulheres, crianças, de todos os tipos, de todas as cores, de todos os trajes – todos dançando e cantando, pulando e saracoteando, jogando confetes e serpentinas que chegavam literalmente a entupir a rua e se enroscar nas rodas dos carros... E os lança-perfumes, que que é isso, minha gente! E os "cordões", os "ranchos", os "blocos de sujos" – e todo o mundo se comunicando, como se fossem velhos conhecidos, se tocando, brincando, flertando – era assim que se chamavam os namoricos fortuitos, a paquera da época –, tudo numa liberdade e descontração incríveis, especialmente para aqueles tempos tão recatados e comportados...

[...] Vi muitos carnavais depois daquele, participei mesmo de vários, e curti-os muito. Mas nada, nunca mais, se comparou com aquele primeiro carnaval no Rio de Janeiro, um banho de Brasil, inesquecível...

Tatiana Belinky. Transplante de menina. São Paulo: Moderna, 2003.

- Após a audição ou leitura, converse com a turma sobre o acontecimento que a autora rememora.
- Peça-lhes que façam um desenho, no caderno ou no computador, com base no momento vivido por Tatiana Belinky.
- Exponha os desenhos em um mural e faça um exercício de comparação com a classe. Se os desenhos forem produzidos em ambiente digital, você pode projetá-los ou imprimi-los.
- Comente que Tatiana descreve com riqueza de detalhes a Avenida Rio Branco, o desfile dos carros, as multidões, a forma como se vestiam. Tudo com tantos detalhes que podemos até desenhar e imaginar o carnaval daquela época.
- Peça à classe que releiam o texto junto com você para identificar os trechos em que a autora descreve o que viu.
- Mostre-lhes que, além de descrever, ela também conta o que sentiu, já que o carnaval não se parecia com nada do que conhecia e, mesmo depois de ter presenciado outros carnavais, nenhum deles se comparou com aquele, inesquecível.
- Peça que destaquem/apontem trechos em que a autora fala de seus sentimentos e impressões (com o auxílio do projetor). Outra alternativa é solicitar aos alunos e às alunas que copiem esses trechos no caderno deles.

2ª etapa

Outras descrições

atividades

Apresente à classe outros exemplos de descrições presentes em textos de memórias literárias e peça-lhes que observem os recursos utilizados pelos autores.

[…] não pode deixar de ser feita uma menção aos pais de meu pai, meus avós João e Amália. João era português, leitor anticlerical de Guerra Junqueiro e não levava o filho muito a sério intelectualmente, porque os livros que meu pai escrevia eram finos e não ficavam em pé sozinhos. […] "Estas tripinhas que não se sustentam em pé não são livros, são uns folhetos." Já minha avó tinha mais respeito pela produção de meu pai, mas achava que, de tanto estudar altas ciências, ele havia ficado um pouco abobalhado, não entendia nada da vida.

João Ubaldo Ribeiro. *Memória de livros*, pp. 109-110.
Para saber mais sobre o autor, assista ao vídeo produzido pelo Sesc (https://cutt.ly/wj8ypcw).

O quintal de nossa casa era grande, mas não tinha galinheiro, como quase toda casa de Belo Horizonte naquele tempo. Tinha era uma porção de árvores: um pé de manga sapatinho, outro de manga coração-de-boi, um pé de gabiroba, um de goiaba branca, outro de goiaba vermelha, um pé de abacate e até um pé de fruta-de-conde. […] De um lado, o barracão com o quarto da Alzira cozinheira e um quartinho de despejo. Do outro lado, uma caixa de madeira grande como um canteiro, cheia de areia que papai botou lá para nós brincarmos. […]

Fernando Sabino, *O menino no espelho.*
O livro de Sabino foi transformado em filme. Assista ao trailer (https://cutt.ly/Pj8o7NI).

- Pergunte se é possível observar semelhanças e diferenças entre as descrições realizadas pelos três autores - Tatiana Belinky, João Ubaldo Ribeiro e Fernando Sabino. Durante a conversa, diga-lhes que João Ubaldo descreve de fato o avô, embora faça menção à avó, mostrando a opinião deles sobre seu filho, pai do narrador-personagem; Fernando Sabino descreve o quintal da casa em que vivia; e Tatiana Belinky relata uma situação.

- Chame a atenção para o fato de que a descrição pode ser utilizada em diferentes momentos do texto, e não apenas no início. Além disso, é importante que percebam como, dependendo do objetivo e do estilo do autor ou da autora, a descrição terá características diferentes. Em todos os casos, as descrições são fundamentais para que o leitor e a leitora possa construir imagens da época, dos lugares, das pessoas e de como os fatos foram vivenciados.

Para saber mais

Descrição

Para fazer uma boa descrição é importante reparar no objeto descrito, como se o olhássemos pela primeira vez, e ter clareza de quem é o leitor ao qual nos dirigimos, o que ele precisa saber a respeito dos fatos, dos lugares, das personagens e dos costumes abordados no texto. Considerando esses aspectos, e dependendo do efeito que pretendemos provocar no leitor, será necessário enfatizar determinadas cenas, características de lugares ou personagens, sensações, impressões e informações captadas pelos cheiros, sabores, cores, texturas, sons.

A descrição pode ser utilizada como recurso para seduzir o leitor e aproximá-lo da experiência relatada pelo autor do texto.

3ª etapa

Um local de detalhes

atividades

- Você já analisou com a turma diferentes características da descrição em alguns textos de memórias literárias. Agora, peça-lhes que descrevam um local significativo, atraente, interessante do lugar onde vivem. Para fazer isso, leve-os ao local e peça-lhes que observem alguns detalhes e, em duplas, descrevam esse lugar. Após a escrita, eles devem trocar os textos com outras duplas para que uma aprecie a descrição feita pela outra e faça comentários. Estimule-os(as) com perguntas:
  - **Pela descrição, uma pessoa que não conhece o lugar poderá imaginá-lo?**
  - **O autor ou a autora usou recursos para tornar a descrição atraente? Quais?**

- Comente com a turma que eles e elas descreveram um lugar, mas em textos de memórias literárias situações, pessoas, experiências também são descritas.

- Professora, professor, se não for possível fazer uma visita ao local, você pode:
  - **Levar fotografias atuais e outras imagens para a sala de aula. Também é possível solicitar que os alunos e as alunas tragam as imagens fotografadas por seus próprios celulares. Em seguida, peça à turma que faça a descrição com base nesses materiais.**
  - **Sugerir a pesquisa na web (por exemplo, no Youtube) de vídeos que apresentem lugares atuais. Também é possível solicitar que os alunos e as alunas tragam os vídeos filmados por seus próprios celulares. Em seguida, peça à turma que faça a descrição com base nesses materiais.**

- Guarde essas descrições ou as exponha em um mural, pois serão retomadas na próxima oficina.

oficina

89
se bem me lembro...

Nem sempre foi assim

objetivos

- Observar como os autores comparam o tempo passado com o atual.

prepare-se!

Para esta oficina, será imprescindível levar fotos antigas de lugares conhecidos dos alunos — de preferência imagens do mesmo lugar descrito na oficina anterior. Se for o caso, peça ajuda às pessoas mais velhas da comunidade.

1ª etapa

A vida era...

atividades

- Recorde com a turma que, na escrita de memórias literárias, os autores se preocupam em caracterizar lugares e pessoas considerados importantes nas experiências vividas no passado. Eles também comparam o tempo passado com o atual, destacando, muitas vezes, as diferenças. Esse aspecto, próprio do gênero memórias literárias, será ressaltado nesta oficina.
- Apresente para a turma a escritora Zélia Gattai, autora do livro *Anarquistas, graças a Deus*. Se possível, mostre o livro aos alunos e leia para eles alguns trechos.

Zélia Gattai, São Paulo (SP), 1916 – Salvador (BA), 2008. Casada com o escritor baiano Jorge Amado, morou muitos anos em Salvador. Zélia foi eleita para a Academia Brasileira de Letras em 2001. Escreveu vários livros de memórias. No primeiro, *Anarquistas, graças a Deus*, conta a história de sua família de imigrantes italianos e relembra a infância em São Paulo.

- Você ainda pode apresentar aos alunos o vídeo da Fundação Casa de Jorge Amado (https://cutt.ly/lj8g34E) em que a autora resgata algumas de suas memórias para falar sobre como começou a escrever.
- Divida a classe em grupos. Leia para eles, em voz alta, o texto *Os automóveis invadem a cidade*, de Gattai. Após a leitura em voz alta, projete o texto por meio do *projetor* e peça que leiam novamente o texto.

Os automóveis invadem a cidade

Naqueles tempos, a vida em São Paulo era tranquila. Poderia ser ainda mais, não fosse a invasão cada vez maior dos automóveis importados, circulando pelas ruas da cidade; grossos tubos, situados nas laterais externas dos carros, desprendiam, em violentas explosões, gases e fumaça escura. Estridentes fonfons de buzinas, assustando os distraídos, abriam passagem para alguns deslumbrados motoristas que, em suas desabaladas carreiras, infringiam as regras de trânsito, muitas vezes chegando ao abuso de alcançar mais de 20 quilômetros à hora, velocidade permitida somente nas estradas. Fora esse detalhe, o do trânsito, a cidade crescia mansamente. Não havia surgido ainda a febre dos edifícios altos; nem mesmo o "Prédio Martinelli" – arranha-céu pioneiro em São Paulo, se não me engano do Brasil – fora ainda construído. Não existia rádio, e televisão, nem em sonhos. Não se curtia som em aparelhos de alta-fidelidade. Ouvia-se música em gramofones de tromba e manivela. Havia tempo para tudo, ninguém se afobava, ninguém andava depressa. Não se abreviavam com siglas os nomes completos das pessoas e das coisas em geral. Para que isso? Por que o uso de siglas? Podia-se dizer e ler tranquilamente tudo, por mais longo que fosse o nome por extenso – sem criar equívocos – e ainda sobrava tempo para ênfase, se necessário fosse.

Os divertimentos, existentes então, acessíveis a uma família de poucos recursos como a nossa, eram poucos. Os valores daqueles idos, comparados aos de hoje, no entanto, eram outros; as mais mínimas coisas, os menores acontecimentos, tomavam corpo, adquiriam enorme importância. Nossa vida simples era rica, alegre e sadia. A imaginação voando solta, transformando tudo em festa, nenhuma barreira a impedir meus sonhos, o riso aberto e franco. Os divertimentos, como já disse, eram poucos, porém suficientes para encher o nosso mundo.

Zélia Gattai. *Anarquistas, graças a Deus.* 11ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1986.
Você pode assistir um vídeo com a turma para saber mais sobre o livro (https://cutt.ly/4j8hseh).

Zélia Gattai faz muitas comparações entre os dias de hoje e o tempo em que era menina. Projete o texto e incentive a turma a procurar essas comparações. Se tiverem dificuldade para encontrá-las, ajude-os(as) com perguntas:

- **Como eram os carros? E o trânsito?**
- **Como eram as construções?**
- **Como era a vida das pessoas? E seus valores? Como se divertiam?**

- Zélia descreve a cidade e explica como ela era. Ao ler esse trecho, temos a impressão de que a autora escreve para um(a) leitor(a) que não conhece a cidade de São Paulo, pelo menos na época em que ocorre a experiência relatada. Por isso, ela apresenta detalhes de lugares, atitudes, costumes e práticas das pessoas, o que possibilita ao(à) leitor(a) conhecer e se aproximar do passado. Procure, no texto, essa relação.
- Em seguida, projete um trecho do livro *O menino no espelho*, de Fernando Sabino, e destaque as passagens em que o autor olha para o presente e enxerga o passado. Antes, apresente o autor para a classe.

Fernando Sabino, Belo Horizonte (MG), 1923 - Rio de Janeiro (RJ), 2004. Foi cronista, romancista, editor e documentarista. Aos 13 anos, escreveu seu primeiro trabalho literário, na revista *Argus*, órgão da Polícia Militar mineira. Publicou mais de quarenta livros. Em 1982, lançou o romance *O menino no espelho*, que passou a ser adotado em inúmeros colégios do país. Nesse livro, o autor conta sobre a sua infância em Belo Horizonte, na década de 1920.

Memórias literárias

Trecho do livro: O menino no espelho

[…] Cansado de tantas recordações, afasto-me do relógio e caminho até a janela, olho para fora.

Assombrado, em vez de ver os costumeiros edifícios, cujos fundos dão para o meu apartamento em Ipanema, o que vejo é uma mangueira – a mangueira do quintal de minha casa, em Belo Horizonte. Vejo até uma manga amarelinha de tão madura, como aquela que eu quis dar para a Mariana e por causa dela acabei matando uma rolinha. Daqui da minha janela posso avistar o quintal, como antigamente: a caixa de areia que um dia transformei numa piscina, o bambuzal de onde parti para o meu primeiro voo. Volto-me para dentro e descubro que já não estou na sala cheia de estantes com livros do meu apartamento, mas no meu quarto de menino: a minha cama e a do Toninho, o armário de cujo espelho um dia se destacou um menino igual a mim […].

Fernando Sabino. *O menino no espelho*, Rio de Janeiro: Record, 1992.

- Incentive a turma a comentar as descrições de ambos os textos.

2ª etapa

Ontem e hoje

Na primeira etapa desta oficina, os alunos e as alunas aprenderam vários recursos comparativos. Agora, eles e elas irão colocá-los em prática.

atividades

- Proponha à classe que pesquisem fotos antigas dos mesmos lugares que descreveram na oficina anterior.
- Peça aos estudantes que comparem a descrição com as fotos pesquisadas. Então, solicite-lhes que escrevam um novo texto, contando como era o lugar e utilizando os vários recursos comparativos apresentados na primeira etapa.
- Alguns alunos ou algumas alunas podem ler o texto para toda a classe. Em seguida, observe e comente como foram usados os recursos comparativos. Depois, sugira-lhes que, em duplas, um colega leia o texto do outro e faça comentários.
- Aqui, é importante chamar atenção para um fenômeno comum nos textos de memórias literárias: a romantização do passado. Você pode mostrar à turma alguns trechos dos textos abaixo:

Poucos casarões de pau a pique ao longo da pacata rua Belo Horizonte, hoje a movimentada avenida Abílio Machado. Impossível esquecer-me da igrejinha do Rosário com sua torre norte sineira. Às quinze horas, um movimento pelas vielas. Lá se iam as senhoras atraídas pelo tocar do sino. Hora do terço, muito me admirava a fé daquelas pessoas! Mamãe com apenas um olhar recomendava-me silêncio e puxava a turma de carolas com cantos e orações.

Adrielle Vieira de Oliveira. *Doces memórias.* Cenpec, 2019.

Lá não existia eletricidade, como temos nos dias atuais, por isso depois de uma jantarada simples, mas muito caprichada, íamos para beira do rio acompanhados pela luz da lua e com lamparinas que usávamos quando a "mãe da noite" resolvia se esconder. (...) Durante as horas de conversa, em que o rio sentava para ouvir também, tínhamos sobre nossas cabeças um campo negro com milhões de pontinhos brilhantes que iluminavam até a nossa alma. Era impressionante como as horas voavam, mais que passarinho quando soltavam-se da gaiola.

David Lima dos Santos. *Nos braços do Ipixuna.* Cenpec, 2019.

Na época não havia energia elétrica, a estrada era de chão batido de carro de bois. O lugar era repleto de árvores nativas do cerrado, belos exemplares de pequizeiros, gabirobeiras... Mas a que predominava e roubava a cena era a atrevida caraíba, com suas flores incandescentes. Exceto por isso, não achei o local bonito, mas o povo era! "Afinal, é o povo quem faz a cidade, não é?"

Amanda Xavier. *Filho da ferrovia.* Cenpec, 2019.

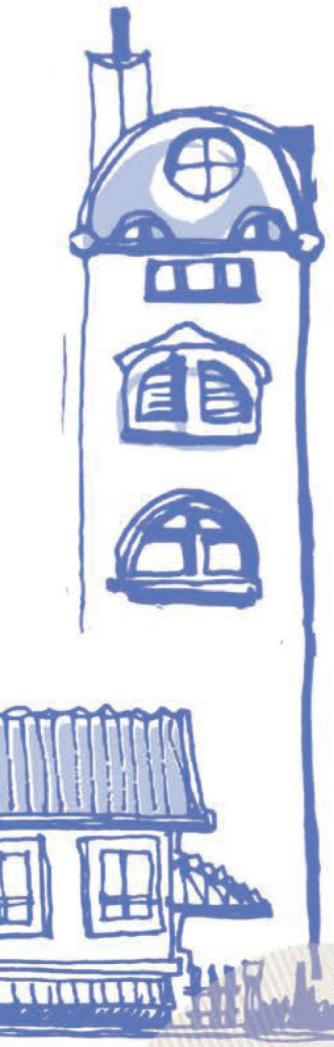
- Chame atenção para os textos que constroem imagens que apresentam o local ou as pessoas sem o tom nostálgico que muitas vezes aparece em textos do gênero. Dê ênfase aos recursos linguísticos empregados pelos autores e autoras e mostre como eles contribuem
- É importante lembrar mais uma vez que em textos de memórias literárias são várias as descrições encontradas, não apenas as de lugares.

Atenção

Professora, professor caso não seja possível fazer descrições do mesmo lugar trabalhado na oficina anterior, pesquise imagens antigas de lugares conhecidos dos alunos e das alunas e proceda como o descrito anteriormente.

oficina

97
se bem me lembro...



Na memória de todos nós

objetivos

- Analisar marcas linguísticas que contribuem para a articulação e a progressão textual.

prepare-se!

Antes de começar esta oficina é necessário que você identifique as marcas linguísticas presentes nos textos de Manoel de Barros e de João Ubaldo Ribeiro. Nesta oficina, os alunos terão contato com dois textos de memórias literárias.

1ª etapa

O lavador de pedra

atividades

Leia para a turma o texto *O Lavador de Pedra*, de Manoel de Barros. Não se esqueça de comentar alguns dados sobre o autor.

Em *Memórias inventadas: a infância*, o autor nos presenteia com seis pequenos contos que narram uma infância recriada pelo poeta. O texto foi escrito quando Manoel de Barros tinha 87 anos. A respeito desse livro ele diz: "Agora tenho saudades do que não fui. Acho que o que faço agora é o que não pude fazer na infância". Para conhecer um pouco mais do escritor, assista ao trailer do filme Só dez por cento é mentira (https://cutt.ly/jj4MR6c) e acesse o site da Fundação Manoel de Barros (http://www.fmb.org.br/).

Manoel de Barros, Cuiabá (MT), 1916 - Campo Grande, 2014.

O lavador de pedra

A gente morava no patrimônio de Pedra Lisa. Pedra Lisa era um arruado de 13 casas e o rio por detrás. Pelo arruado passavam comitivas de boiadeiros e muitos andarilhos. Meu avô botou uma Venda no arruado. Vendia toucinho, freios, arroz, rapadura e tais. Os mantimentos que os boiadeiros compravam de passagem. Atrás da Venda estava o rio. E uma pedra que aflorava no meio do rio. Meu avô, de tardezinha, ia lavar a pedra onde as garças pousavam e cacaravam. Na pedra não crescia nem musgo. Porque o cuspe das garças tem um ácido que mata no nascedouro qualquer espécie de planta. Meu avô ganhou o desnome de Lavador de Pedra. Porque toda tarde ele ia lavar aquela pedra.

A Venda ficou no tempo abandonada. Que nem uma cama ficasse abandonada. É que os boiadeiros agora faziam atalhos por outras estradas. A Venda por isso ficou no abandono de morrer. Pelo arruado só passavam agora os andarilhos. E os andarilhos paravam sempre para uma prosa com o meu avô. E para dividir a vianda que a mãe mandava para ele. Agora o avô morava na porta da Venda, debaixo de um pé de jatobá. Dali ele via os meninos rodando arcos de barril ao modo que bicicleta. Via os meninos em cavalo de pau correndo ao modo que montados em ema. Via os meninos que jogavam bola de meia ao modo que de couro. E corriam velozes pelo arruado ao modo que tivessem comido canela de cachorro. Tudo isso mais os passarinhos e os andarilhos era a paisagem do meu avô. Chegou que ele disse uma vez: Os andarilhos, as crianças e os passarinhos têm o dom de ser poesia.

Dom de ser poesia é muito bom!

Manoel de Barros. *Memórias inventadas: a infância.* São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.

- Após a leitura, faça uma rodada de comentários sobre o texto. Ouça as impressões dos alunos e fique atento aos palpites deles. Chame a atenção para o caráter de ficção do texto. Afinal, como o próprio autor diz, ao escrever suas memórias ele recria sua infância.

- Você pode fazer perguntas para que alguns aspectos sejam observados pela turma:

  - **O que mais lhes chamou a atenção no texto de Manoel de Barros?**
  - **Que fato de suas memórias o autor resgata nesse trecho?**
  - **Que personagens aparecem nessa narrativa?**
  - **Como vocês entenderam a frase: "Agora o avô morava na porta da Venda, debaixo de um pé de jatobá"?**
  - **Há palavras ou expressões do texto que desconhecem?**

- Faça os alunos e alunas perceberem que, nesse texto, Manoel de Barros conta um episódio cuja personagem principal é o avô dele. Assim, embora esteja narrando memórias, o texto retrata um momento em que o autor é observador, testemunha do que o avô viveu. Nessa narrativa, aparecem diversas personagens: o narrador, o avô, a mãe do narrador, os boiadeiros, os andarilhos e os meninos.

2ª etapa

Sede noturna

atividades

Nesta etapa, vamos trabalhar com mais um trecho do texto de João Ubaldo Ribeiro. Retome algumas informações a respeito do autor e diga que *Memória de livros* é um texto que recupera suas lembranças dos primeiros contatos com os livros, as leituras que fazia quando pequeno, o papel fundamental de seu pai e de seus avós na sua formação como leitor.

João Ubaldo Osório Pimentel Ribeiro nasceu na Ilha de Itaparica, Bahia. Passou a infância em Aracaju, morou em outros países e no Rio de Janeiro até a sua morte, em 2014. Autor de romances, crônicas e contos, João Ubaldo foi também jornalista e professor. Recebeu vários prêmios internacionais por suas obras. *Memória de livros* é um dos textos do livro *Um brasileiro em Berlim,* publicado quando o autor tinha 54 anos.

Projete *Memória de Livros*, por meio do *projetor*, e peça a turma que leiam o texto.

Memória de livros

[...] Nas férias escolares, ela ia me buscar para que eu as passasse com ela, e meu pai ficava preocupado.

— D. Amália – dizia ele, tratando-a com cerimônia na esperança de que ela se imbuísse da necessidade de atendê-lo –, o menino vai com a senhora, mas sob uma condição. A senhora não vai deixar que ele fique o dia inteiro deitado, cercado de bolachinhas e docinhos e lendo essas coisas que a senhora lê.

— Senhor doutor – respondia minha avó –, sou avó deste menino e tua mãe. Se te criei mal, Deus me perdoe, foi a inexperiência da juventude. Mas este cá ainda pode ser salvo e não vou deixar que tuas maluquices o infelicitem. Levo o menino sem condição nenhuma e, se insistes, digo-te muito bem o que podes fazer com tuas condições e vê lá se não me respondes, que hoje acordei com a ciática e não vejo a hora de deitar a sombrinha ao lombo de um que se atreva a chatear-me. Passar bem, Senhor doutor.

E assim eu ia para a casa de minha avó Amália, onde ela comentava mais uma vez com meu avô como o filho estudara demais e ficara abestalhado para a vida, e meu avô, que queria que ela saísse para poder beber em paz a cerveja que o médico proibira, tirava um bolo de dinheiro do bolso e nos mandava comprar umas coisitas de ler – Amália tinha razão, se o menino queria ler, que lesse, não havia mal nas leituras, havia em certos leitores. E então saíamos gloriosamente, minha avó e eu, para a maior banca de revistas da cidade, que ficava num parque perto da casa dela e cujo dono já estava acostumado àquela dupla excêntrica. [...]

João Ubaldo Ribeiro. *Um brasileiro em Berlim*.
Rio de janeiro: Objetiva, 2011, pp. 110-111.

Discuta com a turma:

- **Nesse trecho, o autor relembra um deslocamento que costumava acontecer nas férias escolares. Ele ia de onde para onde?**
- **A realidade vivida pelo autor na sua infância era a mesma nos dois lugares? Explique.**
- **Que semelhanças você identifica entre o texto de Manoel de Barros e o de João Ubaldo Ribeiro?**

3ª etapa

Como dizer

atividades

Em textos de memórias literárias, ao descrever um objeto, uma personagem, um sentimento, os autores utilizam a linguagem para criar imagens, provocar sensações, ressaltar determinados detalhes ou características. A articulação desses recursos proporciona ao leitor ou leitora uma experiência estética particular. Apresente à turma as seguintes frases:

- **Havia uma pedra no meio do rio.**
- **Este menino ainda pode ser salvo.**

Comente com a classe que essas informações podem aparecer de um jeito diferente, mais literário, mais poético. Peça-lhes que leiam novamente os textos e procurem identificar nos trechos os fatos descritos nas frases apresentadas. São eles:

- **“E uma pedra que aflorava no meio do rio”**
- **“Mas este cá ainda pode ser salvo”.**

Explique-lhes que existem alguns recursos, algumas formas de dizer que tornam singulares os fatos escolhidos pelos autores. Apresente aos estudantes e às estudantes os quadros “Manoel de Barros – O Lavador de Pedra” e “João Ubaldo Ribeiro – Memória de livros”, e peça-lhes que localizem nos textos lidos as frases correspondentes, ou seja, a forma como o autor narrou esses fatos.

Manoel de Barros – O Lavador de Pedra

Fatos	Fragmentos do texto – Como o autor narrou o fato
Os meninos corriam rapidamente pelo lugarejo.	"E corriam velozes pelo arruado ao modo que tivessem comido canela de cachorro."
Ele via os meninos rodando os arcos de barril como se fossem pneus de bicicleta.	"Dali ele via os meninos rodando arcos de barril ao modo que bicicleta."
O apelido de meu avô era Lavador de Pedra.	"Meu avô ganhou o desnome de Lavador de Pedra."
As pessoas que passavam por ali conversavam com meu avô.	"E os andarilhos paravam sempre para uma prosa com o meu avô."

João Ubaldo Ribeiro – Memória de livros

Fatos	Fragmentos do texto – Como o autor narrou o fato
A avó pede ao filho que não a contrarie, pois acordou com dor no nervo ciático.	"... e vê lá se não me respondes, que hoje acordei com a ciática..."
O pai pede à sua mãe que não deixe o neto fazer o que quer.	"A senhora não vai deixar que ele fique o dia inteiro deitado, cercado de bolachinhas e docinhos e lendo essas coisas que a senhora lê."
A avó diz que vai bater em quem vier aborrecê-la.	"... não vejo a hora de deitar a sombrinha ao lombo de quem se atreva a chatear-me..."
A avó e o neto iam, animados, à banca de revistas.	"E então saíamos gloriosamente, minha avó e eu, para a maior banca de revistas da cidade..."

▷ Depois que o grupo completar o exercício, leve os alunos e as alunas a perceber os efeitos de sentido criados pelos aspectos linguísticos particulares dos textos. Informe-os(as) de que para fazer isso, os autores recorrem a diferentes recursos: utilizam figuras de linguagem, empregam expressões características de determinada região, podem também fazer uso de expressões típicas da oralidade informal. Nesse caso, o uso dessas expressões é intencional e adequado para o contexto.

Para saber mais

Uso de alguns recursos linguísticos em *O Lavador de Pedra*

a) "Meu avô ganhou o desnome de Lavador de Pedra."
Trata-se de um neologismo ou criação de palavra nova. O autor utilizou-se do prefixo des, que tem o sentido de negação, para criar um outro nome, ou seja, desnome seria o não nome, o outro nome, diverso do de batismo.

b) "Dali ele via os meninos rodando arcos de barril ao modo que bicicleta. Via os meninos em cavalo-de-pau correndo ao modo que montados em ema. Via os meninos que jogavam bola de meia ao modo que de couro. E corriam velozes pelo arruado ao modo que tivessem comido canela de cachorro."
Aqui é tratada a comparação, que estabelece uma relação de semelhança entre elementos, por meio de termos comparativos, entre os quais: como, qual, feito, que nem, parece. Os escritores costumam utilizar comparações, estabelecendo relações de sentido ora previsíveis, ora inesperadas, entre as palavras.

Você também pode assistir ao vídeo do Canal Futura com a turma sobre as figuras de linguagem.

Dica: Professora, professor, o vídeo do Canal Futura tem a duração de 12 minutos, caso não seja possível assistir por completo, uma sugestão é escolher os trechos que podem ser mais interessantes para a sua turma.

Para saber mais

Uso de alguns recursos linguísticos em *Memória de livros*

a) "[...] e não vou deixar que tuas maluquices o infelicitem."

Nessa fala da avó, em que ela usa a segunda pessoa do singular para se dirigir ao filho, substitui-se o filho (tu) por uma caracterização que o representa ("tuas maluquices"). A figura é a **metonímia**, o uso de um pormenor de uma pessoa no lugar da própria pessoa.

b) "[...] tirava um bolo de dinheiro do bolso e nos mandava comprar umas coisitas de ler."

Essa passagem sugere que havia tanto dinheiro no bolso do avô que aquele monte de notas formava um bolo. Essa afirmação exagerada é chamada de **hipérbole**.

c) "Passar bem, senhor doutor."

A fala da avó, ao despedir-se do filho depois de ter uma discussão com ele, sugere que ela lhe deseja o contrário do que está dizendo: em vez de passar bem, passar mal. O modo como chama o filho, de senhor doutor, é muito formal e também indica que ela está ironizando o fato de ele se achar muito sabido. Esse recurso, pelo qual se diz o contrário do que pensamos, é chamado de **ironia**.

oficina 10

Marcas do passado

objetivos

- Observar o uso do pretérito perfeito e do imperfeito em textos de memórias literárias.
- Relembrar usos e flexões dos tempos verbais.
- Identificar palavras e expressões usadas para remeter ao passado.
- Compreender o conceito de variação linguística e identificar sua presença nos textos destacados.

prepare-se!

Antes de trabalhar as flexões com a turma, leia os textos aqui recomendados e confirme as várias flexões verbais que neles aparecem; só assim você poderá ajudar seus alunos e alunas a resolver eventuais dúvidas.

1ª etapa

Verbos no passado

O autor ou a autora de memórias literárias usa os verbos para marcar um tempo do passado. Esta oficina trata dos tempos verbais essenciais no gênero memórias: pretérito perfeito e pretérito imperfeito.

Verbos

Ataliba Castilho, em *Nova gramática do português brasileiro*, considera como verbo a palavra (1) que introduz participantes no texto, via processo de apresentação, por exemplo; (2) que os qualifica devidamente, via processo de predicação; (3) que concorre para a constituição dos gêneros discursivos, via alternância de tempos e modos.

atividades

Mostre o texto, por meio do projetor, destacando o trecho.

> Cheguei a Nova Granada de manhãzinha, quase escuro, quase claro, a noite indo embora sem pressa e o dia, menos apressado ainda, dando as caras. Passei a alça da mochila pelo ombro, e comecei a caminhar em direção da casa de meus pais, localizada no centro da cidade, para uma visita de carinho e saudade.
>
> Edson Gabriel Garcia. *Nas ondas do rádio.* Cenpec, 2004.

Instigue a turma com perguntas:

- **É possível identificar o tempo em que os fatos se deram?**
- **Há expressões que marcam o momento exato em que as ações ocorreram?**
- **Pelos verbos usados, é possível saber se a ação ocorre no presente ou no passado?**
- **Avise então que você vai lançar um desafio. Projete outro trecho de memórias, desta vez de Ilka Brunhilde Laurito:**

> Naquela grande casa de pedra em que vovô Vincenzo e vovó Catarina moravam [...] havia uma escadinha misteriosa que subia de uma das grandes salas e que parava numa porta sempre trancada.
>
> Ilka Brunhilde Laurito. *As almas do Amém*, in: A menina que fez a América. São Paulo: FTD, 2002.

Novamente provoque a turma com perguntas:

- **Em que tempo ocorreram os fatos relatados?**
- **Também no passado?**

Peça aos alunos que comparem os dois textos e observe se percebem que, no primeiro trecho, predomina o pretérito perfeito e, no segundo, o pretérito imperfeito.

Explique-lhes a diferença entre os tempos verbais do passado. O pretérito perfeito indica uma ação pontual, completamente terminada no passado, como: cheguei, passei, comecei. Ele é adequado para relatar as ações "fechadas", terminadas no início da visita do autor à sua cidade natal. E o pretérito imperfeito indica ação habitual no tempo passado, fato cotidiano que se repete muitas vezes. Ele é adequado quando a autora descreve "a vida sempre igual de todos os dias".

Peça aos alunos que leiam o último parágrafo de *As almas do Amém*:

> *E foi assim que acabei descobrindo que, quando vovô Vincenzo acabava o terço e erguia as mãos para o teto, talvez* ***estivesse*** *pedindo às almas do AMÉM que* ***velassem*** *pela fartura dos campos da Calábria e que nunca* ***deixassem*** *faltar o pão e o vinho sobre as mesas a fim de que nenhum calabrês, nunca mais,* ***precisasse*** *emigrar para terras alheias.*
>
> Ilka Brunhilde Laurito. As almas do Amém. In: A menina que fez a América. São Paulo: FTD, 2002.

- Chame a atenção da turma para a utilização da forma verbal das palavras destacadas no trecho acima. Pergunte se sabem que tempo verbal é esse. Caso não saibam, informe que o verbo está sendo empregado no pretérito, mas do modo subjuntivo, e não do indicativo. Pergunte, então, por que a autora utiliza o modo subjuntivo, e não o indicativo.

- Veja se percebem que não há tom de certeza, mas de possibilidade de aquilo acontecer. Talvez o avô estivesse pedindo que os campos continuassem fartos, talvez pedisse outras coisas.

Para saber mais

Indicativo ou subjuntivo

Sempre que o autor quer marcar o grau de certeza de que um fato realmente ocorreu, está previsto ou prestes a ocorrer, utiliza o modo indicativo, que retrata situações consideradas reais por parte de quem fala.

Quando ele quer narrar uma ação hipotética, utiliza o modo subjuntivo, que retrata situações consideradas possíveis.

2ª etapa

Palavras e expressões

atividades

- Compartilhe com os alunos as palavras e expressões abaixo.
  - **Gramofone de tromba e manivela.**
  - **Zagaia.**
  - **Lorota.**

- Peça que discutam o significado delas e solicite a cada um deles que escreva uma definição para essas palavras. Depois, peça a alguns alunos ou algumas alunas que leiam as definições em voz alta. Não vale consultar o dicionário nem a internet neste momento.

- Explique-lhes que essas palavras foram retiradas de textos de memórias literárias e se referem a objetos ou costumes antigos.

Apresente as frases abaixo. Em seguida, peça-lhes que as leiam e pergunte-lhes se agora conseguem definir melhor as mesmas palavras.

Na minha ótica de primeira infância, o Pantanal me parecia mais perigoso que belo. Tinha medo de cobras (a jararaca, a cascavel e a sucuri) e das onças (parda e pintada), então abundantes nas várzeas e capões. A suprema forma de coragem era a caçada de onça com **zagaia**.

Roberto Campos. *A lanterna na popa*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1994.

Não se curtia som em aparelhos de alta-fidelidade. Ouvia-se música em **gramofones de tromba e manivela**.

Zélia Gattai. *Anarquistas, graças a Deus*. Rio de Janeiro: Record, 1986.

Quebrávamos as pontas dos lápis e com o descaramento e a falsa pretensão de deixarmos todos eles apontadinhos para a letra ficar bem desenhada e bem bonita nas nossas brochuras, lá íamos nós, atrás da porta e com a gilette em punho, armar em cochichos a melhor estratégia para o próximo jogo. Tudo **lorota**!

Antonio Gil Neto. *Como num filme*.
Texto escrito com base no depoimento de Amalfi Mansutti, 82 anos.

A leitura dos trechos de onde foram retiradas as palavras ajuda a descobrir o significado de cada uma delas. Para instigar os alunos e as alunas você pode fazer perguntas:

- **Para que serve a zagaia?**
- **Para que as pessoas usavam o gramofone?**
- **Vocês podem imaginar o que é lorota?**

Peça que voltem à definição que fizeram anteriormente e vejam se é necessário fazer alguma mudança. Em grupos, eles e elas devem apresentar à classe o que escreveram antes e depois da leitura dessas palavras nos textos.

Oriente os grupos a procurar o significado dessas palavras no dicionário impresso ou **virtual** (https://www.dicio.com.br/). Você pode apresentar também as definições abaixo:

- **Zagaia** – lança curta de arremesso.
- **Gramofone de tromba e manivela** – aparelho antigo que reproduzia sons gravados em disco. Para fazê-lo funcionar, girava-se uma manivela e o som saía por uma tromba em formato de concha.
- **Lorota** – piada, mentira.

Ainda em grupos peça para retomarem o contato com as informações coletadas das pessoas entrevistadas na Oficina 1. As alunas e alunos devem listar as palavras e expressões que as pessoas mais velhas usavam e atualmente são pouco comuns.

Tente instigar a turma a compreender por qual razão as transformações no uso das palavras acontecem, por meio das seguintes perguntas:

- **Que palavras aparecem na fala dos entrevistados e que a turma não usa?**
- **Eles e elas conseguem atualizar a fala dos entrevistados para a linguagem que utilizam?**

- **É possível também notar diferenças na fala de pessoas que vivem na zona rural e na cidade?**
- **E entre pessoas de diferentes classes sociais?**
- **Por que será que os mais velhos usam palavras que as crianças e adolescentes não usam mais?**
- **Há também variação entre pessoas que moram em diferentes regiões do Brasil?**

Faça a síntese das perguntas, assistindo aos seguintes vídeos:

- **a) Variação Linguística (https://cutt.ly/zj468f1), projeto Vidas em Movimento (UEMG).**
- **b) Preconceito linguístico (https://cutt.ly/zj7qy8c), da Khan Academy.**

Finalize a conversa enfatizando que embora haja formas de falar e escrever mais prestigiadas que outras em nossa sociedade, chamamos a diferença de uso da língua que acontece em razão da classe social, da idade, da região ou da forma do registro (falado ou escrito) de variação linguística. Discriminar alguém em razão desses usos trata-se de uma expressão de preconceito. Vale também recuperar o diário de Carolina Maria de Jesus, em que a variação linguística pode ser trabalhada com bastante detalhamento.

Volte à lista de palavras e expressões usadas pelos entrevistados e solicite à turma que elabore um glossário a partir delas. Cada aluno ou aluna deverá escrever um pequeno texto contando uma situação em que a palavra ou expressão era utilizada.

Procure socializar esses textos produzidos pelos alunos e alunas: você pode colá-los em um mural, publicar na internet ou solicitar que um colega leia o do outro, fazendo apreciações.

Para saber mais

Uma saborosa polêmica

Jana Viscardi, youtuber e linguista vinculada à Universidade Estadual de Campinas, em um de seus **vídeos** (https://cutt.ly/4j7eTXk), discute a diferença de falares a partir de uma polêmica das festas de São João: canjica ou mugunzá? Este e outros vídeos do canal ampliam o repertório de professores e professoras a respeito dos estudos sobre a linguagem.

oficina 11

Ponto a ponto

objetivos

- Observar o uso de sinais de pontuação em textos de memórias literárias.

prepare-se!

É importante ajudar o grupo a perceber que os sinais de pontuação são valiosos recursos para organizar as ideias em um texto. Observe as dificuldades de seus alunos no uso desses sinais e monte com eles uma tabela com exemplos. Prepare cópias de textos sem pontuação.

1ª etapa

Sinais de pontuação nos textos

atividades

- Explique à turma que quando conversamos usamos a entonação para expressar nossas ideias, desejos, emoções. Por exemplo: elevamos a voz, usamos pausas, fazemos gestos e mudamos nossa expressão facial, mas quando escrevemos não dispomos desses recursos. Na escrita, são os sinais de pontuação que facilitam a compreensão de quem lê. A pontuação indica as diferenças de entonação e orienta a construção do significado do texto para o leitor ou para a leitora.

- Ressalte que os sinais de pontuação são componentes da organização das ideias e do texto. Para isso, propomos algumas atividades e você poderá desenvolver outras.

- Compartilhe com a turma o seguinte trecho:

> Todo aquele mundaréu de homens, mulheres, crianças, de todos os tipos, de todas as cores, de todos os trajes – todos dançando e cantando, pulando, e saracoteando, jogando confetes e serpentinas que chegavam literalmente a entupir a rua e se enroscar nas rodas dos carros…
>
> Tatiana Belinky. *Transplante de menina*. São Paulo: Moderna, 2003.

- Peça que observem os sinais de pontuação que aparecem na frase e tentem explicar por que foram usados.

- Prepare tarjas com o nome dos sinais de pontuação. Faça outras tarjas com as definições desses sinais. Divida a classe em grupos e entregue uma tarja para cada um deles. Proponha-lhes a organização coletiva de um quadro (que pode se transformar num mural) com a lista dos sinais de pontuação e as situações em que são empregados.

- Em seguida, apresente trechos de textos que podem ser utilizados para exemplificar o uso dos sinais de pontuação. Você pode seguir a mesma estrutura da tabela "O uso dos sinais de pontuação".

O uso dos sinais de pontuação		
Sinal de pontuação	**Emprego**	**Exemplo**
Vírgula	Separar elementos de uma enumeração.	Meu sangue gelava, minha respiração boiava no peito, meus músculos tiniam...
	Introduzir uma explicação a mais sobre quem faz a ação.	A Neguinha, meticulosa para virar o disco.
Vírgula	Intercalar explicações que o autor acha que o leitor desconhece.	Os festejos prestavam homenagem a Santo Antônio – santo cultuado pelas moças por sua fama de casamenteiro.
	Enfatizar uma passagem, situação marcante.	Na Avenida Rio Branco, reta, larga e imponente, embicando no cais do porto [...] tivemos a nossa primeira impressão – e que impressão! – do carnaval brasileiro.
Exclamação	Transmitir ao leitor sentimentos como espanto, admiração, surpresa ou alegria.	E os lança-perfumes, que que é isso, minha gente! Quantas gostosuras! Pipoca, pé de moleque, cajuzinho, milho verde e um quentão delicioso.
Interrogação	Aproximar o autor de seu interlocutor, estabelecer diálogo com o leitor.	Uma brincadeira de que gostávamos muito era "chocar o trem". Sabe o que é isso?
Dois-pontos	Indicar enumeração.	Onde hoje fica o Shopping Center Norte era só mato, água e muita, muita terra. Era lá meu paraíso. Meu e dos meus amigos: o Vitorino, o Zacarias...
	Indicar a introdução da fala de uma personagem ou de uma explicação ao longo do texto.	Os mais velhos ficavam aborrecidos, eu não entendia a razão: aquilo era uma distração das mais excitantes.
Ponto-final	Produzir frases curtas para imprimir ritmo ao texto.	Vivia para jogar futebol, nadar, pescar e caçar passarinhos.
Aspas	Indicar a referência a uma expressão utilizada pelo autor.	Uma brincadeira de que gostávamos muito era "chocar o trem".
	Indicar uma ironia ou uma citação.	Não havia surgido ainda a febre dos edifícios altos; nem mesmo o "Prédio Martinelli"...

- Reescreva um trecho, eliminando os sinais de pontuação, de um dos seguintes textos: *Doces memórias* e *Transplante de menina*. Providencie cópias para a turma. Peça-lhes que ouçam a leitura - disponível no **menu Coletânea** na versão virtual deste Caderno (https://cutt.ly/rkouQYR) - com atenção e façam a pontuação do texto.

- Você pode projetar o texto e fazer a revisão da pontuação, discutindo o emprego correto dos sinais. Outra sugestão é copiar os trechos na lousa.

- O ideal é que os sinais de pontuação sejam trabalhados em várias aulas. Você poderá repetir a estratégia selecionando diferentes trechos de textos para serem apresentados e pontuados pela turma. Vale lembrar que é a leitura que ajuda a compreender os sinais de pontuação.

- Para finalizar, enfatize que nos textos literários o uso da pontuação deve obedecer às regras gramaticais, mas está relacionado também ao estilo de cada autor ou autora.

oficina 12

A entrevista

objetivos

- Planejar e realizar entrevistas.

prepare-se!

Você vai ajudar a sua turma a entrevistar uma das pessoas contatadas no início dessa sequência de atividades.

1ª etapa

O entrevistado e o tema

Esta é uma etapa muito importante do trabalho. Você e sua turma retomarão o contato com os entrevistados para colher e complementar informações que servirão de base para os textos de memórias literárias. Avalie as indicações dos entrevistados e procure escolher aquele que possa apresentar o depoimento mais envolvente. Informe sobre essa pessoa à classe para ajudá-los(las) a se preparar para a conversa. Se for possível, grave a entrevista e estimule as alunas e os alunos a fazerem registros. Como esse trabalho é fundamental, provavelmente você precisará de duas ou mais aulas para realizar esta oficina.

atividades

- **Selecionando os entrevistados** – Quais são as pessoas da comunidade que podem ter lembranças dos assuntos que escolhemos para contar? Retome com a classe a lista de nomes. Defina com os alunos e alunas aquelas que serão novamente entrevistadas.

- **Aprofundando os temas** – Converse com o grupo sobre os temas que deve abordar novamente ou aprofundar nas entrevistas. Para isso, peça-lhes que retomem os quadros elaborados na Oficina 1 e os registros feitos durante as primeiras conversas para verificar quais foram os assuntos mencionados pelos entrevistados ou entrevistadas.

- **Novos dados** – Desperte a atenção para aspectos que não tenham sido mencionados na primeira entrevista e questões sobre as quais ainda não pensaram. Leia e discuta com a classe cada tópico do quadro "Temas que podem despertar lembranças nos entrevistados". Eles vão ajudar a pensar sobre os assuntos mais importantes para a sua comunidade.

Temas que podem despertar lembranças nos entrevistados

Modos de viver do passado

Jeito de namorar, frequentar a escola, brincar, cozinhar, relacionar-se com os pais; modo de vestir, comprar, viajar, cultivar a terra, comercializar, produzir objetos, festejar datas especiais; participação na vida social.

Transformações físicas da comunidade

Aparência das construções, ruas e praças de outros tempos, história da cons trução de edifícios, do crescimento da cidade, da destruição da natureza, do lugar.

Origem da comunidade

Aparência das construções, ruas e praças de outros tempos, história da construção de edifícios, do crescimento da cidade, da destruição da natureza, do lugar.

Antigos lugares de trabalho

Uma fábrica que deu emprego a muita gente e fechou, uma fazenda onde as pessoas trabalhavam e moravam, uma empresa pequena que cresceu muito, uma venda que virou supermercado, as pequenas lojas que desapareceram com a chegada dos shopping centers.

Profissões que desapareceram

Nas grandes cidades, por exemplo, os leiteiros e padeiros que vinham com suas carrocinhas entregar leite e pão, as costureiras que trabalhavam nas casas das pessoas, as datilógrafas com suas máquinas de escrever.

Eventos marcantes

Uma grande enchente, uma comemoração importante, uma festa tradicional, a visita de um presidente ou outra pessoa ilustre, o buraco que se abriu no chão e engoliu parte do bairro, um grande acidente, uma vitória marcante do time da cidade.

Moradores ilustres

Pessoas que marcaram a história da comunidade, em razão de suas ações - sejam elas positivas ou negativas - ou simplemente porque eram conhecidas por todos do lugar.

Histórias de luta

Momentos que representaram grandes conquistas para o lugar motivadas pela ação do povo - pode ser a chegada da energia elétrica ou a construção de um posto de saúde, por exemplo.

Mudanças na demografia

Reflexões sobre a população que habita o local e as transformações que envolvem migração e imigração.

Festas tradicionais

Celebrações que tenham se transformado ou se mantido ao longo do tempo.

Lendas e narrativas da tradição oral

Histórias envolvendo personagens folclóricos e narrativas de assombração, por exemplo, contadas no passado.

Transformações da paisagem

Mudanças na vegetação, nos rios, nas praias e em outros elementos da natureza que fazem parte da localidade.

Exponha os temas do quadro por meio do *projetor* e peça ao grupo que escolha um ou mais temas. Registre os que forem selecionados, deixando-os visíveis na projeção. Para isso, você pode utilizar o *PowerPoint* ou ainda criar um mural virtual com a ferramenta **Padlet** (https://pt-br.padlet.com/).

2ª etapa

Preparando a entrevista

atividades

- Lembre aos alunos que é fundamental criar um clima de respeito e conquistar a confiança do entrevistado ou entrevistada. Ele ou ela precisa se sentir à vontade para contar suas lembranças

- Na tentativa de direcionar a entrevista para o tema desejado, pode-se começar com um comentário do tipo: “Sabemos que, na época em que o(a) senhor(a) era criança, houve uma grande enchente na cidade que destruiu tudo”, ou: “Havia uma fábrica onde muita gente trabalhava”.

- Explique ao grupo que um questionário de perguntas muito objetivas, que pode ser respondido com poucas palavras (por exemplo: “Em que ano o senhor se casou?”), tende a inibir relatos interessantes. Os alunos e as alunas podem levar algumas perguntas, mas não devem se limitar a elas. O objetivo do encontro é conversar para conseguir bons relatos. Por isso, além do roteiro, é bom que a turma esteja preparada para improvisar e fazer outras perguntas a partir das respostas do entrevistado ou entrevistada . As questões também podem ajudar quem conta a revelar sensações e sentimentos a respeito do que está contando.

- É importante os alunos e alunas ficarem atentos e observarem se o entrevistado ou entrevistada compara o passado e o presente, descreve lugares e costumes de antigamente. Caso isso não aconteça naturalmente, o(a) entrevistado(a) pode ser questionado a esse respeito com outras perguntas:

  - **Como era esse lugar naquele tempo?**
  - **O(a) senhor(a) percebe semelhanças com o que ele é hoje?**
  - **O(a) senhor(a) pode falar um pouco mais a respeito dessa brincadeira, desse costume etc.?**

- No final da conversa, valorize o depoimento do(a) entrevistado(a), convidando-o(a) a participar da leitura do texto de memórias literárias. É importante destacar que o aluno ou a aluna precisa escrever o nome e a idade do entrevistado no final do texto.

- Veja, no depoimento *O preparo: um roteiro provisório*, como Antonio Gil se preparou para realizar a entrevista que deu origem ao texto *Como num filme*.

O preparo: um roteiro provisório

Sabia que o sr. Amalfi tinha 82 anos e que tinha suas raízes italianas preservadas em seu modo de vida. Já o conhecia superficialmente. É pai de uma amiga de muito tempo e sabia que ele era um homem que tinha muitas histórias para contar… Por isso, foi o escolhido para ser o entrevistado e personagem na minha tarefa de memorialista.

Organizei um pequeno roteiro provisório. Digo provisório porque ele serviria de apoio para que a conversa rolasse sem cerimônias e fluísse ao sabor das vivências e lembranças que eu imaginava existir na trajetória de vida do sr. Amalfi. Ele, o roteiro, me serviria de bússola para não perder alguns aspectos importantes na minha escrita posterior. Na verdade, o meu objetivo era que a memória do sr. Amalfi viesse à tona e desabrochasse com total liberdade durante o nosso encontro marcado.

Assim, peguei um caderninho brochura e fui escrevendo no topo de algumas páginas ideias que poderiam ser suscitadas na hora da nossa conversa.

Pensei em gravar. Poderia ser interessante, mas a premência do tempo fez com que eu fosse de caderno e caneta e minha especial atenção para estimular as palavras do sr. Amalfi, ouvir bem a sua voz do coração e registrar com rapidez e com a certeza de que teria coletado um bom material para o trabalho posterior: o de ser autor do texto.

Sabia que não iria fazer uma transposição do falado para o escrito. As memórias do sr. Amalfi ganhariam uma dose de ficção da minha parte. Ficariam intactas e salvaguardadas. Mas seriam apresentadas de uma maneira interessante, curiosa, emocionante. E essa era a minha parte!

3ª etapa

A realização da entrevista

As entrevistas devem ocorrer na escola ou, se não for possível em razão de questões como a pandemia do novo coronavírus, por videoconferência. O ideal, em qualquer circunstância, é que todos os alunos e alunas possam participar. Deixe que o(a) entrevistado(a) fale, associe lembranças. Ajude-o(a), com perguntas, a enriquecer o relato. Durante a entrevista, você, professora, professor deve ficar atento para intervir, se necessário. Por exemplo, se o(a) entrevistado(a) fugir um pouco do tema, será necessário reconduzir a conversa para o assunto tratado.

A entrevista não deve ultrapassar 40 minutos para não ficar cansativa. Se houver muito material, será mais difícil para os alunos e alunas organizarem o texto que irão escrever. A entrevista pode ser gravada, sempre lembrando de pedir antecipadamente a permissão do entrevistado ou da entrevistada.

Para ajudar nesta tarefa, você pode pesquisar na web e mostrar vídeos com diferentes formas de entrevistar uma pessoa; um exemplo interessante é a entrevista com o escritor já falecido Bartolomeu Campos de Queirós (https://cutt.ly/OkouJ8K).

Avaliação da entrevista

Após a entrevista, faça uma avaliação da atividade, analisando com os alunos aspectos como: "O entrevistado ficou à vontade? As perguntas planejadas propiciaram relatos interessantes sobre o tema focalizado? Os entrevistadores souberam ajustar as perguntas quando o entrevistado fugiu do tema? Seria possível escrever um texto de memórias literárias com base nos relatos do entrevistado?As anotações feitas no decorrer da entrevista podem ajudar na escrita do texto?".

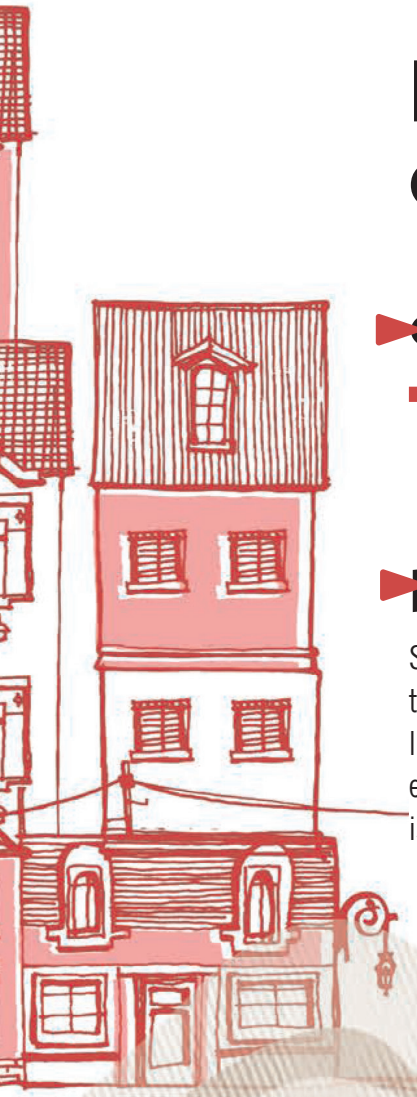
atividades

- Recomende aos alunos e alunas que anotem os pontos mais importantes e usem as anotações para recuperar a história mais tarde. Caso o resultado não tenha sido satisfatório, procure novamente o(a) entrevistado(a) e marque outro encontro. Lembre a turma de que é possível gravar a entrevista em áudio ou em vídeo por meio de celulares ou câmeras fotográficas.

- É importante enfatizar ao grupo que eles e elas vão produzir memórias literárias, seguindo um percurso diferente do vivido pelas autoras e autores dos textos até aqui analisados, uma vez que não viveram as experiências que irão narrar. Por isso, será necessário que estejam muito atentos ao depoimento oral da pessoa entrevistada, para que sejam capazes de registrar as informações e, posteriormente, escrever como se fossem o(a) entrevistado(a) e como se tivessem vivido as experiências por ela ou ele narradas. Se preferirem, os alunos e alunas também podem apresentar o(a) entrevistado(a) e o contexto em que a conversa foi realizada para, posteriormente, passar a palavra ao personagem, demarcando essa passagem graficamente, por meio de aspas. Um exemplo dessa estratégia você encontrará no texto *Como num filme*, de Antonio Gil Neto, cuja íntegra está na Oficina 13 deste Caderno. Mas, atenção, qualquer que seja a escolha feita, é preciso que ela esteja bastante clara para toda a turma, desde o início do processo.

Lembre-se de realizar a gravação da entrevista. Basta usar um aplicativo de gravação de voz, há muitos disponíveis para celular. Atenção, apenas, à extensão da entrevista, pois arquivos de áudio podem ficar grandes. Para garantir que não haja problemas, use mais de um dispositivo e tenha à mão um carregador, de modo a evitar que a bateria acabe durante o registro. Fique atenta(o)!

oficina 13



Da oficina ao texto de memórias literárias

objetivos

- Analisar, juntamente com a turma, os procedimentos realizados para a transformação de um trecho de entrevista em fragmento de memórias literárias (retextualização).

prepare-se!

Seus alunos e alunas têm pela frente uma tarefa desafiadora, que é transformar os dados coletados na entrevista em texto de memórias literárias. Isso deverá ser feito coletivamente e suas orientações são essenciais. Leia antes esta oficina e planeje detalhadamente como fará isso com a classe.

1ª etapa

Registro da entrevista

atividades

- Lembre ao grupo que as entrevistas realizadas serão a matéria-prima para a elaboração do texto.
- Explique-lhes que para chegar a essa produção um dos desafios será transformar os registros da entrevista em texto de memórias literárias, que tem finalidade e característica diferentes das da entrevista. Converse com sua turma sobre a atividade que vão realizar.

Retextualização

A produção de um novo texto com base num já existente é um processo de retextualização, que compreende operações que evidenciam como a linguagem funciona socialmente. Por isso, nessa atividade, devem ser consideradas as condições de produção, de circulação e de recepção dos textos. Quando a retextualização requer a passagem do oral para o escrito, envolve estratégias de eliminação (por exemplo, de marcas interacionais, hesitações), inserção (por exemplo, de pontuação), substituição (por exemplo, de uma forma coloquial para uma formal), seleção, acréscimo, reordenação, reformulação, e condensação (por exemplo, agrupamento de ideias).

- As alunas e alunos entenderão com mais facilidade o processo de retextualização se você citar exemplos. Analisaremos as informações referentes à entrevista realizada por Antonio Gil Neto que deu origem ao texto final dele.

- Leia para o grupo alguns trechos da entrevista, recuperados das anotações do caderno do entrevistador:

Gil: Sr. Amalfi, sua filha me disse que o senhor é um assíduo frequentador de cinema, não é? Ela me disse que o senhor vai ao shopping toda semana ver o filme que está em cartaz. Pois bem... A gente podia fazer esta entrevista como se fosse um filme. O que o senhor acha? O senhor vai se lembrando e vai me contando... Pode ser assim? Do que o senhor se lembra da sua infância? O senhor pode me falar das suas primeiras lembranças? É só entrar no filme da sua vida, não é?

Sr. Amalfi: Silêncio. (O sr. Amalfi ficou por alguns brevíssimos instantes revivendo com os olhos, olhando para cima, para o mundo das emoções da memória revisitada. Como se eu não estivesse lá. Vi que o pequeno azul dos seus olhos marejaram instantaneamente. Mas dei corda para a entrevista se inaugurar.)

Gil: Fale um pouco de seus pais ou de seus avós.

Sr. Amalfi: Ah... Meu Deus! Me dá uma emoção muito forte lembrar esses tempos... Faz tanto tempo! É que eu tenho muita saudade desse tempo que já foi... Sou muito chorão, sabe? Quando eu me lembro do meu pai e da minha mãe eu choro sempre... Deixa ver... Você não vai tomar o seu café? Vai esfriar... Bom, vamos lá! Daquele tempo eu me lembro... Bom, meu pai era italiano e a minha mãe também. Ele era marinheiro. Era Ângelo. Ângelo Amalfi. Você sabe que no ano retrasado eu fui até esse lugar lá na Itália e pude conhecer a terra dos meus pais... Foi o melhor passeio que eu fiz até hoje... Lembro bem porque a minha mãe me contava... Eles vieram casados para São Paulo em 1918. E já ficaram em Santana [bairro da Região Norte da cidade de São Paulo]. Naquele tempo ela disse que nem existia a Voluntários da Pátria [rua famosa desse bairro], veja você. Meu pai foi trabalhar na Sorocabana [Estrada de Ferro Sorocabana – companhia ferroviária criada em 1870]. E aí...

Converse com o grupo a respeito das seguintes questões:

- **O que é possível saber a respeito do sr. Amalfi lendo esse trecho da entrevista?**
- **O que chamou mais a atenção de vocês? Por quê?**
- **Há alguma expressão ou passagem da fala do sr. Amalfi que vocês não entenderam?**

Registre a discussão do grupo.

2ª etapa

Preparando a entrevista

atividades

- Pergunte à classe como acham que Antonio Gil transformou essa entrevista num texto de memórias literárias. O que será que ele fez primeiro? É possível que eles proponham:

  - **apagar as perguntas, deixando só as respostas;**
  - **o registro de alguma informação essencial para que o(a) leitor(a) compreenda o texto que será produzido;**
  - **a seleção dos trechos mais importantes de acordo com o tema escolhido etc.**

- Diga-lhes que vão fazer coletivamente a passagem de um fragmento da entrevista que Antonio Gil realizou com o sr. Amalfi para um registro escrito. Peça que prestem bastante atenção e documentem o processo desenvolvido, pois em seguida vão realizar esse mesmo trabalho com as entrevistas que fizeram.

- Retome as Oficinas 5 e 8, que tratam do planejamento dos textos de memórias literárias e dos recursos utilizados para narrar os fatos vividos e lembrados pelo(a) entrevistado(a). Destaque que a contextualização, bem como as descrições de lugares e de aspectos referentes ao tempo passado, estão presentes na fala dele. Peça ao grupo que observem também se, ao narrar os fatos, o entrevistado ou a entrevistava já confere um colorido especial, marcado pela emoção, pela saudade. E os alunos e alunas, como autores e autoras do novo texto, podem também lançar mão de outros recursos para deixá-lo ainda mais atraente. Lembre também a turma sobre o uso da primeira pessoa.

Chame a atenção para a importância de considerar sempre o contexto não só da entrevista como da escrita final. Para tanto auxilie a turma na observação de alguns itens:

- **Comecem eliminando as perguntas e mantendo apenas as respostas.**
- **Releiam o trecho apresentado e registrem as informações que vocês considerarem fundamentais para alguém que não ouviu a entrevista e não conheceu o entrevistado ou a entrevistada. Essa etapa corresponde à *seleção das informações*.**
- **É importante compreender bem os fatos narrados. Se houver termos desconhecidos, consultem o dicionário, que pode ser físico ou virtual (https://www.dicio.com.br/).**
- **Uma vez feita essa primeira escrita, identifiquem se há no texto repetições de palavras ou expressões muito próximas e avaliem a possibilidade de eliminar essas informações ou substituir termos ou expressões por outras, equivalentes.**
- **Fiquem atentos ao uso dos pronomes demonstrativos (*esse, esta, aquele, aquela etc.*). Enfatize que a forma como são usados na fala nem sempre é adequada ao registro escrito.**
- **Verifiquem a adequação da linguagem para a situação proposta. Lembrem-se de que não há um único modo correto de dizer, mas quando um texto é "publicado" é necessário seguir as regras da norma-padrão. A intenção não é descaracterizar a linguagem do entrevistado, como enfatizamos na conversa sobre variedade linguística em uma das oficinas anteriores, mas torná-la adequada a um texto de memórias literárias.**
- **Para encerrar o trabalho, verifiquem a grafia das palavras.**

- Peça que façam uma apreciação do texto produzido, ressaltando o que ficou bom e o que poderia ser melhorado.

- Agora, confira uma redação possível do trecho retextualizado. Perceba que nesse exercício foram preservadas apenas as informações fornecidas pelo entrevistado.

> Sinto uma emoção muito forte quando me lembro da minha infância. Eu tenho muita saudade daquele tempo. Meu pai e minha mãe eram italianos; ele era marinheiro e se chamava Ângelo Amalfi. Há dois anos eu fui até a Itália e pude conhecer a terra dos meus pais. Foi o melhor passeio que eu fiz até hoje! Mas da minha infância me lembro bem porque a minha mãe me contava: eles vieram casados para São Paulo, em 1918, e já ficaram em Santana. Naquele tempo nem existia a Voluntários da Pátria. Meu pai foi trabalhar na Sorocabana. E então...

Leia para a classe o trecho originalmente produzido por Antonio Gil com base no fragmento da entrevista concedida pelo sr. Amalfi e sua retextualização. Em seguida, peça-lhes que comparem com o texto que produziram, observando as modificações.

> Não foi difícil cair nas graças de seu Amalfi. Direto, sincero, amoroso, foi logo falando de sua vida, com um jeito meio solto, especial, como quem vai montando uma sequência de cenas em nosso pensamento. De início, estáticas e em preto e branco, e, aos poucos, em impulsos coloridos. Depois de uma ou outra pergunta, quase nem precisei falar mais nada. Apenas ouvir, entregar-se à brincadeira da memória era o que bastava.
>
> Ele foi contando, contando e imagens foram se instalando em mim como quem entra em um filme.
>
> "Esse cheirinho de café pendurado no vento leve conduz a meu tempo mais antigo.
>
> Pensei ouvir bem baixinho um fiapo de uma canção napolitana e tudo veio à tona. Logo lembrei-me de minha mãe torrando café, fazendo o pão, a macarronada. Bem que procuro não pensar muito para não marejar os olhos.
>
> O começo de tudo foi na Itália. De lá vieram meus pais. Fugidos do horror da guerra, acabaram por fazer a vida aqui em São Paulo, onde nasci. É a partir dessas lembranças que minha cabeça parece uma máquina de fabricar filmes.
>
> Recordo muita coisa. Não só do que minha mãe contava, mais ainda das que eu vivi."

Observe, com o grupo, que o autor utilizou as observações que fez enquanto conversava e ouvia o entrevistado como material para produzir um texto que reconstrói não apenas o momento da entrevista, mas também as lembranças relatadas pelo entrevistado. Antonio Gil transformou as respostas da entrevista feita com o sr. Amalfi em um texto de memórias literárias; ele se baseou nos fatos contados e nos sentimentos revelados pelo entrevistado para recriar a experiência por ele vivida. Mais que isso, ele mostra o processo por meio do qual foi entrando no passado do sr. Amalfi para narrar suas lembranças como se ele próprio as tivesse vivido.

Leia para os alunos e alunas mais dois trechos da entrevista que resultou no texto de Antonio Gil, observando os quadros abaixo.

Trechos da entrevista

É que meu pai veio trabalhar na Companhia Estrada de Ferro Sorocabana. Era a companhia que fazia os trens circularem de São Paulo ao interior.

A gente tinha uma brincadeira naquela época, que era chocar o trem. E sei que você vai me perguntar o que é isso, não vai?

Em 1929 minha mãe me matriculou no Grupo Escolar de Santana. Na escola fiz muitos amigos. Tempo bom mesmo… Eu não era um bom aluno, mas era esperto.

Como ficou no texto de memórias literárias

Uma brincadeira de que gostávamos muito era "chocar o trem". Sabe o que é isso? Era subir rapidinho no trem em movimento. Ele andava bem devagar, é claro, levando pedras da Serra da Cantareira para construir a cidade.

Da escola eu não gostava tanto. Não era um bom aluno, mas era esperto, vivido. Isso sim. O que acabava ajudando em muitas situações…

Enfatize outras soluções que poderiam ter sido encontradas, tanto por eles e elas, na produção coletiva, quanto pelo autor do texto, pois há muitas possibilidades para narrar os mesmos fatos. Diga ainda que na Oficina 13 as alunas e os alunos vão conhecer, na íntegra, a versão final do texto *Como num filme*. Concluindo, apresente o vídeo **"Museu Memorial do Imigrante"** (https://cutt.ly/ukoacLY) para que possam compreender um pouco melhor a realidade de imigrantes como o sr. Amalfi.

oficina 14

"Como num filme"

objetivos

- Analisar um texto de memórias literárias produzido em situação semelhante àquela que será proposta aos alunos.
- Observar como o autor organiza as vozes presentes no texto.

prepare-se!

Leia antecipadamente o texto *Como num filme*, numere os parágrafos e verifique se, além dos aspectos apontados nesta oficina, você quer destacar para os alunos outros pontos.

1ª etapa

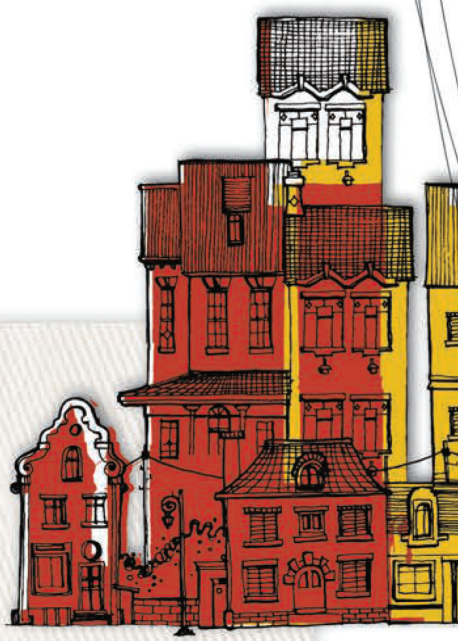
Finalmente, o texto de memórias literárias

Sua turma irá ouvir a leitura de *Como num filme* (https://cutt.ly/okoflMg). É uma atividade muito importante por tratar-se de um texto completo e ter sido escrito com base numa entrevista, como seus alunos e suas alunas farão. Comente esses aspectos com a turma. Diga-lhes que se trata de um texto mais longo do que os que foram lidos até agora e, por isso, serão realizadas algumas interrupções durante a audição.

atividades

- Para começar, leia o título e peça aos alunos que digam por que imaginam que Antonio Gil o escolheu. Anote as hipóteses para retomá-las depois.

- Projete o texto *Como num filme* e peça aos alunos que leiam, também disponível na **seção Coletânea**.



Como num filme

Não foi difícil cair nas graças de seu Amalfi. Direto, sincero, amoroso, foi logo falando de sua vida, com um jeito meio solto, especial, como quem vai montando uma sequência de cenas em nosso pensamento. De início, estáticas e em preto e branco, e, aos poucos, em impulsos coloridos. Depois de uma ou outra pergunta, quase nem precisei falar mais nada. Apenas ouvir, entregar-se à brincadeira da memória era o que bastava.

Ele foi contando, contando e imagens foram se instalando em mim como quem entra em um filme.

"Esse cheirinho de café pendurado no vento leve conduz a meu tempo mais antigo.

Pensei ouvir bem baixinho um fiapo de uma canção napolitana e tudo veio à tona. Logo lembrei-me de minha mãe torrando café, fazendo o pão, a macarronada. Bem que procuro não pensar muito para não marejar os olhos.

O começo de tudo foi na Itália. De lá vieram meus pais. Fugidos do horror da guerra, acabaram por fazer a vida aqui em São Paulo, onde nasci.

É a partir dessas lembranças que minha cabeça parece uma máquina de fabricar filmes.

Recordo muita coisa. Não só do que minha mãe contava, mais ainda das que eu vivi.

Lá pelos idos de 1929, com cerca de sete anos de idade, era menino feito. Minha vida era um misto de cowboy com Tarzan. Onde hoje fica o Shopping Center Norte era só mato, água e muita, muita terra. Era lá meu paraíso. Meu e dos meus amigos: o Vitorino, o Zacarias... Vivia para jogar futebol, nadar, pescar e caçar passarinhos.

Uma brincadeira de que gostávamos muito era 'chocar o trem'. Sabe o que é isso?

Era subir rapidinho no trem em movimento. Ele andava bem devagar, é claro, levando pedras da Serra da Cantareira para construir a cidade. Com o tempo seu trajeto se encheu de bairros: Tucuruvi, Jaçanã, Vila Mazzei, Água Fria e mais o que há agora. Lembra aquela música do Adoniran? Tem a ver com esse trem...

11 Da escola eu não gostava tanto. Não era um bom aluno, mas era esperto, vivido. Isso sim. O que acabava ajudando em muitas situações... Em um abrir e fechar dos olhos da memória lá estão a escola, o corre-corre das crianças e todos eles, intactos e em plena labuta do dia: Dona Albertina, Dona Isabel, Seu Luís, os professores. Ainda o Seu Peter, o diretor, e Seu Luigi, o servente. Quantas vezes em meio à cópia da lousa, que seguia plena em silêncio e dever, disparava um piscar enviesado para meus companheiros de time. Quebrávamos as pontas dos lápis e com o descaramento e a falsa pretensão de deixarmos todos eles apontadinhos para a letra ficar bem desenhada e bem bonita nas nossas brochuras, lá íamos nós, atrás da porta e com a gilette em punho, armar em cochichos a melhor estratégia para o próximo jogo. Tudo lorota!

12 Meio moleque, meio mocinho, sempre dava algum jeito de arranjar um dinheirinho para ir à Voluntários, uma das poucas ruas calçadas do bairro, nas matinês do cine Orion.

13 Meu figurino era feito por minha mãe: uma camisa clara, bem limpa e passadinha com ferro de brasa. Com meus colegas ia ver o que estava em cartaz. Bangue-bangue era o melhor. Lembro-me do Buck Jones, do Rin Tin Tin, do Roy Rogers e mais uma porção daqueles bambas do momento. Também me recordo do cine Vogue e de Seu Carvalho, seu dono e operador, que, ao constatar a enorme fila na bilheteria, dizia para nós, garotos, com certo orgulho solene, só haver lugares em pé. Entrávamos mesmo assim. Depois de alguns minutos já tínhamos nossos lugares escolhidos e... sentados. No escurinho do filme começado, queimávamos um barbante malcheiroso que fazia todo mundo desaparecer de nosso lugar preferido. Comédia pura, não é?

▷ Nesse ponto, interrompa a leitura e pergunte ao grupo o que imaginam que acontecerá ao sr. Amalfi. Como acham que a história dele continua? Ouça alguns alunos e alunas, registre as opiniões deles e delas e depois retome a leitura, até o final.

14 Com o passar dos anos, veio o tempo do trabalho para valer. De aprendiz de químico tornei-me o titular na fábrica de perfumes dos libaneses. Fiz de tudo lá: brilhantina, rouge, pó de arroz, produtos muito usados na época. Veio também o tempo do namoro sério e, com ele, o cinema com sorvete a dois. Minha vida era um filme de aventuras, mais que outra coisa. Tive de vencer muitos obstáculos. E foi um bom tempo assim.

15 Construir uma família não é fácil, mas, como se sabe, o amor sempre vence.

16 Como nos filmes de amor, acabei me casando em technicolor e em cinemascope, como um galã, com minha Mercedes, mais bonita que Greta Garbo ou qualquer outra estrela de Hollywood. Com ela comecei a frequentar o centro de São Paulo. Íamos de bonde elétrico, descíamos na Praça do Correio e andávamos de braços dados pelos pontos mais elegantes da cidade.

17 Misturados aos carros que pertenciam a gente muito rica, estavam os cabriolés, uma espécie de carroça puxada a cavalos... Na Avenida São João estavam os melhores cinemas: o Marabá, o Olido, com seus camarotes e frisas. Quantos filmes! O Canal de Suez, O Morro dos Ventos Uivantes, E o Vento Levou! Vejo-nos direitinho, como em um musical, indo para a cidade de bonde. O condutor, o Delmiro, mais parecia um bailarino, um Fred Astaire tropical, por conta dos trejeitos, malabarismos de corpo que fazia ao parar, descer, cumprimentar, receber as pessoas, acomodá-las e, enfim, conduzir o bonde.

18 Era mais que um motorneiro. Esse era um show à parte!

19 Se bem me lembro, o cinema me acompanhou a vida inteira. Isso porque sou do tempo do cinema mudo, veja você, onde os violinos e o piano faziam nossa imaginação ouvir as vozes e sentir as emoções dos artistas que passavam rápidos nas telas. Depois veio o cinema falado e para nós isso era a maior e a melhor invenção. Olhando para o que se passou, constato que fui um bom frequentador das telas. Com chuva ou com sol!

20 Até nossa primeira filha, com poucos meses de idade, não impedia nossa diversão preferida! Era nossa figurante proibida. Íamos ao Bom Retiro, ao cine Lux. Lá eu conhecia todo mundo e sentávamos com a menina nos braços bem na última fila, caso precisássemos sair às pressas para acalmar um choro repentino. Assistimos a tantas histórias e nossa menina dormia profundamente. Quase sempre.

21 Talvez por conta do trabalho, das exigências da vida, dos cuidados com a família e mesmo com a facilidade da televisão, acabei me dando conta de que fiquei muito tempo sem ir ao cinema. Engraçado, agora que estou praticamente sozinho, em consequência das perdas que a vida nos traz, o cinema volta com toda a força. Não perco quase nada do que passa nos shoppings perto de casa. Tudo é mais confortável, imenso. Mas tudo é mais barulhento, apressado e real demais. Não sobra muito tempo para sonharmos.

22 Mesmo assim, quero ir a outros cinemas desta cidade que cresceu e cresce tanto. O jeito é me armar de um celular para que minha filha não fique tão preocupada comigo por causa dessas minhas novas aventuras cinematográficas."

23 Quando releio o que está escrito, não sei onde está o que o seu Amalfi me contou e onde está o que projetei de sua vida em mim. Engraçado mesmo! Perdi-me nos labirintos da imaginação, onde o presente e o passado se fundem em um só desenho. A memória brinca com o tempo, como em um filme, como uma criança feliz.

Antonio Gil Neto. Texto escrito com base no depoimento de Amalfi Mansutti, 82 anos.

▷ Após a leitura, retome as hipóteses a respeito do título e da continuidade do texto. Depois, peça a alguns alunos que comentem sobre o que mais gostaram e quais os fatos narrados que chamaram mais a atenção.

2ª etapa

Outras memórias

atividades

- Pergunte ao grupo quais foram as semelhanças e as diferenças que eles perceberam entre o texto de Antonio Gil Neto e os trechos de Fernando Sabino e João Ubaldo Ribeiro, reproduzidos e discutidos na Oficina 5.

- Inicialmente, ressalte as **semelhanças**:

  - **Trata-se das memórias do sr. Amalfi, de Fernando Sabino e de João Ubaldo Ribeiro.**
  - **Os textos foram escritos em primeira pessoa, e a estrutura deles também é semelhante.**

- Peça também ao grupo que observe as marcas linguísticas e os recursos utilizados pelo narrador para conduzir e envolver o leitor na história. Destaque e comente, por exemplo, o efeito provocado pelo terceiro parágrafo do texto de Antonio Gil: "Esse cheirinho de café pendurado no vento leve conduz a meu tempo mais antigo...". Ao fazer esses comentários, você poderá projetar o texto.

- Depois, chame a atenção para as **diferenças**:

  - **Releia com a turma os dois primeiros parágrafos e o último do texto de Antonio Gil e peça-lhes que observem quem é o narrador desses trechos.**
  - **Retome a informação sobre a autoria do texto. Ressalte que nas memórias de Fernando Sabino e de João Ubaldo Ribeiro eles são, ao mesmo tempo, autores, narradores e personagens. Em *Como num filme*, Antonio Gil é autor e narrador e o sr. Amalfi, narrador e personagem.**

- **Peça à classe que observem a passagem do segundo para o terceiro parágrafo e percebam que o "eu" que diz "Esse cheirinho de café pendurado no vento leve conduz a meu tempo mais antigo" já não é o autor do texto, Antonio Gil, mas é como ele conta para o leitor ou leitora as histórias que ouviu do sr. Amalfi. Nesse momento, Antonio Gil assume o lugar do sr. Amalfi e fala por ele.**

- **Em seguida, peça à turma que observe a passagem do penúltimo para o último parágrafo e perceba como Antonio Gil retoma a palavra para concluir o texto. Enfatize que permanece um narrador em primeira pessoa, mas, no último parágrafo, como nos dois primeiros, quem fala é o narrador-testemunha, não o narrador-personagem cujas memórias foram lidas por vocês.**

Solicite aos alunos que observem o uso das aspas antes de iniciar o terceiro parágrafo e ao terminar o penúltimo. Pergunte qual a função desse sinal de pontuação no texto de Antonio Gil Neto. Diga-lhes que, entre outras funções, as aspas são utilizadas para indicar que se trata de uma citação da palavra do outro. Acrescente que Antonio Gil usa esse recurso para enfatizar o momento do texto em que ele, narrador-testemunha, "passa a palavra" para o narrador-personagem do texto. Destaque que esse recurso também poderá ser utilizado por eles ao escrever o texto de memórias.

- Finalmente, releia para a turma os parágrafos 20, 21 e 22 para destacar a passagem do passado para o presente. Faça perguntas para que reconheçam como esse movimento ocorre. Destaque a mudança do tempo verbal e a presença da expressão "agora" na terceira linha do parágrafo 21. Comente que com essa estratégia o autor do texto "retoma a palavra" sem provocar uma quebra no relato.

- Para finalizar, retome o título do texto e converse com a turma sobre os efeitos provocados por essa escolha do autor e como ela orienta o olhar do leitor. Esse é um bom momento para enfatizar a importância da escolha do título do texto que será produzido pela turma.

oficina 15

Ensaio geral

objetivos

- Produzir um texto coletivo.

prepare-se!

Nesta oficina, a proposta é escrever coletivamente um texto de memórias. Ouça os alunos e as alunas e ajude-os a transformar ideias em textos poéticos e literários.

1ª etapa

Algumas negociações

A produção coletiva precisa ocorrer de forma organizada, evitando a dispersão, tão comum nesse tipo de trabalho. O texto coletivo exige negociação entre você e a turma. Nela, deve haver espaço para troca entre alunos e alunas mais e menos experientes e oportunidade para o crescimento de todos. O seu papel consiste em coordenar o trabalho, além de ajudar na construção do texto, fazendo perguntas e dando orientações.

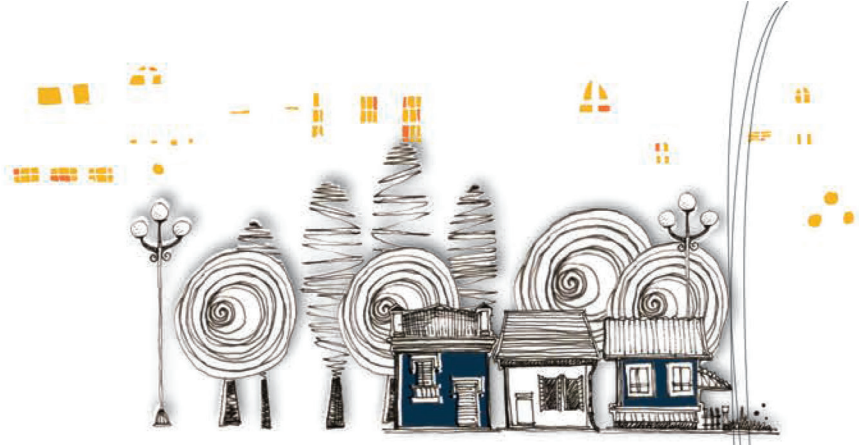
atividades

- Explique ao grupo que a escrita coletiva é uma etapa importante para a preparação dos textos. Diga-lhes que essa é uma atividade que exige tempo e será desenvolvida em duas ou mais aulas.

- Relembre com eles e elas cada uma das oficinas. Ajude-os(as) a fazer um rápido resumo de tudo o que aprenderam sobre memórias literárias. Anote os pontos principais e compartilhe-os com a sala.

- Agora, escolha uma das entrevistas realizadas na Oficina 11. Retome com a turma as anotações feitas ou ouça com eles e elas a gravação, se houver. Em seguida, faça as atividades de retextualização, seguindo a orientação da Oficina 12.

- Hora de escrever o primeiro parágrafo. Lembre ao grupo que elas e eles deverão tomar o lugar do(a) entrevistado(a) para escrever o texto de memórias literárias; será escrito em primeira pessoa, como se o próprio entrevistado estivesse contando a história. Veja se todos entenderam que vão fazer de conta que são o(a) entrevistado(a) narrando as memórias dele ou dela.



- Embora nem sempre um texto de memórias literárias comece assim, podemos dizer que no primeiro parágrafo da produção é importante que o entrevistado ou entrevistada se apresente. Lembre à turma que essa informação será muito importante para que o(a) leitor(a) possa acompanhar a narrativa. Afinal, diferentemente dos autores ou autoras já conhecidos por muitos leitores e leitoras, as personagens escolhidas pelos e pelas estudantes precisam ser apresentadas aos(às) futuros leitores(as).

- Ajude a turma a escrever o primeiro parágrafo e vá anotando na lousa, em um editor de textos ou em um *PowerPoint* projetado por meio de projetor. Leia o trecho em voz alta para ver se todos concordam. Inclua as alterações sugeridas.

- O texto deve manter aquele tom agradável de conversa, mas é necessário observar que agora se trata de uma produção literária cuja linguagem necessitará de ajustes.

- Ressalte-lhes que é muito provável que nas entrevistas a linguagem utilizada pelos entrevistados e entrevistadas seja bastante informal e características dessa oralidade podem estar presentes nos depoimentos – por exemplo, o uso de gírias e de expressões como “e daí”, “e depois”, “né” etc. – para garantir o encadeamento da fala, mas não devem ser excessivamente adotadas no texto. Da mesma forma, é necessário atenção à repetição de palavras e ideias que não contribuem para o estilo do texto. Evidentemente, isso não ocorre em outras formas de discurso oral que exigem mais formalidade, como em uma conferência. Mas é muito provável que isso tenha sucedido nas entrevistas feitas com os moradores e as moradoras.

- Além da apresentação, é interessante começar com a lembrança mais marcante do entrevistado, a que mais chamou a atenção da turma. Converse com a classe como deve ser o parágrafo, depois escreva na lousa ou em um *PowerPoint* projetado.

- Continue organizando a escrita dos parágrafos seguintes. Diga-lhes que os fatos rememorados não seguem obrigatoriamente a ordem cronológica, ou seja, nem sempre são contados na ordem em que ocorreram. O fio condutor deve ser o tema escolhido, por exemplo, as lembranças do(a) entrevistado(a) sobre o lugar onde vive. As referências a esse lugar, ao longo do texto, ajudam a manter a unidade.

- Faça perguntas à turma para ajudar a colocar as ideias no texto. Lembre que o tempo verbal mais comum nesse gênero é o passado: o pretérito perfeito é usado para fatos que se sucederam uma vez e não se repetiram, e o pretérito imperfeito, para fatos que se repetem muitas vezes ou que não haviam terminado no tempo em que são narrados. Podem também empregar o pretérito do subjuntivo para fatos que ensejam uma possibilidade de ocorrência, mas sobre os quais não há certeza.

- É importante que no texto haja menção a objetos e lugares antigos, comparando-os com o que existe hoje. Chame a atenção também para o uso da pontuação, elemento importante na organização da narrativa e na garantia da expressão das emoções. Ressalte que sentimentos, impressões e sensações não podem faltar e devem ser revelados ao longo do texto.

- Depois de escrito, o texto precisa de um título. Ajude-os(as) a pensar em algo sugestivo. O título deve dar pistas do que será contado no texto.

- Tudo pronto, releia o texto com as alunas e alunos. Pergunte-lhes se ele proporciona uma leitura agradável, se estão satisfeitos com a escrita, se é possível melhorá-lo.

- Para o aprimoramento do texto, você pode usar o "Roteiro para revisão", da Oficina 16.

Atenção!

No final do texto, os alunos e as alunas devem incluir informações sobre o(a) entrevistado(a): **nome completo, idade, profissão, cidade onde mora e o motivo que os levou à escolha desse entrevistado.**

oficina 16

Agora é a sua vez

objetivos

- Escrever individualmente a primeira versão do texto final.

prepare-se!

Este é um momento muito importante. Mostre à turma que todos e todas são capazes de escrever textos de memórias literárias. Incentive-os(as) e ajude-os(as) a transformar ideias em literatura.

A produção individual

Chegou a hora tão esperada! O produto desta oficina será o texto individual que, aprimorado, participará da seleção. Seu entusiasmo é importante para estimular a turma. Essa escrita e as demais produções poderão compor um livro para ficar disponível na biblioteca e circular entre amigos, amigas e familiares.

1ª etapa

atividades

- Para a produção do texto individual, os alunos e as alunas devem selecionar uma entrevista distinta da explorada na produção coletiva e retomar os dados do(a) entrevistado(a).

- Comece recuperando o que já foi trabalhado. Lembre-os(as) de:

  - **retomar as informações dadas pelo(a) entrevistado(a) no depoimento;**
  - **selecionar as histórias e os fatos mais interessantes e pitorescos;**
  - **transmitir ao(à) leitor(a) as sensações e as emoções que surgiram durante a entrevista;**
  - **citar objetos e costumes de antigamente, fazendo comparações entre o passado e o presente, sem estabelecer juízos de valor que super valorizem o passado, de forma idealizada, em detrimento do presente;**
  - **usar palavras e expressões que marquem o tempo passado;mostrar sentimentos e sensações rememorados pelo(a) entrevistado(a): cores, cheiros, sabores e movimentos;**
  - **lançar mão de recursos linguísticos para tornar o texto interessante.**
  - **entregar os textos para que você faça suas observações e, na próxima oficina, aconteça a etapa de revisão.**

Ferramentas de publicação

Se a turma decidir elaborar um livro com os textos de memória, é interessante reservar algumas aulas para planejar a edição do material. Em uma visita à biblioteca, explore o objeto livro e todos os seus elementos: capa com título e autor do texto além de imagens que façam referência à temática, orelha, folha de rosto, prefácio, sumário, ficha catalográfica e quarta capa. Na internet, há também ferramentas que organizam no ambiente online em formato de livro ou revista. É o caso do **Flipsnack** (www.flipsnack.com), com versão gratuita disponível para testes.

oficina 17

Últimos retoques

objetivos

- Fazer a revisão e o aprimoramento do texto produzido na oficina anterior.

prepare-se!

Seus alunos e suas alunas já escreveram a primeira versão do texto de memórias literárias e deverão fazer a reescrita. Para isso, é importante que você tenha lido e analisado os textos deles e delas, indicando o que podem alterar para aprimorar a escrita.

1ª etapa

Revisão coletiva

A revisão é muito importante. Até mesmo autores consagrados como Guimarães Rosa revisam e reescrevem inúmeras vezes. Agora, vamos fazer um exercício que ajudará na tarefa de aperfeiçoamento, ou seja, vamos aprimorar um texto coletivamente. Porém, antes de iniciar qualquer trabalho, lembre-se de pedir autorização para o aluno ou aluna que escreveu o texto. Essa atividade, em que o trabalho de um aluno ou aluna é analisado e aperfeiçoado por todos, exige o consentimento dele ou dela para tal e pressupõe um grupo em que exista respeito mútuo e cooperação. Caso nenhum de seus alunos autorize o aprimoramento de seu texto coletivamente, utilize o exemplo que está nesta Oficina: *Dona Dulce e suas histórias.*

Originais ilustres

O site *Revisão para quê?* compilou imagens de versões manuscritas e datilografas de obras de autores famosos como Guimarães Rosa e James Joyce. Note como há uma série de intervenções e escolhas durante o processo de revisão da escrita até que se chegue à versão final. **Acesse o site** (https://cutt.ly/Mko8vKL).

atividades

- Explique à classe que você vai transcrever um texto de memórias literárias escrito por um integrante daquela turma. Isso pode ser feito na lousa ou em um documento de *Word* projetado. Desafie-os(as) a pensar junto com você em como melhorá-lo: "Que sugestões vocês dariam a quem o escreveu? O que fazer para que fique mais cativante?".

- Divida a lousa. No lado esquerdo, copie o texto; no lado direito, registre as sugestões da turma. Você também pode fazer isso por meio de um documento de Word dividido em duas partes: uma para o texto original do aluno ou aluna e outra para as sugestões da turma.

- Usando os comentários como apoio, vá fazendo perguntas, ajudando a turma a perceber os problemas. Quando encontrarem juntos a melhor forma para resolver as questões apontadas, reescreva o texto, incluindo as sugestões.

- Estimule-os(as) a pensar, trocar ideias e tirar conclusões. Organize-os(as) para que fale um de cada vez. Quando for preciso, esclareça dúvidas, aponte as questões que eles e elas não conseguiram identificar e as possíveis soluções.

- No final, peça à classe que compare os dois textos e mostre-lhes como um texto pode ganhar em qualidade depois de ser revisto.

- Vamos ao exemplo exposto, do aluno José Luís, cuja análise está apresentada por grupos:

Texto original: “Dona Dulce e suas histórias”	Comentários
Dona Dulce tem 74 anos. Nasceu e cresceu em Marlândia, numa época mais tranquila. Ela me contou que desde que nasceu até hoje Marlândia mudou bastante.	O texto está em terceira pessoa. A proposta é produzir um texto em primeira pessoa, pois trata das “memórias” do entrevistado.
A cidade era simples e pequena, com poucas casas, quase todas feitas de taipa. As poucas ruas que exis tiam eram de terra, por onde passavam a boiada, charretes e apenas alguns poucos carros. A cidade tinha muita poeira e tudo era mais mato do que casas. A casa era ainda mais simples. O chão era terra pura, as camas eram cavaletes, o fogão era a lenha. Na prateleira dava para colocar poucas coisas como pratos que foram da minha avó e as panelas que minha mãe areava. Tinha meia dúzia de cadeiras velhas para as visitas.	O autor poderia trazer suas impressões sobre o lugar, descrevendo cores, cheiros, fazendo comparações entre o passado e o presente. Poderia buscar uma linguagem literária que enredasse mais o leitor.
Falou que brincava bastante de boneca, que era feita de sabugo de milho. Também costumava fazer bichinhos com legumes e jogar queimada com bola de meia.	Iniciar o parágrafo com uma expressão como “Naquele tempo” ajuda a situar o leitor na época em que os fatos ocorreram.
Ela contou que quando estudava a escola era para poucos, e qualquer erro tinha castigos severos. Os alunos ficavam em cima do milho e levavam palmadas de palmatória. Ela sentia muito medo da professora. Teve uma vez em que um menino foi parar no hospital depois dos castigos que recebeu.	Trazer impressões e sentimentos que poderiam ajudar a despertar as emoções do leitor.
Dona Dulce diz que muito tempo se passou e hoje ela vive com seus netos, relembrando o passado.	O texto precisa ser concluído, trazendo, por exemplo, o entrevistado ao tempo atual.

Sugestões de aprimoramento

Nasci e cresci em Marlândia, numa época bem mais tranquila. Desde que nasci, há 74 anos, até hoje, a cidade mudou bastante.

A cidade era simples e pequena, com poucas casas, ainda de taipa. Pelas ruas de terra, passavam boiada, charretes e, bem diferente de hoje, apenas alguns poucos carros. A cidade tinha cheiro de poeira e de mato.
A casa onde eu morava era ainda mais simples: chão de terra vermelha, camas feitas de cavaletes e o cheiro do fogão a lenha avisava o que estava no fogo. A prateleira, apesar de pequena, exibia os pratos herdados de vovó e panelas areadas, que serviam de espelho. Fora isso, meia dúzia de cadeiras com a madeira já gasta pelo tempo esperavam as visitas.

Naquele tempo, eu brincava bastante com as bonecas de sabugo de milho. Fazíamos bichinhos com legumes e jogávamos queimada com bola de meia.

Quando eu estudava, a escola era difícil e para poucos. A qualquer deslize era palmatória e joelhos no milho, no canto da sala. Certa vez, um garoto foi parar no hospital depois que a professora exagerou no corretivo. Quando a professora se aproximava minhas mãos tremiam e eu me transformava numa verdadeira estátua de gelo.

O tempo passou depressa e hoje vivo com meus netos e as lembranças do passado.

2ª etapa

Outras memórias

atividades

- Entregue as produções aos alunos e alunas para que retomem o exercício, fazendo a revisão do próprio texto. Para ajudar na tarefa, projete o quadro "Roteiro para revisão".

- As alunas e alunos podem usar lápis ou caneta de cor diferente para destacar as mudanças. Elas e eles podem marcar a reorganização ou o acréscimo de ideias, a correção de palavras, as mudanças de pontuação.

Roteiro para revisão

- O título do texto é sugestivo? Instiga o leitor?
- O narrador usa a primeira pessoa para contar as lembranças do entrevistado? O que pode ser feito para que o texto seja relatado em primeira pessoa?
- O autor descreve objetos antigos, lugares que se modificaram ou já não existem?
- O texto estabelece relações entre a narrativa do entrevistado e o lugar onde vive? O que pode ser feito para reforçar essa ligação?
- O autor expressa em seu texto sensações, emoções e sentimentos do entrevistado? É possível encontrar no depoimento outras impressões que possam ser inseridas no texto?
- Há no texto trechos com marcas da linguagem oral informal ("né", "daí" etc.), que devem ser substituídos por expressões mais adequadas ao gênero em questão?
- Os verbos no pretérito perfeito e imperfeito estão usados corretamente?
- O texto consegue envolver o leitor? Ele desperta interesse e prende a atenção?
- Há alguma palavra que não esteja escrita corretamente? E a pontuação está correta?

- Se a escola tiver sala de computadores, é possível fazer a edição do texto usando as ferramentas de formatação de editores de texto como *Word* e BrOffice. Ainda, você, professor ou professora, também pode usar os Documentos do Google para fazer uma edição compartilhada com seu aluno ou aluna. Para saber mais sobre documentos de texto compartilhados, acesse o **Suporte do Google** (https://cutt.ly/sksy1uV)

- Depois de validar as alterações, ensine-os também a usar a ferramenta de correção de gramática e ortografia. O momento vale para que o grupo desenvolva um olhar crítico a respeito das ferramentas de correção, uma vez que a inteligência artificial não é perfeita e, por vezes, aponta correções indevidas.

- Ao final do exercício (pode ser na aula seguinte), a turma passará o texto a limpo.

- Pronto, o trabalho está feito. Agora é só esperar pelo resultado!

Terminada a empreitada, é hora de valorizar essa conquista. Prepare uma cerimônia especial para o lançamento do livro, *e-book* ou *blog*, sugerido no início deste Caderno. Convide os pais e os entrevistados. Leia alguns textos.

Você pode estimular os alunos e alunas a divulgar os seus textos por meio das redes sociais, por exemplo, Instagram.

Como o livro traz memórias da cidade, você pode "doar" um exemplar à biblioteca municipal. E, claro, reservar um também para a biblioteca da escola.

Outra ideia é enviar algumas histórias para o jornal do bairro, da igreja ou de outra instituição. Para qualquer uma das hipóteses sugeridas, confira se os textos não apresentam erros de gramática e de ortografia.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. "O todo semântico da personagem", in: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Fontes, 2006.

BENJAMIN, Walter. Obras escolhiSdas II – *Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOSI, Ecléa. "Uma experiência humanizadora", in: *Na Ponta do Lápis – No túnel do tempo.* Fundação Itaú/Cenpec, ano I, nº- 2, ago./set., 2005. Disponível em <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/entrevistas/artigo/445/entrevista-eclea-bosi>.

CAMARGO, Flavio Pereira. "Marcel Proust e o triunfo da memória". Disponível em <www.ucm.es/info/especulo/numero42/mproustm.html>.

DOLZ, Joaquim e OLLAGNIER, Edmée (orgs.). *O enigma da competência em educação.* Porto Alegre: Artmed, 2004.

DOLZ, Joaquim e PASQUIER, Auguste. "Um decálogo para enseñar a escribir", in: *Cultura y Educación*. Madri: Fundación Infancia y Aprendizage, v. 8, nº- 2, jun. 1996.

DOLZ, Joaquim e SCHNEUWLY, B. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

FREIRE, Madalena. Observação, *registro e reflexão*. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.
MACHADO, Anna Rachel e colabs.; ABREU-TARDELLI, Lília Santos e CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes (orgs.). *Linguagem e educação – O ensino e a aprendizagem de gêneros textuais.* Campinas: Mercado das Letras, 2009.
MARCUSCHI, Luiz A. *Linguística do texto: o que é, como se faz.* Recife: UFPE, 1983.
—. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.
MATÊNCIO, M. "Referenciação e retextualização de textos acadêmicos: um estudo do resumo e da resenha". Disponível em <www.ich.pucminas.br/posletras/Referenciacao%20e%20retextualizacao.pdf>.
NASCIMENTO, E. L. (org.). *Gêneros textuais: da didática das línguas aos objetos de ensino*. São Carlos: Claraluz, 2009.
VYGOTSKY, Lev Semenovich. *A formação social da mente*. São Paulo: Mar tins Fontes, 1988.
YOKOZAWA, Solange Fiuza Cardoso. "Memória literária e modernidade: o caso Proust", in: *Temporis(ação)*, v. 1, nº- 5-6, 2002.

olimpíada
de Língua Portuguesa

Coletânea

memórias literárias

Distribuição gratuita

coletânea memórias literárias

3
Galinha ao molho pardo
Fernando Sabino

5
A saga da Nhecolândia
Roberto de Oliveira Campos

6
Lembranças que o tempo não apagou
Danley Dênis da Silva

7
Memórias de livros
João Ubaldo Ribeiro

8
Meus tempos de criança
Rostand Paraíso

9
Transplante de menina
Tatiana Belinky

11
Parecida mas diferente
Zélia Gattai

13
Quarto de despejo: diário de uma favelada
Carolina Maria de Jesus

14
Minha primeira infância
Marina Colasanti

A casa de guerra
Marina Colasanti

15
Doces memórias
Adrielle Vieira de Oliveira

16
Os automóveis invadem a cidade
Zélia Gattai

O Lavador de Pedra
Manoel de Barros

17
Nas ondas do rádio
Edson Gabriel Garcia

19
Como num filme
Antonio Gil Neto

21
As almas do amém
Ilka Brunhilde Laurito

Galinha ao molho pardo

Fernando Sabino

Ao chegar da escola, dei com a novidade: uma galinha no quintal.

O quintal de nossa casa era grande, mas não tinha galinheiro, como quase toda casa de Belo Horizonte naquele tempo. Tinha era uma porção de árvores: um pé de manga sapatinho, outro de manga coração-de-boi, um pé de gabiroba, um pé de goiaba branca, outro de goiaba vermelha, um pé de abacate e até um pé de fruta-de-conde. […] De um lado o barracão com o quarto da Alzira cozinheira e um quartinho de despejo. Do outro lado, uma caixa de madeira grande como um canteiro, cheia de areia que papai botou lá para nós brincarmos. […]

Pois no fundo do quintal que eu vi a galinha, toda folgada, ciscando na caixa de areia. Havia sido comprada por minha mãe para o almoço de domingo: Dr. Junqueira ia almoçar em casa e ela resolveu fazer galinha ao molho pardo.

Eu já tinha visto a Alzira matar galinha, uma coisa terrível. Agarrava a coitada pelo pescoço, agachava, apertava o corpo dela entre os joelhos, torcia com a mão esquerda a cabecinha assim para um lado, e com a direita, zapt! passava o facão afiado, abrindo um talho no gogó. O sangue esguichava longe. Ela aparava logo o esguicho com uma bacia, deixando que escorresse ali dentro até acabar. E a bichinha ainda viva, estrebuchando nas mãos da malvada. Como se fosse a coisa mais natural deste mundo, a Alzira me contou o que ia acontecer com a nova galinha.

Revoltado, resolvi salvá-la.

Eu sabia que o Dr. Junqueira era importante, meu pai dependia dele para uns negócios. Pois no que dependesse de mim, no domingo ele ia poder comer tudo, menos galinha ao molho pardo.

Era uma galinha branca e gorda, que não me deu muito trabalho para pegar. Foi só correr atrás dela um pouco, ficou logo cansada. Agachou-se no canto do muro, me olhou de lado como as galinhas olham e se deixou apanhar.

Não sei se percebeu que eu não ia lhe fazer mal. Pelo contrário, eu pretendia salvar a sua vida. O certo é que em poucos minutos ficou minha amiga, não fugiu mais de mim.

– O seu nome é Fernanda – falei então. […]

– Vou esconder você num lugar que ninguém é capaz de descobrir.

Junto do tanque de lavar roupa costumava ficar uma bacia grande de enxaguar. A Maria lavadeira só ia voltar na segunda-feira. Antes disso ninguém ia mexer naquela bacia. Assim que escureceu, escondi a Fernanda debaixo dela.

[…] Na manhã de domingo me levantei bem cedo e fui dar uma espiada na Fernanda, onde tinha ido me esconder.

[…] Lá no fundo escuro do porão […] vi a Alzira olhar ao redor:

– […] onde é que se meteu a galinha? […]

– Você não estava brincando com ela ontem, menino?

– Isso foi ontem. Hoje eu não vi ela ainda.

– Será que fugiu? Ou alguém roubou? […]

Agarrei a ideia no ar, era a salvação:

– Isso mesmo! Quando eu estava ali no quintal vi um homem passar correndo… Levava uma coisa escondida embaixo do paletó. Só podia ser a galinha.

A Alzira não parecia acreditar muito na história. Pelo contrário, ficou mais desconfiada.

[…] E saiu pelo quintal, à procura da galinha, olhando aqui e ali: nos galhos das árvores, atrás do barracão, no

meio dos bambus. Depois foi contar para mamãe que a galinha havia sumido.

Fui atrás, para o que desse e viesse. Escutei tudo. Mamãe torcia as mãos:

– E agora, como vai ser? Como é que ela foi sumir assim, sem mais nem menos?

– Sei lá – respondeu a Alzira: – Não acredito que tenham roubado, como diz o Fernando. Vai ver que saiu voando e pulou o muro. Bem que pensei em cortar as asas dela e me esqueci. Agora é tarde.

– Está quase na hora do almoço – disse minha mãe: – O Dr. Junqueira está para chegar em uma hora, e como é que a gente vai fazer sem a galinha? O Domingos vai ficar aborrecido.

Dali a pouco era o meu pai quem chegava da rua, trazendo o jornal de domingo debaixo do braço. Quando mamãe lhe deu a triste notícia, para surpresa minha e dela, ele não se aborreceu:

– Faz outra coisa. Macarrão, por exemplo. O Dr. Junqueira é bem capaz de gostar de macarrão.

[…] Pois o Dr. Junqueira não só gostou, como repetiu duas vezes, para grande satisfação de mamãe. […] Guardanapo enfiado no colarinho, o Dr. Junqueira limpou os bigodes, satisfeito:

– Ainda bem que era essa macarronada tão boa. Eu estava com medo que fosse galinha. Se tem uma coisa que eu detesto é galinha. Principalmente ao molho pardo.

Nem por isso senti que minha amiga Fernanda não estava mais condenada à morte. Mesmo porque, meu pai gostava também de galinha, com ou sem o Dr. Junqueira. Por outro lado, ela podia ficar escondida o resto da vida (eu não tinha a menor ideia de quanto tempo vivia uma galinha). E na manhã seguinte a Maria viria lavar roupa, ia descobrir a Fernanda encolhida debaixo da bacia.

Depois que o almoço terminou e o Dr. Junqueira se despediu, fui lá perto do tanque fazer uma visitinha a ela, resolvido a ganhar tempo:

– Você hoje ainda vai dormir aí, mas amanhã eu te solto, está bem?

Ela fez que sim com a cabeça. […]

De manhãzinha, antes que a Maria lavadeira chegasse, fui até lá, levantei a bacia e peguei a Fernanda, procurei mamãe com ela debaixo do braço:

– Olha só quem está aqui.

Mamãe se espantou:

– Uai, ela não tinha sumido? Onde é que você encontrou essa galinha, Fernando?

De repente seus olhos se apertaram num jeito muito dela, quando entendia as coisas: havia entendido tudo. Antes que me passasse um pito, eu avisei:

– Se tiverem de matar a minha amiga, me matem primeiro.

Mamãe achou graça quando soube que ela se chamava Fernanda e resolveu não se importar com o que eu tinha feito, pelo contrário: deixou que a galinha passasse a ser um de meus brinquedos. Só proibiu que eu a levasse para dentro de casa. Fernanda me seguia os passos por toda parte, como um cachorrinho.

E ela continuou minha amiga, até morrer de velha, não sei quanto tempo mais tarde.

Só sei que alguns dias depois do almoço do Dr. Junqueira, mamãe comprou um frango.

– Esse vai se chamar Alberto – eu disse logo.

– Pois sim – disse minha mãe, e mandou que a Alzira tomasse conta do frango.

No dia seguinte mesmo, no almoço, comemos o Alberto. Ao molho pardo.

O menino no espelho. Rio de Janeiro: Record, 1992

A saga da Nhecolândia

Roberto de Oliveira Campos

Surgiu então a Nhecolândia, cujas peripécias eu ouvia, fascinado, como criança, nos serões à luz do lampião, defendendo-me dos mosquitos, pólvoras e mutucas na Fazenda Alegria.

[...]

Meu avô, Vicente Alexandre de Campos, ali se instalou para fundar uma fazenda — o retiro Paraíso. As terras baixas da Nhecolândia, nome dado em homenagem ao desbravador, abrangiam cerca de 23,5 mil quilômetros quadrados, mais de um sexto dos 140 mil

quilômetros quadrados que constituem o Pantanal mato-grossense. Nheco comandou o que, por assim dizer, se poderia chamar uma grande operação comunitária, fazendo doações de terras aos que se animassem a participar da rude aventura.

[...]

Na minha ótica de primeira infância, o Pantanal me parecia mais perigoso que belo. Tinha medo de cobras (a jararaca, a cascavel e a sucuri) e das onças (parda e pintada), então abundantes nas várzeas e capões. A suprema forma de coragem era a caçada de onça com zagaia. Também levara o susto da piranha, quando entrei desprevenido na baía adjacente à Fazenda Alegria.

Quase perdi o dedão do pé direito. Era infernal o incômodo dos mosquitos, os pólvoras e as mutucas. Nas longas viagens de carros de boi, comia-se carne-seca e farinha de mandioca, ou assava-se um pacu pescado no rio. Bebia-se de manhã o "tererê", o guaraná ralado em língua de pirarucu. De vez em quando se matava um boi para o churrasco. O pacu era o peixe favorito e democrático, pois de fácil pesca. — Pacuzão para os ricos, pacuzinho para os pobres, pacu p'ra nós todos, era o refrão dos vaqueiros. As bebidas eram o guaraná ralado e o indefectível chimarrão.

[...]

As belezas do Pantanal, com seus corixos, baías e várzeas, que no começo das chuvas pareciam jardins formais, com riqueza de flora e fauna, só entrariam na minha percepção trinta anos mais tarde, quando voltei, como superintendente do BNDE, ciceroneando uma

turma de banqueiros do Eximbank, de Washington.

A lanterna na popa.
Rio de Janeiro: Topbooks, 1994.

Lembranças que o tempo não apagou

Aluno: Danley Dênis da Silva

Ainda recordo as férias escolares do mês de julho… sempre com endereço certo. Enquanto outros garotos sonhavam com viagens para lugares desconhecidos, eu contava os dias para retornar ao meu pequenino cantinho do mundo – nem se chamava Campo Grande do Piauí. pois não passara ainda para a categoria de cidade, naquela época, apenas um pequeno povoado às margens da BR-316. Hoje, sim, Campo Grande do Piauí, terra do caju.

Hoje sou adulto e carrego nos ombros as responsabilidades que a vida me trouxe, mas quero me reportar àquele tempo de garoto, quando andava descalço, camisa aberta no peito, cabelos revoltos pelo vento e o sol a seguir-me pelas longas trilhas. Eram as minhas férias de julho, não tão prolongadas como as de final de ano, mas era naquela época que a farinhada acontecia.

A casa de farinha de "padim" João Marcos – era assim que a meninada o chamava; já os adultos tratavam-no por tio João ou seu João. Lembro-me de que era um velhinho alto, acho que o mais idoso da região, já envergado pelo peso da idade – companheiro inseparável de uma bengala que lhe servia de apoio nas suas incansáveis idas e vindas diárias.

Eu não sei o que me atraía tanto naquela casa de farinha, tinha horas que aquilo lá fervilhava de gente: uns trabalhando, outros passeando e os mais preguiçosos sem nada a fazer. Quando o motor começava a triturar a mandioca, os trabalhadores, nas suas conversas, tentavam superar o barulho infernal que se fazia no ambiente.

Na casa principal – disso tenho a nítida lembrança –, era lá que estava meu encanto pessoal. A sala não era um cômodo grande, encostada numa parede ficava uma cristaleira que tinha como principal adorno o símbolo das bodas de ouro do senhor daquela casa e de sua esposa. No centro da sala uma rede, sempre estirada, um verdadeiro convite para uns vai e vem. Ao pé da rede reinava uma cadeira – senhora quase absoluta daquele ambiente simples –, e sobre ela, sempre de prontidão, duas tigelinhas: uma, contendo farinha, e na outra, rapadura.

A lanterna na popa.
Rio de Janeiro: Topbooks, 1994.

Memória de livros

João Ubaldo Ribeiro

[…] Morávamos sempre em casarões enormes, de grandes portas, varandas e tetos altíssimos, e meu pai, que sempre gostou das últimas novidades tecnológicas, trazia para casa tudo quanto era tipo de geringonça moderna que aparecia. Fomos a primeira família da vizinhança a ter uma geladeira e recebemos visitas para examinar o impressionante armário branco que esfriava tudo. Quando surgiram os primeiros discos long play, já tínhamos a vitrola apropriada e meu pai comprava montanhas de gravações dos clássicos, que ele próprio se recusava a ouvir, mas nos obrigava a escutar e comentar.

Nada, porém, era como os livros. Toda a família sempre foi obsedada por livros e às vezes ainda arma brigas ferozes por causa de livros, entre acusações mútuas de furto ou apropriação indébita. Meu avô furtava livros de meu pai, meu pai furtava livros de meu avô, eu furtava livros de meu pai e minha irmã até hoje furta livros de todos nós. A maior casa onde moramos, mais ou menos a partir da época em que aprendi a ler, tinha uma sala reservada para a biblioteca e gabinete de meu pai, mas os livros não cabiam nela — na verdade, mal cabiam na casa. E, embora os interesses básicos dele fossem Direito e História, os livros eram sobre todos os assuntos e de todos os tipos. Até mesmo ciências ocultas, assunto que fascinava meu pai e fazia com que ele às vezes se trancasse na companhia de uns desenhos esotéricos, para depois sair e dirigir olhares magnéticos aos circunstantes, só que ninguém ligava e ele desistia temporariamente. Havia uns livros sobre hipnotismo e, depois de ler um deles, hipnotizei um peru que nos tinha sido dado para um Natal e que, como jamais ninguém lembrou de assá-lo, passou a residir no quintal e, não sei por quê, era conhecido como Lúcio. Minha mãe se impressionou porque, assim que comecei meus passes hipnóticos, Lúcio estacou, pareceu engolir em seco e ficou paralisado, mas meu pai — talvez porque ele próprio nunca tenha conseguido hipnotizar nada, apesar de inúmeras tentativas — declarou que aquilo não tinha nada com hipnotismo, era porque Lúcio era na verdade uma perua e tinha pensado que eu era o peru. […]

[…] Durante toda a minha infância, havia dois tipos básicos de leitura lá em casa: a compulsória e a livre, esta última dividida em dois subtipos- a livre propriamente dita e a incerta. A compulsória variava conforme a disposição de meu pai. Havia a leitura em voz alta de poemas, trechos de peças de teatro e discursos clássicos, em que nossa dicção e entonação eram invariavelmente descritas como o pior desgosto que ele tinha na vida. Líamos Homero, Camões, Horácio, Jorge de Lima, Sófocles, Shakespeare, Euclides da Cunha, dezenas de outros. Muitas vezes não entendíamos nada do que líamos, mas gostávamos daquelas palavras sonoras, daqueles conflitos estranhos entre gente de nomes exóticos, e da expressão comovida de minha mãe, com pena de Antígona e torcendo por Heitor na Ilíada. Depois de cada leitura, meu pai fazia sua palestra de rotina sobre nossa ignorância e, andando para cima e para baixo de pijama na varanda, dava uma aula grandiloquente sobre o assunto da leitura, ou sobre o autor do texto, aula esta a que os vizinhos muitas vezes vinham assistir. Também tínhamos os resumos- escritos ou orais- das leituras, as cópias (começadas quando ele, com grande escândalo, descobriu que eu não entendia direito o ponto-e-vírgula e me obrigou a copiar sermões do Padre Antônio Vieira, para aprender a usar o ponto-e-vírgula) e os trechos a decorar. […]

Um brasileiro em Berlim.
Rio de Janeiro: Objetiva, 2011

Meus tempos de criança

Rostand Paraíso

Pulávamos os muros e ganhávamos os quintais das casas vizinhas, enormes e cheias de fruteiras e de toda a sorte de animais, gatos, cachorros, galinhas, patos, marrecos e outros mais. Chupando mangas, gostosas mangas, mangas-espada, mangas-rosa e manguitos, esses quase sempre os mais saborosos, dividíamos os times e organizávamos as peladas de fundo de quintal que exigiam grande malabarismo de nossa parte, com as frondosas árvores para driblar e grandes irregularidades no terreno para contornar.

Usávamos "bolas de meias", preparadas por nós mesmos com papel de jornal compactado e colocado dentro de uma meia de mulher, mas já começávamos a usar bolas de borrachas e as "bolas-de-pito", que eram bolas de couro, com pito para fora e que tínhamos o cuidado de envergar para dentro, para evitar arranhaduras.

Gostosas, memoráveis tardes que se prolongavam até a noitinha, parando-se apenas quando não havia mais sol e quando não podíamos mais ignorar os gritos que vinham de nossa casa, para tomar banho, mudar de roupa e ir jantar.

As mesmas misteriosas ordens faziam-nos começar a desengavetar nossos times de botão para a temporada que iria se iniciar. Os botões eram polidos e engraxados.

Descobríamos, nos botões das capas e dos jaquetões e, também, nas tampas de remédios, promissores craques. Nossos pais começavam a estranhar, sem encontrar qualquer explicação para o fato, o desaparecimento das tampas dos xaropes e dos botões das roupas. Esses craques em potencial, novos valores que surgiam, eram devidamente preparados e passávamos dias a lixá- los e, para lhes dar mais peso e maior aderência à mesa, a enchê-los com parafina derretida. Trabalho que levava às vezes algumas semanas, os novos craques sendo testados exaustivamente até que nos déssemos por satisfeitos e os considerássemos prontos e aprovados para as grandes competições pela frente.

Os botões de chifre, preparados pelos presos da Casa de Detenção, onde íamos comprá-los, começavam, pela sua robustez e pela potência de seus chutes, a ganhar nossa preferência. Não gostávamos, porém, daqueles botões que vinham do Sul, de plástico, todos iguais, diferençando-se uns dos outros apenas pelas "camisas" que traziam coladas sobre si, com as cores dos clubes cariocas. Preferíamos, nós mesmos, pregar as cores do nosso time preferido, no meu caso o Santa Cruz.

Cada botão ganhava seu nome, Perácio, Leônidas, Patesko, Pitota, Sidinho, Siduca… botões que já não tenho mais, desaparecidos misteriosamente ao longo do tempo. Meu ponta-esquerda, Tarzan, que tantas alegrias me deu, com suas arrancadas para o campo adversário e com seus mirabolantes gols, que fim terá levado?

Preferíamos usar as bolas de farinha, arredondadas cuidadosamente na palma da mão e que permitiam um bom controle, correndo menos que as de miolo de pão e não tanto quanto as de borracha.

Dentro daquelas regras que adotávamos e que permitiam que continuássemos a jogar enquanto não perdêssemos o controle da bola, éramos obrigados, quando nos sentíamos em condições de tentar o chute a gol, a avisar o adversário: "Defenda-se!" ou "Prepare-se!", dando tempo a que ele posicionasse melhor o seu goleiro e puxasse, para junto dele, os beques, geralmente bem altos, com a finalidade de dificultar o chute rasteiro.

As partidas eram irradiadas por um de nós, ao estilo de José Renato, o famoso locutor esportivo da PRA-8, e os gols, quando convertidos, eram gritados histericamente, incomodando toda a vizinhança.

Um brasileiro em Berlim.
Rio de Janeiro: Objetiva, 2011

Transplante de menina

Tatiana Belinky

[…] Depois do almoço, continuávamos o nosso turismo carioca. Papai e mamãe, mais o primo – feliz proprietário de uma "baratinha" – nos levavam, todos empilhados, a passear pela cidade do Rio de Janeiro. E foi assim que ficamos conhecendo o Morro da Urca e o Pão de Açúcar – ai, que emoção – pelo funicular, o "bondinho" pendurado entre aqueles enormes rochedos. E de onde se descortinava uma vista empolgante, só superada pela paisagem de tirar ainda mais o fôlego que se estendeu diante de nossos olhos, quando subimos – passageiros de outro trenzinho incrível, quase vertical – ao alto do Corcovado. Ali ainda não se erguia a estátua do Cristo Redentor, que é hoje o cartão-postal do Rio de Janeiro. Mas me parece que o panorama era, por estranho que pareça, bem mais "divino" ao natural, sem ela.

Fomos passear também na Gávea e na Avenida Niemeyer, ainda bastante deserta, e na Tijuca, com a sua floresta e a sua linda Cascatinha. "Cascatinha", por sinal, era o nome da cerveja que papai tomava com muito gosto, enquanto nós, crianças, nos amarrávamos num refrigerante incrível que tinha o estranho nome de Guaraná.

Não deixamos de passear pelo centro da cidade, na elegantíssima Rua do Ouvidor, e na muito chique Cinelândia, em frente ao Teatro Municipal e suas escadarias, com seus bares e sorveterias na calçada. E, claro, na Avenida Rio Branco, reta, larga, e imponente, embicando no cais do porto, por onde chegamos ao Brasil pela primeira vez.

E foi nessa Avenida Rio Branco que tivemos a nossa primeira impressão – e que impressão! – do carnaval brasileiro. Eu já tinha ouvido falar em carnaval: na Europa, era famoso o carnaval de Nice, na França, com a sua decantada batalha de flores; e o carnaval de Veneza, mais exuberante, tradicional, com gente fantasiada e mascarada dançando e cantando nas ruas. E havia também os luxuosos, e acho que "comportados", bailes de máscaras, em muitas capitais europeias. Eu já ouvira falar em fasching, carnevale, Mardi Gras – vagamente. Mas o que eu vi, o que nós vimos, no Rio de Janeiro, não se parecia com nada que eu pudesse sequer imaginar nos meus sonhos mais desvairados.

Aquelas multidões enchendo toda a avenida, aquele "corso" – o desfile interminável e lento de carros, para-choque com para-choque, capotas arriadas, apinhados de gente fantasiada e animadíssima. Todo aquele mundaréu de homens, mulheres, crianças, de todos os tipos, de todas as cores, de todos os trajes – todos dançando e cantando, pulando, saracoteando, jogando confetes e serpentinas que chegavam literalmente a entupir a rua e se enroscar nas rodas dos carros… E os lança-perfumes, que que é isso,

minha gente! E os “cordões”, os “ranchos”, os “blocos de sujos” – e todo o mundo se comunicando, como se fossem velhos conhecidos, se tocando, brincando, flertando – era assim que se chamavam os namoricos fortuitos, a paquera da época -, tudo numa liberdade e descontração incríveis, especialmente para aqueles tempos tão recatados e comportados… Tanto que, ainda vários anos depois, uma marchinha carnavalesca falava, na sua letra alegremente escandalizada, da “moreninha querida… que anda sem meia em plena avenida“.

Ah, as marchinhas, as modinhas, as músicas de carnaval, maliciosas, buliçosas e engraçadas, algumas até com ferinas críticas políticas… E os ritmos, e os instrumentos – violões, cuícas (coisa nunca vista!), tamborins, reco-recos…

E finalmente, coroando tudo, as escolas de samba, e o desfile feérico dos enormes carros alegóricos das sociedades carnavalescas – coisa absolutamente inédita para nós – com seus nomes esquisitos, “Fenianos”, “Tenentes do Diabo” – cada qual mais imponente, mais fantástico, mais brilhante, mais deslumbrante, mais mirabolante – e, para mim, nada menos que acachapante!

E pensar que a gente não compreendia nem metade do que estava acontecendo! Todo aquele alarido, todas aquelas luzes, toda aquela agitação, toda aquela alegria desenfreada – tudo isso nos deixou literalmente embriagados e tontos de impressões e sensações, tão novas e tão fortes que nunca mais esqueci aqueles dias delirantes. Vi muitos carnavais depois daquele, participei mesmo de vários, e curti-os muito. Mas nada, nunca mais, se comparou com aquele primeiro carnaval no Rio de Janeiro, um banho de Brasil, inesquecível…

Um brasileiro em Berlim.
Rio de Janeiro: Objetiva, 2011

Parecida mas diferente

Zélia Gattai

O pai de Zélia Gattai costumava contar a história de como sua família havia vindo da Itália para o Brasil. Uma vez, quando ele narrava a viagem dos Gattai – que era o nome da família de seu pai -, Zélia, então menina, observou que Eugênio, seu avô materno, escutava atentamente. Então, pediu a ele que também contasse a história da família da mãe, os Da Col.

Vovô veio da Itália com toda a família, contratado como colono para colher café numa fazenda em Cândido Mota, em São Paulo. Nona Pina passou a viagem toda rezando, pedindo a Deus que permitisse chegarem com vida em terra. Tinha verdadeiro pavor de que um dos seus pudesse morrer em alto-mar e fosse atirado aos peixes. Carolina ressentiu-se muito da viagem, estranhou a alimentação pesada do navio, adoeceu, mas desembarcaram todos vivos no porto de Santos.

A família fora contratada por intermédio de compatriotas do Cadore, chegados antes ao Brasil. Diziam viver satisfeitos aqui e entusiasmavam os de lá através de cartas tentadoras: "Venham! O Brasil é a terra do futuro, a terra da 'cucagna'… pagam bom dinheiro aos colonos, facilitam a viagem…"

Com os Da Col, no mesmo navio, viajaram outras famílias da região, todos na mesma esperança de vida melhor nesse país promissor. Viajaram já contratados, a subsistência garantida.

Em Santos, eram aguardados por gente da fazenda, para a qual foram transportados, comprimidos como gado num vagão de carga.

Ao chegar à fazenda, Eugênio Da Col deu-se conta, em seguida, de que não existia ali aquela "cucagna", aquela fartura tão propalada. Tudo que ele idealizara não passava de fantasia; as informações recebidas não correspondiam à realidade: o que havia, isto sim, era trabalho árduo e estafante, começando antes do nascer do sol; homens e crianças cumpriam o mesmo horário de serviço. Colhiam café debaixo de sol ardente, os três filhos mais velhos os acompanhando, sob a vigilância de um capataz odioso. Vivendo em condições precárias, ganhavam o suficiente para não morrer de fome.

A escravidão já fora abolida no Brasil, havia tempos, mas nas fazendas de café seu ranço perdurava.

Notificados, certa vez, de que deviam reunir-se, à hora do almoço, para não perder tempo de trabalho, junto a uma frondosa árvore, ao chegar ao local marcado para o encontro os colonos se depararam com um quadro deprimente: um trabalhador negro amarrado à árvore. A princípio, Eugênio Da Col não entendeu nada do que estava acontecendo, nem do que ia acontecer, até divisar o capataz que vinha

se chegando, chicote na mão. Seria possível, uma coisa daquelas? Tinham sido convocados, então, para assistir ao espancamento do homem? Não houve explicações. Para quê? Estava claro: os novatos deviam aprender como se comportar; quem não andasse na linha, não obedecesse cegamente ao capataz, receberia a mesma recompensa que o negro ia receber. Um exemplo para não ser esquecido.

O negro amarrado, suando, esperava a punição que não devia tardar; todos o fitavam, calados.

De repente, o capataz levantou o braço, a larga tira de couro no ar, pronta para o castigo. Então era aquilo mesmo? Revoltado, cego de indignação, o jovem colono Eugênio Da Col não resistiu; não seria ele quem presenciaria impassível ato tão covarde e selvagem.

Impossível conter-se!

Com um rápido salto, atirou-se sobre o carrasco, arrebatando-lhe o látego das mãos.

Apanhado de surpresa, diante da ousadia do italiano, perplexo, o capataz acovardou-se. O chicote, sua arma, sua defesa a garantir-lhe a valentia, estava em poder do "carcamano"; valeria a pena reagir? Revoltado, fora de si, esbravejando contra o capataz em seu dialeto dos Montes Dolomitas, o rebelde pedia aos companheiros que se unissem para defender o negro. Todos o miravam calados. Será que não compreendiam suas palavras, seus gestos? Certamente sim, mas ninguém se atrevia a tomar uma atitude frontal de revolta. Católico convicto, ele fazia o que lhe ditava o coração, o que lhe aconselhavam os princípios cristãos…

De repente, como num passe de mágica, o negro viu-se livre das cordas que o prendiam à árvore. O capataz apavorou-se. Quem teria desatado os nós. Quem teria?

O topetudo não fora, estava ali em sua frente, gesticulando, gritando frases incompreensíveis, ameaçador, de chicote em punho… O melhor era desaparecer o quanto antes, rapidamente: "esses brutos poderiam reagir contra ele. A prudência mandava não facilitar".

Nessa mesma tarde, a família Da Col foi posta na estrada, porteira trancada para "esses rebeldes imundos". Estavam despedidos. Nem pagaram o que lhes deviam. "Precisavam ressarcir-se do custo do transporte de Santos até a fazenda…" E fim.

Pela estrada deserta e infinita, seguiu a família, levando as trouxas de roupas e alguns pertences que puderam carregar, além da honradez, da coragem e da fé em Deus.

Anarquistas, graças a Deus. 11ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1986.

Quarto de despejo: diário de uma favelada

Carolina Maria de Jesus

Estes são trechos do diário de Carolina Maria de Jesus, moradora da favela do Canindé, em São Paulo, catadora de lixo e mãe de três filhos. Transcrevemos suas palavras letra por letra, desconsiderando o fato de que ela escreve fora da norma culta e no ano de 1955, antes da Reforma Ortográfica. Todo o diário está publicado no livro Quarto de Despejo.

20 de julho de 1955

Deixei o leito as 4 horas para escrever. Abri a porta e contemplei o céu estrelado. Quando o astro-rei começou despontar eu fui buscar água. Tive sorte! As mulheres não estavam na torneira. Enchi minha lata e zarpei. (...) Fui no Arnaldo buscar o leite e o pão. Quando retornava encontrei o senhor Ismael com uma faca de 30 centimetros mais ou menos. Disse-me que estava a espera do Binidito e do Miguel para matá-los, que êles lhe expancaram quando êle estava embriagado.

Lhe aconselhei a não brigar, que o crime não trás vantagens a ninguem, apenas deturpa a vida. Senti o cheiro do alcool, disisti. Sei que os ébrios não atende. O senhor Ismael quando não está alcoolizado demonstra sua sapiencia. Já foi telegrafista. E do Circulo Exoterico. Tem conhecimentos bíblicos, gosta de dar conselhos. Mas não tem valor. Deixou o alcool lhe dominar, embora seus conselho seja util para os que gostam de levar vida decente.

Preparei a refeição matinal. Cada filho prefere uma coisa. A Vera, mingau de farinha de trigo torrada. O João José, café puro. O José Carlos, leite branco. E eu, mingau de aveia.

Já que não posso dar aos meus filhos uma casa decente para residir, procuro lhe dar uma refeição condigna.

Terminaram a refeição. Lavei os utensílios. Depois fui lavar roupas. Eu não tenho homem em casa. É só eu e meus filhos. Mas eu não pretendo relaxar. O meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável, mas não é possivel. Eu não estou descontente com a profissão que exerço. Já habituei-me andar suja. Já faz oito anos que cato papel. O desgosto que tenho é residir em favela.

... Durante o dia, os jovens de 15 e 18 anos sentam na grama e falam de roubo. E já tentaram assaltar o empório do senhor Raymundo Guello. E um ficou carimbado com uma bala. O assalto teve inicio as 4 horas. Quando o dia clareou as crianças catava dinheiro na rua e no capinzal. Teve criança que catou vinte cruzeiros em moeda. E sorria exibindo o dinheiro. Mas o juiz foi severo. Castigou impiedosamente.

Fui no rio lavar as roupas e encontrei D. Mariana. Uma mulher agradavel e decente. Tem 9 filhos e um lar modelo. Ela e o espôso tratam-se com iducação. Visam apenas viver em paz. E criar filhos. Ela tambem ia lavar roupas. Ela disse-me que o Binidito da D. Geralda todos os dias ia prêso. Que a Radio Patrulha cançou de vir buscá-lo. Arranjou serviço para êle na cadêia. Achei graça. Dei risada!... Estendi as roupas rapidamente e fui catar papel. Que suplicio catar papel atualmente! Tenho que levar a minha filha Vera Eunice. Ela está com dois anos, e não gosta de ficar em casa. Eu ponho o saco na cabeça e levo-a nos braços. Suporto o pêso do saco na cabeça e suporto o pêso da Vera Eunice nos braços. Tem hora que revolto-me. Depois domino-me. Ela não tem culpa de estar no mundo.

Refleti: preciso ser tolerante com os meus filhos. Êles não tem ninguem no mundo a não ser eu. Como é pungente a condição de mulher sozinha sem um homem no lar.

Aqui, todas impricam comigo. Dizem que falo muito bem. Que sei atrair os homens. (...) Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo.

Minha primeira infância

Marina Colasanti

Minha primeira infância foi muito agitada. Ainda no ventre de minha mãe, viajei da Itália para a África, isso porque meu pai havia feito as Guerras de Conquista, conhecidas como Coloniais. A primeira vez foi convocado; a segunda, como voluntário. Apaixonou-se pela África e quis ficar. Pediu transferência das Confederações Industriais para lá.

Primeiro, ficou sediado em Asmara, uma colônia italiana, naquela época Abissínia. Ficamos na cidade, não sei exatamente quanto tempo, porque minha família não costumava registrar essas coisas.

Deve ter sido um ano e meio. Mudamos para Trípoli, na Líbia, também colônia italiana. Ficamos lá até pouco depois de estourar a guerra. A Itália declarou guerra em 1939, nasci em 1937.

Imagino que no final de 1939, início dos anos 1940, tenhamos regressado à Itália, minha mãe e as duas crianças. Meu pai ainda manteve a casa em Trípoli toda montada durante certo tempo, até ficar muito perigoso. Quando voltou para a Itália, perdeu tudo o que havia na casa, naturalmente.

Na Itália, moramos um tempo em Roma, onde nasceu meu terceiro irmão, depois viajamos durante os cinco anos da guerra, em parte porque meu pai era transferido e, eventualmente, tínhamos que mudar de cidade porque a guerra vinha avançando na Sicília, chegando chegando pelo sul, com a presença dos aliados. Íamos nos mudando para o norte. (...) Em 1948, viemos para o Brasil.

A casa de guerra

Marina Colasanti

A guerra, quando se está nela, não é nada parecida com o que se pensa. Tem até uma conferência que fiz sobre isso que se chama "Lendo na casa da guerra". Quando se está nela, envolvido nela, é uma normalidade, sobretudo se a pessoa nasceu no período de guerra. Nasci praticamente na guerra, a partir do momento que tenho memória do final de Trípoli, antes dos quatro anos. Lembro-me do avião no qual a gente saiu de Trípoli. Viemos de avião, sempre modernos... Mas a minha memória verdadeira começa quando já é guerra. Ela não é caótica, simplesmente muda, altera os códigos, estabelecem-se outros. Na guerra, as janelas devem ter cortinas, algumas pintadas de azul-marinho; depois das oito horas tem que fechar todas as janelas porque não pode passar luz; tem comida, não tem, comida falta, enfim... Mas a guerra cria os seus próprios códigos e estruturas.

Doces memórias

Adrielle Vieira de Oliveira

Parte 1

Percorro em sonhos a cidadezinha de minha infância. Um largo e caudaloso rio serpenteando a várzea fértil. A ponte de ferro da charqueada já se encontrava lá toda imponente. A luz elétrica ali produzida iluminava o centro da cidade. Poucos casarões de pau a pique ao longo da pacata rua Belo Horizonte, hoje a movimentada avenida Abílio Machado. Impossível esquecer-me da igrejinha do Rosário com sua torre norte sineira. Às quinze horas, começava um movimento pelas vielas. Lá se iam as senhoras atraídas pelo tocar do sino. Hora do terço, muito me admirava a fé daquelas pessoas! Mamãe, com apenas um olhar, recomendava-me silêncio e puxava a turma de carolas com cantos e orações. Rezávamos até para chover se a seca ameaçasse a plantação. Mas o que mais me encantava nesta igreja eram as missas das manhãs de domingo. Depois de uma longa homilia, saíamos a apreciar os poucos carros tipo "Ford Bigode" que circulavam em torno da praça. Ora, assentávamos nos banquinhos para uma boa prosa. Havia umas prosas de "arrancar picapau do oco". Enquanto isso, exalava dos casarões um cheirinho de macarronada com galinha caipira que dava água na boca. Só mesmo atraídos por estes aromas e pelo apito do trem das onze, assinalando o horário do almoço, é que deixávamos a pracinha do chafariz.

Parte 2

Quando o inverno chegava, minhas tristezas e alegrias contrastavam. Cortava-me o coração ver meu pai e mais seis irmãos saírem debaixo de um frio congelante para irem trabalhar arduamente na lavoura. Eu ficava em casa ajudando mamãe com os afazeres domésticos. Carregar pote de água na cabeça não era nada divertido. Pelo caminho, sonhava mesmo era carregar minha cartilha e ir para o Grupo Escolar. Como foi dolorido sair no segundo ano! Mas já sabia ler e isto bastava para as famílias pobres. Para esvair minha dor, só mesmo o canto e os mexericos das lavadeiras na mina. Sábias, ludibriavam bem quando eu estava por perto. Jamais envolviam crianças em assuntos de adultos.

Parte 3

Já as alegrias, vinham com as festas de São João. Fogueira gigante, noite estrelada e não poderia faltar aquelas broas de fubá com canela, de sabor jamais degustado igual, como aquelas que só vovó Conceição sabia fazer. Dezembro era pura magia! As chuvas e nossas brincadeiras no lamaçal. Quanta farra e criatividade! Os meninos abandonavam os carrinhos de lobeira - pequeno arbusto - e eu as minhas bonecas de retalhos. Como a rua era bem mais atrativa! Tudo ali se tornava fantástico. Construíamos castelos de barro e imaginávamos uma fábrica de chocolates. Ah chocolate! Só na imaginação mesmo, pois no empório da dona Gilda, onde se vendia do urinol ao chocolate, tudo era caríssimo. Comerciante boa era ela! Cartão de crédito era a palavra do freguês.

Parte 4

Inesquecíveis foram os saraus de fim de ano do Sr. Abner, ali a cultura, a arte e romance se misturavam. Quantos poemas ouvi, quanto me emocionei! Muitos casamentos saíram dali. Hoje, recordo-me de tudo com lágrimas quentes descendo dos meus olhos e salgando a boca. Porém o que permanece em minha memória adocica essa solitária velhice.

Os automóveis invadem a cidade

Zélia Gattai

Naqueles tempos, a vida em São Paulo era tranquila. Poderia ser ainda mais, não fosse a invasão cada vez maior dos automóveis importados, circulando pelas ruas da cidade; grossos tubos, situados nas laterais externas dos carros, desprendiam, em violentas explosões, gases e fumaça escura. Estridentes fonfons de buzinas, assustando os distraídos, abriam passagem para alguns deslumbrados motoristas que, em suas desabaladas carreiras, infringiam as regras de trânsito, muitas vezes chegando ao abuso de alcançar mais de 20 quilômetros à hora, velocidade permitida somente nas estradas. Fora esse detalhe, o do trânsito, a cidade crescia mansamente. Não havia surgido ainda a febre dos edifícios altos; nem mesmo o "Prédio Martinelli" — arranha-céu pioneiro em São Paulo, se não me engano do Brasil — fora ainda construído. Não existia rádio, e televisão, nem em sonhos. Não se curtia som em aparelhos de alta-fidelidade. Ouvia-se música em gramofones de tromba e manivela. Havia tempo para tudo, ninguém se afobava, ninguém andava depressa. Não se abreviavam com siglas os nomes completos das pessoas e das coisas em geral. Para que isso? Por que o uso de siglas? Podia-se dizer e ler tranquilamente tudo, por mais longo que fosse o nome por extenso — sem criar equívocos — e ainda sobrava tempo para ênfase, se necessário fosse.

Os divertimentos, existentes então, acessíveis a uma família de poucos recursos como a nossa, eram poucos. Os valores daqueles idos, comparados aos de hoje, no entanto, eram outros; as mais mínimas coisas, os menores acontecimentos, tomavam corpo, adquiriam enorme importância. Nossa vida simples era rica, alegre e sadia. A imaginação voando solta, transformando tudo em festa, nenhuma barreira a impedir meus sonhos, o riso aberto e franco. Os divertimentos, como já disse, eram poucos, porém suficientes para encher o nosso mundo.

Anarquistas, graças a Deus.
11ª- ed. Rio de Janeiro: Record, 1986.

O lavador de pedra

Manoel de Barros

A gente morava no patrimônio de Pedra Lisa. Pedra Lisa era um arruado de 13 casas e o rio por detrás. Pelo arruado passavam comitivas de boiadeiros e muitos andarilhos. Meu avô botou uma Venda no arruado. Vendia toucinho, freios, arroz, rapadura e tais. Os mantimentos que os boiadeiros compravam de passagem. Atrás da Venda estava o rio. E uma pedra que aflorava no meio do rio. Meu avô, de tardezinha, ia lavar a pedra onde as garças pousavam e cacaravam. Na pedra não crescia nem musgo. Porque o cuspe das garças tem um ácido que mata no nascedouro qualquer espécie de planta. Meu avô ganhou o desnome de Lavador de Pedra. Porque toda tarde ele ia lavar aquela pedra.

A Venda ficou no tempo abandonada. Que nem uma cama ficasse abandonada. É que os boiadeiros agora faziam atalhos por outras estradas. A Venda por isso ficou no abandono de morrer. Pelo arruado só passavam agora os andarilhos. E os andarilhos paravam sempre para uma prosa com o meu avô. E para dividir a vianda que a mãe mandava para ele. Agora o avô morava na porta da Venda, debaixo de um pé de jatobá. Dali ele via os meninos rodando arcos de barril ao modo que bicicleta. Via os meninos em cavalo de pau correndo ao modo que montados em ema. Via os meninos que jogavam bola de meia ao modo que de couro. E corriam velozes pelo arruado ao modo que tivessem comido canela de cachorro. Tudo isso mais os passarinhos e os andarilhos era paisagem do meu avô. Chegou que ele disse uma vez: Os andarilhos, as crianças e os passarinhos têm o dom de ser poesia. Dom de ser poesia é muito bom!

Memórias inventadas: a infância.
São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.

Nas ondas do rádio

Edson Gabriel Garcia

Cheguei a Nova Granada de manhãzinha, quase escuro, quase claro, a noite indo embora sem pressa e o dia, menos apressado ainda, dando as caras. Passei a alça da mochila pelo ombro e comecei a caminhar na direção da casa de meus pais, localizada no centro da cidade, para uma visita de carinho e saudade. O trajeto me obrigava a passar pela Igreja Matriz e pela praça central, uma seguida pela outra, ambas locais que agitavam minhas lembranças dos tempos da juventude que lá vivi. Dessa vez, qual não foi minha surpresa ao ver que a querida praça havia sumido e em seu lugar restava apenas uma quadra inteira de terra vermelha arrasada, alguns montes de pedra, areia e blocos de concreto. Quase morri de susto, depois de raiva. Como puderam fazer aquilo com a minha praça? Bem… assim que me assentei na casa dos velhos, saí para rever amigos, os poucos que sobraram tanto tempo depois. Acabei chegando à barbearia do Chico, o rei da tesoura, mais de cinquenta anos fazendo barba e cabelo de muitas gerações granadenses. O salão do Chico tornara-se uma espécie de registro oral das lembranças locais. E foi lá que eu encontrei o Edinho da dona Judi, velho amigo cinquentão, um dos poucos da minha turma de juventude que, mais corajoso de todos, resolveu ficar e tocar sua vida lá. Desabafei com o Edinho minha insatisfação com a praça.

E ele, calmo, como se pensasse um dia para escolher cada palavra.

– Pois é… coisa de política… logo tem eleição…

– E, quando tem eleição, a história da cidade vai pro espaço!? – comentei irritado.

– Pois é… que falta faz o Padre Miguel Lucas nessas horas…

Padre Miguel Lucas: o Edinho foi buscar essa lembrança lá nos idos finais dos anos sessenta. O jovem padre espanhol, pouco tempo de Brasil, que chegara a Nova Granada com rezas intensas e ideias novas.

– Você se lembra dele? Da casa paroquial, da rádio…

Claro que me lembrei dele. Dele e da emissora de rádio.

Ao falar da emissora de rádio, os olhos castanhos cor de mel do Edinho brilharam. Ele tinha sido personagem central na criação e no funcionamento da primeira emissora de rádio de Nova Granada. De locutor, criador de programas e textos de propaganda, ele tinha feito tudo, ou quase tudo.

"A primeira vez que o padre Miguel falou de instalar uma rádio na cidade, os olhos de todo mundo perguntaram o que, como, quando, por quê… E o padre, em seu portunhol delicado, foi respondendo e explicando: aqui, em uma das salas da casa paroquial; comprando e instalando um aparelho retransmissor de ondas sonoras; transmitir programas de música, esportes, notícias, missas… A gente só estava acostumado a ouvir rádio de cidade grande. Tupi e Bandeirantes de São Paulo, no máximo a Independência de São José do Rio Preto… Uma rádio em Nova Granada? Parecia coisa de outro mundo!"

Fui lembrando e vendo as imagens antigas desfilarem ali no zunzunzum do pequeno auditório improvisado no salão do Chico.

"Em pouco tempo a cidade inteira havia comprado a ideia. O nome, depois de muitas sugestões, acabou

ficando Rádio Educadora Granadense, uma mistura de intenções e desejos religiosos, educativos e artísticos. O retransmissor chegou, cara de objeto não identificado, e foi instalado na sala da frente da casa paroquial. Além dos botões de comando, dois toca-discos, conhecidos por pratos, e um microfone, parecido com aquele que vinha estampado na antiga Revista do Rádio, tudo instalado em uma mesa ampla e grande.

Todo mundo doou discos para a Rádio. Ela começou com mais de mil discos. Teve gente que tirou do baú verdadeiras relíquias, gravações de setenta e oito rotações, aqueles bolachões pretos e duros, com seus cantores preferidos: Francisco Alves, Anísio Silva, Trio Irakitan, Cascatinha e Inhana… Era uma época de transição dos discos de quarenta e cinco rotações, sucessores dos antigos bolachões de setenta e oito, para os mais modernos de trinta e três rotações, que começavam a dominar o mercado. Foi nesse primeiro arrastão de doações que eu peguei um compacto duplo de um cantor quase desconhecido por aqui, chamado Roberto Carlos, que depois acabou virando o maior vendedor de disco do país. splish plash, um dos seus primeiros sucessos! Lembrei-me do primeiro sucesso nas ondas da Rádio Educadora Granadense, uma música francesa, Ma vie, cantada por um tal de Alain Barrière. Às vezes, a cidade parecia um único e grande alto-falante: todas as casas com seus rádios ligados na nossa Educadora e a mesma música repetida em alto e bom som invadia o espaço."

No meio dessas lembranças gostosas, deixei escapar um sorriso maroto e trouxe de volta uma história inesquecível.

"Nunca vou me esquecer desse fato. Eu estava apresentando um programa e de repente fui atacado por uma desinteria daquelas… Daquelas que apertam o intestino, dá um nó nas tripas, faz você suar e, em segundos, você tem que achar um banheiro para atender o chamado urgente da natureza. E foi o que eu fiz. Coloquei um LP no prato, acho que um dos sucessos As 14 mais da gravadora CBS, e falei para alguém que estava na sala comigo: dê uma olhada aí que eu vou procurar um banheiro para fazer cocô… Até aí tudo bem, não fosse o microfone estar ainda ligado e todos os rádios, dos santos lares granadenses, receberem a minha sacrossanta informação. Foi o escândalo do mês: o filho do seu Lico, um bom menino, de família tradicional, tinha usado as ondas da rádio do padre para anunciar que ia fazer cocô…"

Bem… minhas memórias radiofônicas pararam por aí. Depois disso, ficamos apenas lembrando bobagens, artes, farras, enganos, estripulias e sacanagens dos nossos tempos de juventude Jovem Guarda.

Eu acabei esquecendo da praça arrasada e da emissora de rádio do padre. Interessante notar que uma cidade que tem um salão como o do Chico Barbeiro jamais terá suas memórias esquecidas. Ali sempre aparecerá alguém, como eu, sempre pronto para avivá-las e transmiti-las aos mais novos ou mais velhos e esquecidos..

Edson Gabriel Garcia. Nas ondas do rádio, fevereiro de 2004.

Como num filme

Antonio Gil Neto

Não foi difícil cair nas graças de Seu Amalfi. Direto, sincero, amoroso, foi logo falando de sua vida, com um jeito meio solto, especial, como quem vai montando uma sequência de cenas em nosso pensamento. De início, estáticas e em preto e branco, e, aos poucos, em impulsos coloridos. Depois de uma ou outra pergunta, quase nem precisei falar mais nada. Apenas ouvir, entregar- se à brincadeira da memória era o que bastava.

Ele foi contando, contando e imagens foram se instalando em mim como quem entra em um filme.

"Esse cheirinho de café pendurado no vento leve conduz a meu tempo mais antigo.

Pensei ouvir bem baixinho um fiapo de uma canção napolitana e tudo veio à tona. Logo lembrei-me de minha mãe torrando café, fazendo o pão, a macarronada. Bem que procuro não pensar muito para não marejar os olhos.

O começo de tudo foi na Itália. De lá vieram meus pais. Fugidos do horror da guerra, acabaram por fazer a vida aqui em São Paulo, onde nasci.

É a partir dessas lembranças que minha cabeça parece uma máquina de fabricar filmes.

Recordo muita coisa. Não só do que minha mãe contava, mais ainda das que eu vivi.

Lá pelos idos de 1929, com cerca de sete anos de idade, era menino feito. Minha vida era um misto de cowboy com Tarzan. Onde hoje fica o Shopping Center Norte era só mato, água e muita, muita terra. Era lá meu paraíso. Meu e dos meus amigos: o Vitorino, o Zacarias… Vivia para jogar futebol, nadar, pescar e caçar passarinhos.

Uma brincadeira de que gostávamos muito era 'chocar o trem'. Sabe o que é isso?

Era subir rapidinho no trem em movimento. Ele andava bem devagar, é claro, levando pedras da Serra da Cantareira para construir a cidade. Com o tempo seu trajeto se encheu de bairros: Tucuruvi, Jaçanã, Vila Mazzei, Água Fria e mais o que há agora. Lembra aquela música do Adoniran? Tem a ver com esse trem…

Da escola não gostava tanto. Não era um bom aluno, mas era esperto, vivido. Isso sim. O que acabava ajudando em muitas situações… Em um abrir e fechar dos olhos da memória lá estão a escola, o corre-corre das crianças e todos eles intactos e em plena labuta do dia: Dona Albertina, Dona Isabel, Seu Luís, os professores. Ainda o Seu Peter, o diretor, e Seu Luigi, o servente. Quantas vezes em meio à cópia da lousa, que seguia plena em silêncio e dever, disparava um piscar enviesado para meus companheiros de time. Quebrávamos as pontas dos lápis e com o descaramento e a falsa pretensão de deixarmos todos eles apontadinhos para a letra ficar bem desenhada e bem bonita nas nossas brochuras, lá íamos nós, atrás da porta e com a gilette em punho, armar em cochichos a melhor estratégia para o próximo jogo. Tudo lorota!

Meio moleque, meio mocinho, sempre dava algum jeito de arranjar um dinheirinho para ir à Voluntários, uma das poucas ruas calçadas do bairro, nas matinês do cine Orion.

Meu figurino era feito por minha mãe: uma camisa clara, bem limpa e passadinha com ferro de brasa. Com meus colegas ia ver o que estava em cartaz. Bangue-bangue era o melhor. Lembro-me do Buck Jones, do Rin Tin Tin, do Roy Rogers e mais uma porção daqueles bambas do momento. Também me recordo do cine Vogue e de Seu Carvalho, seu dono e operador, que, ao constatar a enorme fila na bilheteria, dizia para nós, garotos, com certo orgulho solene, só haver lugares em pé. Entrávamos mesmo assim. Depois de alguns minutos já tínhamos nossos lugares escolhidos e… sentados. No escurinho do filme começado, queimávamos um barbante malcheiroso que fazia todo mundo desaparecer de nosso lugar preferido. Comédia pura, não é?

Com o passar dos anos, veio o tempo do trabalho para valer. De aprendiz de químico tornei-me o titular na fábrica de perfumes dos libaneses. Fiz de tudo lá: brilhantina, rouge, pó de arroz, produtos muito usados na época. Veio também o tempo do namoro sério e, com ele, o cinema com sorvete a dois. Minha vida era um filme de aventuras, mais que outra coisa. Tive de vencer muitos obstáculos. E foi um bom tempo assim.

Construir uma família não é fácil, mas, como se sabe, o amor sempre vence.

Como nos filmes de amor, acabei me casando em technicolor e em cinemascope, como um galã, com minha Mercedes, mais bonita que Greta Garbo ou qualquer outra estrela de Hollywood. Com ela comecei a frequentar o centro de São Paulo. Íamos de bonde elétrico, descíamos na Praça do Correio e andávamos de braços dados pelos pontos mais elegantes da cidade.

Misturados aos carros que pertenciam a gente muito rica, estavam os cabriolés, uma espécie de carroça puxada a cavalos… Na Avenida São João estavam os melhores cinemas: o Marabá, o Olido, com seus camarotes e frisas. Quantos filmes! O Canal de Suez, E o Vento Levou!, O Morro dos Ventos Uivantes. Vejo-nos direitinho, como em um musical, indo para a cidade de bonde. O condutor, o Delmiro, mais parecia um bailarino, um Fred Astaire tropical, por conta dos trejeitos, malabarismos de corpo que fazia ao parar, descer, cumprimentar, receber as pessoas, acomodá-las e, enfim, conduzir o bonde.

Era mais que um motorneiro. Esse era um show à parte!

Se bem me lembro, o cinema me acompanhou a vida inteira. Isso porque sou do tempo do cinema mudo, veja você, onde os violinos e o piano faziam nossa imaginação ouvir as vozes e sentir as emoções dos artistas que passavam rápidos nas telas. Depois veio o cinema falado e para nós isso era a maior e a melhor invenção. Olhando para o que se passou, constato que fui um bom frequentador das telas. Com chuva ou com sol!

Até nossa primeira filha, com poucos meses de idade, não impedia nossa diversão preferida! Era nossa figurante proibida. Íamos ao Bom Retiro, ao cine Lux. Lá eu conhecia todo mundo e sentávamos com a menina nos braços bem na última fila, caso precisássemos sair às pressas para acalmar um choro repentino. Assistimos a tantas histórias e nossa menina dormia profundamente. Quase sempre.

Talvez por conta do trabalho, das exigências da vida, dos cuidados com a família e mesmo com a facilidade da televisão, acabei me dando conta de que fiquei muito tempo sem ir ao cinema. Engraçado, agora que estou praticamente sozinho, em consequência das perdas que a vida nos traz, o cinema volta com toda a força. Não perco quase nada do que passa nos shoppings perto de casa. Tudo é mais confortável, imenso. Mas tudo é mais barulhento, apressado e real demais. Não sobra muito tempo para sonharmos.

Mesmo assim, quero ir a outros cinemas desta cidade que cresceu e cresce tanto. O jeito é me armar de um celular para que minha filha não fique tão preocupada comigo por causa dessas minhas novas aventuras cinematográficas."

Quando releio o que está escrito, não sei onde está o que o seu Amalfi me contou e onde está o que projetei de sua vida em mim. Engraçado mesmo! Perdi-me nos labirintos da imaginação, onde o presente e o passado se fundem em um só desenho. A memória brinca com o tempo, como em um filme, como uma criança feliz.

Texto escrito com base no depoimento do sr. Amalfi Mansutti, 82 anos.

As almas do amém

Ilka Brunhilde Laurito

Naquela grande casa de pedra em que vovô Vincenzo e vovó Catarina moravam, ali na rua dos Anjos, havia uma escadinha misteriosa que subia de uma das grandes salas e que parava numa porta sempre trancada. Se escada tivesse nariz, eu poderia dizer que ela batia com o nariz na porta. A porta do sótão.

Ao perguntar para minha avó:

– Posso entrar lá?…

… ela me respondia:

– Não, Fortunatella. Criança não entra lá.

Lá, me parecia um lugar assombrado e perigoso. Por isso mesmo fascinante. […]

Uma vez por semana, vovô Vincenzo reunia à noitinha todos os netos […]. Ele puxava um grande terço de madeira e começava a rezar. Todo mundo rezava junto com ele e, ao final, um vibrante coro dizia bem alto: AMÉM! Ao ouvir esse amém final e triunfante, vovô Vincenzo erguia as mãos para o céu e encomendava o terço para as almas daqueles que já haviam morrido […].

Pois naquela noite iluminada, quando vovô fechou o coro do terço, erguendo as mãos e os olhos para o alto, tive a certeza: quem morava no sótão eram as almas do AMÉM! […]

Um dia porém – e sempre, em toda história, há o dia de um porém -, prima Rina […] perguntou-me de súbito:

Fortunatella, o que é que o vovô guarda de bom lá no sótão, hein?

Ofendida, respondi-lhe mais que depressa:

– Vovô não guarda nada LÁ dentro. LÁ moram as almas do AMÉM, que guardam a casa de dia e de noite, principalmente de noite.

Rina soltou uma grande gargalhada e me chamou de boba, desafiando-me:

– Pois você vá LÁ visitar essas almas, que terá uma grande surpresa.

Eu não aguentava desafios. E não sosseguei enquanto não me vi sozinha em casa, apertando nas mãos a chave do sótão, que a vovó guardava dentro de um vaso. Subi devagarinho e com o coração assustado aquela escadinha que ia dar com o nariz na porta. E, quando a abri, pus meu nariz no escuro. […]

Procurando a janela, percebi uma fresta de luz escorrendo de um quadrado de madeira. Escancarei-o, e a janelinha se debruçou sobre os telhados da casa de Rina. Voltei-me para olhar para dentro do sótão em que deviam dormir as almas do AMÉM! […] O que ali estava, pendendo do teto, ou muito bem armazenados em caixas e sacos, eram salames, azeitonas, queijos duros, figos secos, nozes, avelãs, amêndoas e mais um monte de coisas gostosas que minha avó Catarina fazia subir pela escadinha toda vez que ia até o sótão. Era ali o estoque de alimentos para os dias de inverno, quando o frio enregelava os campos e não havia colheita. Era a comida para os corpos do AQUI. […]

Eu logo achei que vovô Vincenzo e vovó Catarina não se importariam se eu distribuísse o estoque entre os netos. E me preparei para fazer escorregar para o telhado vizinho metade daqueles alimentos que meus avós haviam armazenado com tanto sacrifício para os dias difíceis.

Eu disse "me preparei". Porque uma comadre que passava pela rua, ouvindo risadinhas sobre os telhados vizinhos, correu a chamar vovó, que estava na Igreja de San Leone,

lá na praça da Acquanova. […]

Vovó Catarina levou um susto, mas me perdoou […].

E foi assim que acabei descobrindo que, quando vovô Vincenzo acabava o terço e erguia as mãos para o teto, talvez estivesse pedindo às almas do AMÉM que velassem pela fartura dos campos da Calábria e que nunca deixassem faltar o pão e o vinho sobre as mesas a fim de que nenhum calabrês, nunca mais, precisasse emigrar para terras alheias.

A menina que fez a América. São Paulo: FTD, 2002.

PDE